

**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO EM SAÚDE**

NHANDEYJARA DE CARVALHO COSTA

**O LADO DURO DA VIDA FÁCIL
a exploração sexual de meninas adolescentes da periferia de
Fortaleza-CE e o resgate da cidadania.**

**FORTALEZA - CE
2005**

NHANDEYJARA DE CARVALHO COSTA

**O LADO DURO DA VIDA FÁCIL
a exploração sexual de meninas adolescentes da periferia de
Fortaleza-CE e o resgate da cidadania.**

Dissertação apresentada a banca examinadora por Nhandeyjara de Carvalho Costa, sob a orientação da Prof^ª. Dr.^ª Marilyn Kay Nations, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação em Saúde pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

**FORTALEZA-CE
2005**

NHANDEYJARA DE CARVALHO COSTA

**O LADO DURO DA VIDA FÁCIL
a exploração sexual de meninas adolescentes da periferia de
Fortaleza-CE e o resgate da cidadania.**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Marilyn Kay Nations – UNIFOR
Orientadora – Presidente da Banca

Prof.^a Dr.^a. Fátima Luna Pinheiro Landim - UNIFOR
Examinadora

Prof.^a Dr.^a Lorena Barbosa Ximenes – UFC
Examinadora

Prof.^a Dr.^a Raimunda Magalhães da Silva – UNIFOR
Suplente

Aprovada em : 28/01/2005

AGRADECIMENTOS

A Deus, por seu imenso amor e pelo dom da minha vida.

A minha mãe, Mazé, pelo carinho, amor e dedicação com que me criou. Sempre me guiando pelo caminho da verdade e sofrendo comigo nos momentos mais difíceis da minha vida. Obrigada, mãe, pois tudo o que sou hoje devo a você.

A minha orientadora Prof.^a Dr.^a Marilyn Kay Nations, pelas orientações preciosas e conhecimentos adquiridos nesta longa e árdua caminhada.

As Professoras Doutoras Fátima Luna e Lorena Ximenes, por terem aceitado participar desta banca examinadora e pelo carinho e paciência com que me receberam todas as vezes que precisei.

Em especial à Prof.^a Dr.^a Raimunda Magalhães da Silva, coordenadora do Mestrado, que soube conduzir com muita delicadeza e serenidade esta etapa final do Mestrado. Obrigada pela compreensão e carinho a mim dedicados.

A todos os professores do Mestrado de Educação em Saúde, pelos conhecimentos adquiridos e o despertar de uma nova consciência sobre ser **educador em saúde**.

A todos os colegas do Mestrado pelos momentos juntos em sala de aula.

Aos amigos queridos, Osvaldo (caboré), Silvia (a crítica-reflexiva), Kristiane (florzinha), Ediara (docinho), pelo incentivo e momentos alegres compartilhados.

Em especial a minha grande amiga Ivana Marinho Paiva Freitas, pela oportunidade de ter uma pessoa tão especial e querida ao meu lado. Pelos momentos de ansiedade e angústia compartilhados e pelas lágrimas derramadas quando o Mestrado parecia um fardo pesado demais para carregar.

Aos pais da Ivana, Dr. Luis Paiva Freitas e Dona Ivanira Freitas, por terem me acolhido em sua residência nos momentos finais deste curso.

Aos funcionários do mestrado, Cleide e Marciliano, pela disposição e boa vontade em me ajudar quando era preciso.

Ao meu querido Rafael, funcionário do Mestrado, pela paciência e dedicação com que sempre me tratou e por ter me aturado dia e noite no laboratório de informática do Mestrado.

A todas as adolescentes que participaram deste estudo, por terem aceito colaborar na sua realização.

“ Uma cabeça bem-feita é uma cabeça apta a organizar os conhecimentos e, com isso, evitar sua acumulação estéril.”

(Edgar Morin)

RESUMO

A exploração sexual infanto-juvenil é um problema mundial que utiliza crianças e adolescentes para fins prostituidores e lucrativos, transformando-as em meras mercadorias, ceifando os sonhos de crianças que são obrigadas a se tornarem mulheres precocemente e roubando-lhes a dignidade humana. Este estudo teve como objetivo geral: compreender o significado de ser menina adolescente e viver em situação de prostituição num bairro da periferia da cidade de Fortaleza-CE. São objetivos específicos: 1) investigar os problemas percebidos, sentidos e vividos pelas adolescentes, os quais influenciam nas suas vidas no contexto local em que estão inseridas; 2) identificar competências para a promoção de uma vida sexual saudável; 3) subsidiar estratégias educativas que “empoderem” (*empower*) as adolescentes para a promoção da saúde, através da educação e prevenção. O estudo é de caráter descritivo, com abordagem qualitativa e embasado em pressupostos da Antropologia Interpretativa. Os locais do estudo foram: o Bairro Vicente Pízon - conhecido popularmente como Serviluz - onde foram aplicadas as entrevistas semi-estruturadas, a avenida Beira-Mar e farol do Porto do Mucuripe, onde se realizou a observação livre sobre o problema em foco. O período de coleta de dados correspondeu aos meses de agosto a novembro de 2004. Os sujeitos foram oito meninas adolescentes de treze a dezessete anos de idade que viviam a realidade da prostituição e que concordaram, de livre e espontânea vontade, em participar do estudo. Os dados foram analisados a partir do referencial teórico proposto por Bardin – análise temática – tomando como pano de fundo conhecimentos teóricos sobre Antropologia Interpretativa e outros já trabalhados na revisão de literatura. Os resultados revelaram que todas as informantes possuíam histórias de vida marcadas por dor, sofrimento e perdas frente a uma realidade que abriga ao mesmo tempo a pobreza da favela e o luxo da av. Beira-Mar. Não há causa única, mas uma multiplicidade de fatores que empurram e seduzem as adolescentes para a vida na rua como, por exemplo, a estrutura familiar abalada, a mãe prostituta, a necessidade financeira e, por outro lado, a influência da amiga, o trabalho na rua e a sedução dos anúncios de jornal que procuram garotas. A perda da virgindade foi citada como uma experiência amorosa e um ritual de passagem para a prostituição. Ao contrário do que a sociedade imagina, a vida na prostituição não é fácil e as adolescentes estão expostas a todo tipo de violência, desde espancamentos até a real tentativa de morte pelos fregueses. Aliada à necessidade financeira, há uma relação de poder e dominação do freguês sobre a garota que a impede de praticar o sexo seguro. Frente à vida que levam, as informantes manifestaram baixa auto-estima e desenvolveram mecanismos de autoproteção. Enfim, elas não se percebem como peças de um jogo de poder e dinheiro, que é o mercado do sexo. Entende-se que somente a partir de uma tomada de consciência de si mesmas como seres pensantes e ativos no mundo em que vivem, é que as meninas terão condições de exercer sua cidadania e reaver a dignidade que a vida na prostituição lhes roubou. Assim, deve haver uma ação educativa e emancipadora por parte do governo e sociedade civil, cada um com sua parcela de responsabilidade social pelo problema.

PALAVRAS – CHAVE : prostituição, adolescentes, promoção da saúde, resgate da cidadania.

ABSTRACT

The infant-juvenile sexual exploration is a world problem that uses children and adolescents for prostitution and lucrative ends, transforming them in mere goods, suspending the children's dreams and they are forced to turn women preconsciously and stealing them the human dignity. This study had as general objective: to understand the meaning of to be adolescent girl and to live in prostitution situation in a neighborhood of the periphery of the city of Fortaleza-CE. The specific objectives are: 1) to investigate the noticed problems, felt and lived by the adolescents, which influence in their lives in the local context in that they are inserted, 2) to identify existent competences for a healthy sexual life promotion, 3) to subsidize educational strategies that empower the adolescents for the health promotion, through the education and prevention. The study had a descriptive character, with qualitative approach and based in presupposed of the interpretative anthropology. The places of the study were: Vicente Pizon neighborhood - known popularly as Serviluz - where the semi-structured interviews were collected, Beira-Mar Avenue and Light of Porto do Mucuripe where accomplished the free observation on the problem in subject. The data collection period corresponded to the months of August to November of 2004. The subjects were eight adolescent girls from thirteen to seventeen years of age that lived the reality of the prostitution and that they agreed with good grace in participating in the study. The data were analyzed starting from the theoretical referential proposed by Bardin – thematic analysis - taking as backdrop theoretical knowledge on Interpretative Anthropology, and others already worked in the literature revision. The results revealed that all the informers possessed life histories marked by pain, suffering and losses front to a reality that shelters the poverty of the slum and the luxury of Beira-Mar Avenue at the same time. There isn't an only cause, but a multiplicity of factors that push and seduce the adolescents for the life in the street as for instance the affected family structure, the mother prostitute, the financial need and on the other hand the friend's influences, the work in the street and the seduction of the newspaper announcements that seek girls. The loss of the virginity was mentioned as one experiences loving and a ritual of passage for the prostitution. In spite of the society imagines the life in the prostitution it's not easy and the adolescents are exposed the every violence type, from beatings until the real death tentative for the customers. Allied the financial need, there is a relationship of power and dominance of the customer on the girl that impedes her of practicing the safe sex. Front the life that the informers take they manifested a low self-esteem and they developed solemnity-protection mechanisms. Finally, they are not noticed how pieces of a power and money game that is sex market. I understand that they need to have conscience of themselves how a thinking and active being in the world that they live, so the girls will have conditions of to exercise their citizenship and to ransom the dignity that the life in the prostitution stole them. As instrument for that conscience decision should have an educational and emancipated action on the part of the government and civil society, each one with the portion of social responsibility for the problem.

KEY – WORDS: prostitution, adolescents, health promotion, citizenship ransom.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	OBJETIVOS.....	15
3.	REVISAO DE LITERATURA.....	16
3.1	A ADOLESCENCIA NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL.....	16
3.1.1	Os espaços do adolecer.....	16
3.1.2	Vulnerabilidade e adolescência.....	22
3.1.3	Leitura sociocultural da sexualidade e sua relação com a negociação do sexo seguro.....	25
3.2	PROSTITUICAO DE MENINAS ADOLESCENTES.....	29
3.2.1	Violência estrutural e desigualdades sociais.....	29
3.2.2	Fortaleza como cenário da prostituição.....	34
3.3	EDUCACAO EM SAUDE, ADOLESCÊNCIA E ENFERMAGEM: parceria necessária.....	41
3.3.1	Perspectiva histórica e conceitual da Promoção da Saúde.....	41
3.3.2	Tendências pedagógicas da Educação em Saúde.....	47
3.3.3	A Enfermagem na Promoção da Saúde dos adolescentes.....	52
4.	CAMINHO METODOLÓGICO.....	57
4.1	Caracterização do estudo.....	57
4.2	Pressupostos da Antropologia Interpretativa.....	59
4.3	Procedimentos.....	64
5.	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	73
5.1	OITO MENINAS, OITO MULHERES: narrativas do “lado duro da vida fácil”.....	73
5.2	PORTÃO DA PROSTITUIÇÃO: do luxo da av. Beira-Mar à pobreza do Farol do Mucuripe.....	83
5.3	“CAIR NA VIDA” : fatores que empurram as adolescentes para a vida na rua.....	88
5.4	PERDA DA VIRGINDADE: ritual de passagem para a rua.....	94
5.5	FATORES QUE SEDUZEM A ADOLESCENTE PARA A RUA.....	96
5.6	SOBREVIVENDO NO MUNDO DA PROSTITUIÇÃO.....	100
5.7	DEFENDENDO-SE DAS DORES DA VIDA DURA: estratégias de	

	autoproteção.....	116
5.8	AUTO-ESTIMA AGREDIDA E ABALADA.....	119
5.9	PRESA NA REDE GLOBAL DE EXPLORACAO SEXUAL.....	122
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
	REFERÊNCIAS	133
	APÊNDICES.....	139
	ANEXOS.....	141

1 INTRODUÇÃO

O problema da prostituição de meninas adolescentes torna-se hoje uma questão a ser tratada com seriedade e urgência. Como informam Bomtempo, Bosetti, César e Leal (1995), deve haver maior preocupação pelo agravamento de um fenômeno do qual não se conhecem as reais proporções e está relacionado com o aumento da pobreza e miséria, desemprego, violência doméstica, desagregação familiar, perda de valores culturais, carência do sistema escolar, tráfico e consumo de drogas, que representam uma ameaça séria para as adolescentes brasileiras, especialmente das classes menos favorecidas.

A prostituição consiste para muitas meninas num meio de contribuir para a precária renda familiar ou ter acesso a bens de consumo que não estão no seu alcance. Vítimas da violência de adultos, aprendem a utilizar seu corpo como mercadoria de troca na esperança de mudar o curso de uma existência que parece já traçada, em que o sonho e a brincadeira deixaram precocemente seus lugares à dor e à luta pela sobrevivência. O sonho das meninas-mulheres, porém termina na rede de exploradores sem escrúpulos ou na morte. Ademais não se deve esquecer de que associada ao tráfico e consumo de drogas, a prostituição é causa de graves infecções, em particular da AIDS, estando essas crianças e adolescentes expostos a tais riscos (BOMTEMPO, BOSETTI, CÉSAR E LEAL, 1995).

Nesse contexto, mister se faz esclarecer que a prática do lenocínio infanto-juvenil apresenta-se em todo o País, embora com formas diversificadas que se relacionam com a organização e a economia local. Assim, na região Norte, ela está ligada à prática do garimpo, enquanto no Nordeste o turismo é o motor desse complexo fenômeno, subsidiando o desenvolvimento de uma intrincada e organizada rede de exploração sexual comercial, envolvendo diferentes atores sociais, como donos de bares, de barracas de praia, de hotéis e motéis, taxistas, policiais, entre outros.

Numerosas meninas das regiões mais distantes do Brasil, que às vezes nem sequer chegam à adolescência, são vítimas de tráfico, leilão e venda, com o fim de prostituí-las em paraísos do turismo sexual, como Recife, Natal e Fortaleza. Segundo dados de ONG's baseados em denúncias, acredita-se que 500 mil meninas estão envolvidas com a prostituição no Brasil, vítimas de um negócio que movimenta mais de 120 milhões de dólares por ano. Em razão, porém, do fato de que a prostituição é uma atividade clandestina, mais particularmente oculta no

caso de infantes, ninguém pode assegurar cifras completamente confiáveis e acredita-se que a realidade envolve números maiores (BRASIL, 2002).

A Associação Brasileira contra a Prostituição Infantil declara que esse abuso já tirou a vida de 600 meninas e meninos nos últimos anos, a metade, como vítimas da AIDS e os demais nas mãos da polícia e dos próprios clientes. Segundo informes do Comitê de Estudos da Exploração Sexual e da Comissão Legislativa do Estado de Pernambuco, há cerca de 30 agências na Europa que vendem pacotes de turismo sexual, inclusive antes de embarcar, os turistas já dispõem de álbuns de fotos das mulheres prostituídas, das quais a maioria - um terço ao menos no Recife – são meninas de 10 a 16 anos de idade (BRASIL, 2002).

Na zona oeste do Rio de Janeiro, o valor cobrado por uma menina para fazer programas sexuais é 1,99 real. Situação pior foi encontrada na região do vale do Jequitinhonha, na Bahia, onde a Comissão Parlamentar de Inquérito que apura as denúncias sobre exploração sexual infanto-juvenil ouviu depoimentos de meninas que se prostituíam por cinquenta centavos. Na cidade de Poxoréu (MT), no ano de 2003, 122 meninas de 12 a 16 anos que estavam envolvidas na exploração sexual tiveram filhos, e, no ano anterior, 92 engravidaram. Os fatos são inacreditáveis, como no caso da região Norte na zona de garimpo, onde adolescentes eram tratadas como escravas e as que se negavam a se prostituir eram decapitadas (CORPO, 2003).

Trazendo o fenômeno para o cenário local, onde desenvolvi o estudo, sabe-se que não é de hoje que o Ceará, especialmente Fortaleza, se defronta com o grave e delicado problema social que é a prostituição infanto-juvenil. Pesquisa realizada por Diógenes (1998), indicou um aumento de 150% no índice que aponta as ocorrências caracterizadas por vítimas de prostituição. O registro foi relativo aos anos de 1996 e 1997 e mostrou a gravidade do problema no Ceará. Uma informação ainda mais preocupante, no entanto, quando se observa como a mesma pesquisa verificou que, entre 1996 e 1997, o quadro direto e indireto da violência sexual se manteve estável. O “destaque” ficou por conta da prostituição infanto-juvenil.

Concordo com o comentário da Prof.^a Dr.^a Glória Diógenes ao afirmar que esta não é, com certeza, uma posição de destaque almejada por nenhum setor da sociedade, no entanto este quadro é gestado neste mesmo meio social que admite e ao mesmo tempo nega um processo de verdadeira institucionalização da desigualdade e dos mecanismos de sua reprodução.

Assim, entendo que o problema não deve ser pensado apenas como simples relação de causa e efeito, mas precisa ser repensado como uma complexa e ampliada rede multifatorial

que cada vez mais vai transformando o corpo numa mercadoria expropriada com valor de troca na luta pela sobrevivência, sendo esse valor determinado por algumas variáveis, especialmente a idade, ou seja, quanto mais jovem, mais “valiosa” e procurada será a mercadoria.

Esta transformação sobre o conceito e o uso do corpo é conseqüência de um estado social carregado de profundas desigualdades. Uma situação que produz crianças e jovens de baixa renda como integrantes compulsórios de uma espécie de exércitos de indivíduos reprovados de imediato para o exercício de uma vida plena e digna. Tanto a ausência dos direitos básicos de vida como as constantes situações de risco das mais diversas formas criam um terreno propício ao desenvolvimento da prostituição infanto-juvenil. É um realidade que, não por acaso, chega “acompanhada” do aumento no índice de gravidez na adolescência (DIÓGENES, 1998).

O interesse em estudar o tema em foco emergiu de minha indignação na qualidade de enfermeira, cidadã e pesquisadora, ao ver constantemente nos diversos meios de comunicação notícias sobre a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes em todo o País, e em particular na cidade de Fortaleza, visto que ao lado da cidade do Recife, assumem posição de destaque no cenário regional. Ante esta realidade, eu não poderia ficar inerte a tão violenta agressão e destruição moral e física dessas adolescentes. Entendendo que esse é um problema de toda a sociedade, não poderia me furtar de conceder minha parcela de responsabilidade social.

Acredito que a pesquisa social – antropológica torna-se indispensável no âmbito das ciências da saúde e, no caso particular da Enfermagem, visto que em nossa formação acadêmica é dada mais ênfase às disciplinas da Biomedicina, deixando uma lacuna no conhecimento das ciências sociais e da Antropologia. Assim, torna-se necessário o desenvolvimento deste estudo e a construção de conhecimento sobre a realidade social-antropológica das adolescentes em situação de prostituição e seus liames com a educação e a promoção da saúde. Entendo que existe uma intersecção do meio social com a Antropologia, a Educação e a Saúde, e, querendo compreender os fenômenos ocorridos em um meio, necessário se faz o estudo da interação de todos esses aspectos.

Nesse sentido, desenvolvi este estudo pautada nos pressupostos ora citados e na prática da Educação em Saúde, que é definida por Homem D’El Rey (2000, p.55) como “um processo que capacita o indivíduo, propiciando seu auto-conhecimento da realidade, identificação de forças que interagem em seu ambiente de vida e participação na busca conjunta de alternativas

de transformação das suas condições de vida!”. É uma prática social situada entre a Saúde e a Educação.

Decidi então, enveredar por esse caminho e me dedicar ao estudo do mundo dessas meninas em situação de prostituição, buscando compreender como é para elas estar em tal condição, qual o autoconceito e como percebem e enfrentam aquela realidade. Será que a exploração sexual também é sentida e percebida pelas adolescentes? Ou essa é uma visão apenas da sociedade?

Na busca de um referencial teórico-metodológico que pudesse permear o estudo, optei por usar pressupostos da Antropologia Interpretativa, pois, diante dos objetivos propostos neste estudo - onde serão estudados aspectos relacionados à cultura, sociedade, conjuntura socioeconômica, competências desenvolvidas pelos sujeitos e descrição de sentimentos que envolvem a realidade vivida, sentida e percebida por aqueles atores sociais - a abordagem antropológica se mostrou a mais adequada, pois permite uma descrição e um entendimento compreensão dos fenômenos por meio da interpretação da cultura local.

Como pesquisadora, acredito que a produção acadêmica tem uma função além da elaboração do conhecimento científico, ou seja, este saber deve ser disponibilizado e servir à sociedade, conferindo-lhe subsídios para ações concretas de combate aos problemas sociais, bem como auxiliar na formulação e implementação de políticas públicas que realmente atendam às necessidades da população, contribuindo para a promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida.

2 OBJETIVOS

Geral:

Compreender o significado de ser menina adolescente e viver em estado de prostituição num bairro da periferia da cidade de Fortaleza-CE.

Específicos:

1. Investigar os problemas percebidos, sentidos e vividos pelas adolescentes, os quais influenciam nas suas vidas no contexto local em que estão inseridas.
2. Identificar competências para a promoção de uma vida sexual saudável.
3. Subsidiar estratégias educativas que “empoderem” (*empower*) as adolescentes para a promoção da saúde, mediante a educação e a prevenção.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 ADOLESCÊNCIA NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL

3.1.1 Espaços do adolescer

Todos passam pela experiência de adolescer, pois, para entrar na vida adulta, ninguém escapa da adolescência, por mais diversos que sejam os modos de vivê-la. A partir do momento em que a sociedade moderna passou a reconhecer a adolescência no processo de vida humana – quando esta se tornou fato passível de compreensão, simbolização e representação – é possível tomá-la como fenômeno individual e social.

Como parte inexorável do processo de viver humano social, o adolescer, assim como nascer, envelhecer e morrer, ocorre em sociedades concretas, em dadas condições de existência. Para além das diferenças individuais, a vida humana é marcada pelo seu tempo e espaço, pelas possibilidades socialmente criadas para a humanidade em geral e para cada ser em particular, em face de suas também mutáveis necessidades. Em sociedades assinaladas pela desigualdade, ou melhor, em sociedades que não cessam de inventar formas de exclusão, os modos com que se expressam a complexidade e a diversidade do processo de adolescer evidenciam o enorme desafio dos direitos humanos (RAMOS, 2001).

Assim, todos devemos atentar em particular para a sociedade brasileira, carregada de profundas desigualdades sociais, que originam a cada dia modelos complexos de exclusão social. A população é assistida com políticas públicas assistencialistas, de cunho paternalista, que tentam mascarar a realidade, em vez de transformá-la com ações concretas que despertem o indivíduo para reaver sua cidadania.

Ramos (2001) acredita que o compromisso com a saúde e a qualidade de vida da população jovem brasileira adquire uma radicalidade, no sentido de um confronto essencial com demandas e desafios que, embora não se restrinjam aos limites dos serviços de saúde, incorporem estes espaços assistenciais como importante *locus* de transformação e de garantia ao usufruto de direitos.

Entendo que a concepção de adolescência predominante no interior das práticas de saúde, que a tomam como seu objeto de intervenção, confere a esta uma natureza a-histórica, estereotipada e naturalizada, situada como conjunto de fenômenos biológicos e universais do processo de crescimento e desenvolvimento. Tal forma de conceber denuncia os limites do recurso à adolescência como categoria instrumental para apreensão e transformação das condições de saúde, num modelo centrado em intervenções sobre problemas específicos, não convertidos em uma política de atenção global a este grupo, e que subordina todos os aspectos relativos à saúde no âmbito biológico. Necessária se faz a implementação de um modelo de atenção à saúde do adolescente, em que este seja visto como um ser holístico, que possui, além do corpo físico e biológico, uma corporeidade subjetiva interligando processos físicos e emocionais.

Nesse contexto, faz-se necessária a compreensão do autoconceito dos adolescentes na busca de maior apreensão sobre o “ser adolescente”. O autoconceito é um fator crucial para a identificação de necessidades e implementação de serviços que levem em consideração os componentes cultural e psicológico dos jovens.

O autoconceito é a atitude valorativa que um indivíduo tem sobre si mesmo, acerca da própria pessoa. Trata-se da estima, dos sentimentos, experiências ou atitudes que o indivíduo desenvolve sobre seu próprio eu. O autoconceito desempenha um papel central no psiquismo do indivíduo. É de grande importância para sua experiência vital, saúde psíquica, atitude para consigo mesmo e para com os demais, por fim, para com o desenvolvimento construtivo de sua personalidade (SÁNCHEZ E ESCRIBANO, 2000).

A adolescência, compreendida para além de sua demarcação temporal, incorpora a idéia do adolescente como protagonista na construção de seu processo de vida pessoal e coletivo, o que lhe confere um potencial de emancipação, autonomia e responsabilidade social. Além disso, o adolescente é cidadão que tem, além dos direitos básicos, aqueles próprios à sua particular existência o que remete a especial consideração à sua diversidade, unicidade e direitos à proteção contra as diversas formas de violência, exploração e riscos a que está exposto e também à informação, à escolha, à autodescoberta, à expressão e, principalmente, à esperança e uma perspectiva de futuro melhor (RAMOS, 2001; MANDÚ, 2001).

O processo de adolecer possui componentes genéticos e biológicos, conhecimentos e valores construídos ao longo das experiências de vida, além de uma estrutura psicoemocional e

potencial para o questionamento e criação. As marcas sociais desse processo fundam-se na história familiar e de socialização, nas relações de igualdade/desigualdade vividas em torno das categorias de gênero, classes sociais e etnia, no partilhamento de preceitos de moralidade e hierarquizações, entre outros tantos elementos que dão contorno à subjetividade humana (MANDU, 2001).

A família precisa ser apreendida em sua historicidade e permanente transformação, envolvendo finalidades, estruturas, conformações e significados diversos, bem como compromissos mútuos, interações, desempenho de papéis, transmissão de cultura, hábitos, valores e modos de vida. O contexto familiar é fundamental na definição de experiências de crescimento, desenvolvimento e construção da identidade do adolescente e deve ser visualizado como dinâmico em que histórias de vida e projetos individuais interagem e se conformam num complexo de relações plurais e não excludentes, de afetos, de poder e resistência, conflitos e dominação, cooperação e harmonia, entre outras.

Partindo dessa compreensão, se torna-se possível desenvolver projetos integrados de acordo com as necessidades, potencialidades e peculiaridades de cada família e comunidade, propondo ações que contemplem conteúdos nos planos afetivo, de sobrevivência e de conquista de direitos de cidadania; vinculando propostas de maximização do potencial dos membros familiares com a condição de famílias cidadãs e de comunidades saudáveis.

Para Rocha, Tassitano e Santana (2001), a família representa um sistema dinâmico e por isso, em constante transformação. Ao abordá-la, como alvo da atenção à saúde, os profissionais devem considerar esse movimento e a diversidade de modelos que se apresentam, já que cada um pode estar caracterizado por situações e necessidades bastantes peculiares. Os programas muito especializados e fragmentados, portanto, não possibilitam essa visão global da realidade do grupo familiar.

Na abordagem à família como um dos espaços do adolescer, há de se incluir, entre outras questões, a atenção para o trabalho infanto-juvenil, condições de habitação, segurança, alimentação, esporte, lazer, educação, os direitos sexuais e reprodutivos, a prevenção e o combate ao uso de substâncias psicoativas, prevenção e manejo de situações de violência. A família é parte de uma comunidade constituída de outras famílias, que possui potenciais recursos a serem explorados.

No acompanhamento do adolescente na família, é fundamental considerá-la não apenas como um simples “somatório de comportamentos, anseios e demandas individuais”, mas sim, como um processo integrante da vida e das trajetórias individuais de seus integrantes (KALOUSTIAN, 1998).

Apesar das grandes mudanças, da co-responsabilidade legal do Estado e da comunidade em relação às crianças e adolescentes, o bem-estar deles ainda continua dependendo, mormente do vínculo que mantém com suas famílias, em sua condição para propiciar afeto, bens materiais, valores éticos, humanitários e culturais necessários à formação de cidadãos. Assim, a família deve ser valorizada como espaço de produção de identidade social, ter respeitadas suas diferenças étnicas e culturais, e não ser rotulada de irregular ou desestruturada, com atitudes consideradas preconceituosas e discriminatórias (ROCHA, TASSITANO E SANTANA, 2001).

Quanto à escola, acredito que esta assume uma posição marcante na vida de crianças e adolescentes, independentemente de concepções político-educacionais. É na escola que ocorrem diversos tipos de relacionamentos entre pessoas e aprendizagens, e isto não significa que tais ocorrências sejam previstas ou promovidas pela instituição em foco. É verdade que esse instituto é importante para o desenvolvimento de pessoas, porém mais relevante do que o lema “escola para todos” é a formulação e implementação de políticas públicas e mecanismos que além de assegurar a todos os segmentos o acesso à escola, promovam ali a permanência. Dessa forma, busca-se a minimização do problema da evasão escolar e da repetência, associadas às precárias condições socioeconômicas. O investimento para que todas as crianças e adolescentes possam freqüentar escolas é um princípio que deve ser incessantemente perseguido por todos, aí incluindo-se os profissionais de saúde.

A educação constitui um dos direitos fundamentais da criança e do adolescente, devendo ser assegurada pelo poder público, encarregado de fornecer as condições necessárias à sua efetivação. Sendo assim, a escola situa-se na vida do jovem como uma instituição de grande significado, por proporcionar o exercício de sua identidade para além da família, em contatos com contextos de condicionamentos e diferenças sociais, e por criar condições para a produção e o acesso a novos saberes e ao conhecimento socialmente produzido e sistematizado. A escola também é um espaço privilegiado para a Promoção da Saúde num enfoque ampliado, na perspectiva de construção de cidadania e de envolvimento dos diversos atores que compõem este

universo: estudantes, profissionais de educação, membros familiares, líderes comunitários e profissionais de saúde (ROCHA, FERRIANI E SOUSA, 2001).

Além de assinalar a importância da educação para crianças e adolescentes, defendo a idéia de promoção do conhecimento e práticas de saúde que se possam à escola e a outras instituições, na busca de transformações sociais.

Concordo com Adam & Herzlich (1994), quando observam que tanto a saúde como a doença configuram-se como exigências e expectativas ligadas às relações familiares e profissionais e ao meio ambiente em geral. Segundo os autores, para se interpretar os fenômenos corporais, as pessoas se baseiam em noções, símbolos e esquemas de referência, interiorizados a partir de suas origens sociais e culturais.

Nesse sentido, a Antropologia Médica introduziu o conceito de modelo explicativo (MEs), cuja eliciação de pacientes e familiares permite estabelecer uma negociação entre estes e os profissionais de saúde no sentido de remover barreiras a um cuidado efetivo que contribui para uma abordagem terapêutica mais empática e ética. Modelos explicativos são respostas para circunstâncias de vida urgentes, são nossas representações sobre o fluxo cultural da experiência de vida (KLEINMAN, 1988).

Assim, a perspectiva da Promoção da Saúde deve ser ampliada para dar conta da complexidade do processo saúde-doença. Acredito, no entanto, que os modelos explicativos também podem ser aplicáveis às circunstâncias de vida que não envolvam somente a saúde-doença, mas em todas as experiências e realidades que levam em consideração os aspectos culturais e sociais do indivíduo e coletividades.

Entendo que as ações de Educação e Saúde assumem papel estratégico e decisivo no âmbito escolar, permitindo a ampliação do enfoque de Saúde como o de Educação, passando de uma visão micro para uma visão macroestrutural e global.

A reflexão sobre esses pontos é importante para pensar sobre a relação saúde-educação. Não há dúvidas de que tanto a educação como a saúde são indispensáveis para a evolução de qualquer sociedade. Sei também que, para transpor essas dificuldades para a promoção de ambas, na prática, uma transformação macrosocial se faz necessária.

Assim, a ligação entre a vida cotidiana do educando na sua comunidade e a organização do currículo tratado na escola redefinem o sentido e o papel da escola. Mediante o respeito às questões culturais, socioantropológicas, aos saberes e experiências da comunidade,

criam-se condições para a produção e o acesso a novos saberes e ao conhecimento socialmente produzido e sistematizado (ROCHA, FERRIANI E SOUZA, 2001).

Outro tópico a ser abordado nessa discussão é o estado dos meninos e meninas de rua, o qual vem sendo produzido por uma história de desrespeito aos indivíduos que compõem a sociedade, em especial a criança e o adolescente. No momento em que tanto se fala de inclusão social, assiste-se a uma degradação dos direitos dessa população especial.

Crianças e adolescentes encontram-se na rua por circunstâncias alheias ao seu controle e desejo. Assim, mantêm com a rua uma relação de sobrevivência, pois são levadas a inserir-se no movimento próprio da rua porque viver é estar em movimento e esta é a instância- limite que ainda lhes possibilita manter o processo vital, embora em níveis indignos e muitas vezes levando-os à morte. Como anota Santana (2001, p.53):

“(...) é preciso desmistificar a polêmica que se criou em torno do termo “menino de rua”, pois não existe nenhuma fusão menino-rua, mas uma interação provocada pela exclusão social.”

Os meninos de rua, assim como todos os adolescentes, possuem necessidades peculiares à fase de desenvolvimento em que se encontram. Entre essas necessidades, está a saúde, compreendida no eixo a partir do qual a maturação biológica e o desenvolvimento das habilidades se processam.

Expressões como “menino de rua”, bem como “adolescentes prostitutas”, entre outras, carregam estereótipos e marcas profundas que a sociedade lhes imprimiu como forma de diferenciar e excluir tais grupos do convívio social. Diversas formas de pensar essa população estão impregnadas no imaginário social, criando uma série de rótulos para designá-los de uma forma preconceituosa e marginalizada. Utilizam-se termos específicos de estigma como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar muitas vezes no seu significado original.

Para Goffmann (1988), a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerado comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias.

Estigma é, portanto, um tipo especial de relação entre atributo e conceito, no entanto tal atributo é profundamente depreciativo.

Estes adolescentes estão expostos a situações de violência das mais diversas. Vivem em constante insegurança, com receio de serem agredidos ou violentados por marginais, pela própria polícia, ou por pessoas preconceituosas. Por isso quase não dormem à noite, e, quando o fazem, é em lugares escondidos para se protegerem.

Se a adolescência é difícil para aqueles jovens que convivem numa família estruturada, que têm acesso à educação formal e aos meios de comunicação, imaginemos, pois, quão difícil é para um adolescente de rua, uma vez que, não tendo pontos de apoio que o ajudem a enfrentar certos problemas, restam o medo e a dúvida como estratégia para solucionar certas situações como, por exemplo, quando precisa vender seu corpo para sobreviver, ou mesmo o usuário de substâncias psicoativas, e ainda aquele que é expulso de casa pelo companheiro da mãe. Todas essas questões repercutem na saúde e requerem atenção especial e sobre as quais pouco se investe.

Assim, busco nesta discussão, esclarecer a função dessas três instituições - família, escola e espaço da rua - como constituintes do complexo processo de adolescer, e explicitando o papel individual com suas peculiaridades, e articulando-as entre si, evidenciando as relações sociais construídas num contexto histórico e cultural, que vai além de condicionamentos socioeconômicos.

3.1.2 Vulnerabilidade e adolescência

O conceito de vulnerabilidade vem, efetivamente, abrindo promissoras perspectivas para o conhecimento e intervenção em saúde, principalmente aos agravos relativos à saúde sexual e reprodutiva. Oriundo da área dos direitos humanos, o termo vulnerabilidade designava originalmente grupos ou indivíduos fragilizados, jurídica ou politicamente, na promoção, proteção ou garantia de seus direitos de cidadania. A expressão penetra mais amplamente o campo da saúde a partir da publicação, nos Estados Unidos da América (EUA), em 1992, do livro *AIDS in The World*. A aplicação do conceito de vulnerabilidade especificamente à saúde poder ser considerado o resultado das progressivas interseções da militância frente à epidemia da AIDS

e o movimento dos direitos humanos, levando a vulnerabilidade a deslizar para o discurso da saúde pública (AYRES, FRANÇA JÚNIOR, CALAZANS, SALETTI FILHO, 1999).

Esclareço que o termo vulnerabilidade não é novo na área da saúde, ao menos na América Latina, tendo sido amplamente difundido nos anos 1970, pela Organização Panamericana de Saúde – OPAS, significando, portanto, a suscetibilidade dos indivíduos e populações a agravos ou riscos e, aqui em particular, à população adolescente.

As condições que afetam a vulnerabilidade individual são de ordem cognitiva (informação, consciência do problema e das formas de enfrentá-lo), comportamentais (interesse e habilidade para transformar atitudes e ações a partir daqueles elementos cognitivos) e sociais (acesso a recursos e poder para adotar comportamentos protetores.). Essa afirmação tem especial importância ao se transpor esses conceitos para o cenário da adolescência, visto que nessa fase os comportamentos e atitudes são definidos pela maioria do grupo que busca sempre estar na moda e acompanhar a evolução das novas tecnologias. Assim, tornam-se vítimas do neoliberalismo, que tem no projeto da pós-modernidade o parceiro ideal na alienação de uma população particularmente vulnerável.. Tornar os jovens cidadãos conscientes e aptos a procederem a uma leitura crítica da realidade vivida é um desafio para os profissionais que lidam com esse público.

De acordo com Minayo e Sousa (2003), há evidências de que a vulnerabilidade da mulher ao HIV e à AIDS está aumentando rapidamente, tanto em países centrais como em desenvolvimento. Essa afirmação não pressupõe que apenas as mulheres sejam as pessoas correndo grandes riscos, mas reconhece o importante papel que o gênero desempenha na estruturação das desigualdades e na intensificação dos riscos sexuais e reprodutivos enfrentados por muitas mulheres.

A realidade é que os dados revelam uma situação preocupante, pois a AIDS continua a se alastrar e alcançar uma população cada vez mais jovem, dada a precocidade cada vez maior da iniciação sexual da juventude brasileira. A camada mais vulnerável às DST's, nesse caso, são as mulheres adolescentes, pois seus organismos não têm meios para se defender das lesões, quase sempre inevitáveis nessa idade, no seu aparelho reprodutor, não de todo ainda desenvolvido (AIDS, 2003)

A saúde sexual diz respeito à qualidade das relações de homens e mulheres, no tocante às trocas corporais, ao prazer, ao erotismo, às sensações do corpo, às imagens corporais,

às experiências afetivas e práticas sexuais, de forma independente da concepção de maternidade/paternidade. Como tal, ela é um processo construído/reconstruído na infância e ao longo da vida. A saúde reprodutiva é uma dimensão relevante no ciclo de vida de mulheres e homens. As condições biológicas e psicossociais que os preparam para a geração ou não de filhos iniciam-se com a vida, ainda no período gestacional, e se estendem ao longo dela (MANDU, 2001).

As marcas sociais dessa fase e , particularmente, dos exercícios da sexualidade e reprodução, fundam-se nas origens e classes sociais, na história familiar e de socialização, nas relações de igualdade/desigualdade vividas, no partilhamento de preceitos de moralidade e hierarquizações, entre outros tantos processos que dão contorno à subjetividade humana. Como esclarece Mandu (2001, p.63),

“Todo adolescente traz consigo componentes genéticos e biológicos, conhecimentos e valores construídos ao longo de suas experiências de vida, além de uma estrutura psico-emocional e potencial para questionamento e criação.”

Para Giddens (1991) certos acontecimentos nas sociedades modernas revelam-se particularmente importantes nos contornos das atuais relações nas esferas da sexualidade e reprodução. O aprofundamento da industrialização e urbanização produz outras formas de vida, trabalho e relações entre as pessoas, refletindo-se particularmente nesses dois campos.

Mandu (2001) completa o pensamento acima, quando acentua que um dos grandes objetos de consumo nas sociedades modernas é o corpo, estimulado mediante inúmeros processos de criação e introjeção de idéias, atitudes e práticas que interferem diretamente na saúde das pessoas. Atributos físicos estimulados, como a cobrança de corpos magros, atrelados a redes de produtos e serviços, freqüentemente tornam adolescentes vulneráveis a distúrbios de imagem , de adequação social e alterações alimentares.

Kaloustian (1998, p. 50) descreve alguns fatores que dificultam o lidar com experiências saudáveis nas esferas em questão. Comento:

“Práticas sexuais clandestinas e não planejadas, delegação ao outro do cuidado com a própria vida, submissão aos desejos do outro, excessiva preocupação com o ato e o desempenho sexual, inibição para conversar e negociar com o parceiro a satisfação de desejos, preocupações e cuidados.”

Do mesmo modo também interferem o desconhecimento do funcionamento corporal, os preconceitos e padrões hierárquicos incorporados acerca de heterossexual, bissexual ou homossexual. O caráter de novidade das relações sexuais, desejos inconscientes de testar a virilidade ou a capacidade reprodutiva, cobranças do grupo em torno do início da experimentação sexual, traduções negativas da sexualidade, assim como ausência de projetos e perspectivas de vida, freqüentemente implicam o descuido com a prevenção.

Sentimentos de vergonha, medo, insegurança, estereótipos e preconceitos também ampliam a vulnerabilidade de adolescentes a problemas relativos a sexualidade e reprodução, sobretudo quando tais vivências não encontram na família o apoio social de que necessitam.

Os adolescentes, diante da possibilidade de reprodução e de uma nova experimentação da sexualidade, requerem amplo suporte dos setores sociais, via políticas, recursos e processos de trabalho intersetoriais, interdisciplinares e participativos, em que se disponibilize uma atenção integral, específica e apropriada ao cuidado de suas vidas mediante ações básicas encaminhadas em diferentes espaços, com a participação dos próprios adolescentes e das diversas áreas profissionais (MANDU, 2001).

3.1.3 Leitura sociocultural da sexualidade e sua relação com a negociação do sexo seguro

A sexualidade sempre se estrutura por meio de um corpo, razão porque ignorar o corpo biológico seria ignorar sua base material. O estudo da sexualidade humana deve basear-se não só no biológico em si mesmo, mas também nas suas expressões mais correntes. Assim, esclarece Moser (2002, p.09)

“O corpo humano é mais do que um corpo animal. É toda a corporeidade que deve ser levada em consideração. E a corporeidade remete para uma pessoa, interligada a outras pessoas e a outros seres.”

É a partir do corpo que se descobrem seres sexuados e, desde a concepção de corpo de cada um, tem-se uma primeira compreensão de nossa sexualidade. É preciso se ter em mente a face sociocultural da sexualidade, entendendo que esta se configura sempre numa sociedade e numa cultura, apesar da sua profundidade e do caráter misterioso que a envolve. Mesmo mantendo uma mesma identidade, ela se estrutura de maneiras diferentes nas várias realidades socioculturais. Tendo em vista a necessidade de contextualizá-la, entendo que se torna necessário compreender a visão das ciências sociais e da Antropologia na construção do conceito.

Para Dumont (1993), duas faces compõem a personalidade do indivíduo moderno: uma refere-se a sua constituição como sujeito político, livre, autônomo, portador de direitos de cidadania; a outra alude a sua fabricação subjetiva, por múltiplos dispositivos disciplinares, que tornam as experiências de gênero e da sexualidade centrais para a construção das identidades. Acrescento o fato de que tal concepção de sujeito é originária de uma determinada percepção cultural, temporal e historicamente marcada, que se espalha nas diferentes sociedades de modo também desigual.

“O olhar antropológico caracteriza-se, em particular, por tomar de maneira mais ou menos radical a afirmativa de que os temas a serem investigados fazem sentido somente a partir da teia de significados e relações sociais que os sustentam em um determinado contexto” (HEILBORN E BRANDÃO, 1999,P.08).

Portanto, os significados sexuais e, sobretudo, a própria noção de experiência ou comportamento sexual não são passíveis de generalização, dado que estão ancorados em significados próprios. A sexualidade ainda encontra resistências ao seu desvelamento em virtude do lugar privilegiado que detém no cerne dos valores associados à intimidade da pessoa.

O sexual não se restringe à dimensão reprodutiva, tampouco à psíquica, estando impregnado de convenções culturais acerca do que consistem a excitação e a satisfação eróticas, construtos simbólicos que modelam as próprias sensações físicas (PARKER, 1994).

Creio que o esforço de aproximação e compreensão teórica das diferentes possibilidades de construção das trajetórias sexuais, individuais ou partilhadas por determinados grupos, conduz a distintos cenários culturais. Estes são permeados por formas de afeto (incluindo o ideal de amor romântico), pela violência, por diferentes redes de sociabilidade, pelo lugar que a reprodução e a família ocupam no imaginário social e, fundamentalmente, pelo potencial de validação ou censura que o mundo social exerce sobre cada sujeito.

Concordo com Loyola (1994) na opinião de que a sexualidade não é fixa, de que seus significados e os conteúdos a ela atribuídos podem variar, não somente ao longo da história de uma sociedade, mas também ao longo da vida dos indivíduos. É importante considerar, na pesquisa empírica sobre a sexualidade, a biografia ou trajetória sexual dos indivíduos, além do contexto em que elas se realizam.

E na medida em que esse debate envolve e decorre, em grande parte, das numerosas e importantes transformações ocorrentes, principalmente nas últimas décadas no pensamento das instituições e nas subjetividades ocidentais, ele constitui, também, e em si mesmo, uma forma de reflexão sobre a sociedade contemporânea acerca dos instrumentos teórico-conceituais utilizados para pensá-la e interpretá-la. Heilborn e Brandão (1999, p.40) também entendem que

“A cultura é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros. Valores e práticas sociais modelam, orientam e esculpem desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem a carreiras sexuais e amorosas.”

A idéia de que a sexualidade e as práticas sexuais são passíveis de negociação não é nova. O que parece absolutamente novo é o reconhecimento público e político dessa vinculação como algo positivamente valorizado, assim como seu incentivo numa proporção jamais vista. Se antes essa vinculação estava associada quase que exclusivamente à prostituição, à promiscuidade, à pornografia, e como conseqüência, à doença e à degradação - já que, afinal, quem negocia sexo são as prostitutas, os michês, os cafetões - nos últimos anos a negociação sexual ganhou o estatuto de algo desejável, positivo e ligado à preservação da saúde (ÁVILA, 1999).

Embora a idéia de negociação sexual já estivesse presente há pelo menos vinte anos ligada a temas em discussão, como o uso de métodos contraceptivos, sua incorporação no campo da saúde pública e especificamente no da saúde reprodutiva, só se efetivou com o advento do HIV/AIDS, levantando uma série de discussões e estratégias de enfrentamento do problema.

Foi somente no contexto da epidemia de AIDS que a discussão e o debate sobre a negociação sexual se intensificou e se tornou objeto de estudo de pesquisadores, principalmente ao se evidenciar que a transmissão heterossexual do HIV estava assumindo uma importância cada vez maior na dinâmica da epidemia, ou especial entre a população feminina. A partir de então foram implementadas ações de controle e prevenção voltadas a este tipo de transmissão.

Há que se considerar, no entanto, um grave problema de ordem cultural nesse campo. Se por um lado houve fortalecimento da lógica estimuladora de mudanças no comportamento e nas práticas sexuais, mediante a sua negociação, por outro lado há a lógica que privilegia a tecnologia contraceptiva avançada de alta eficácia; ou seja, os serviços de atenção à saúde traduzem-se na existência de dois programas de prevenção - da gravidez e de DST's/AIDS - que praticamente não se interligam. Assim, as duas faces de uma mesma moeda não se comunicam, dificultando maior eficácia e cobertura da prevenção e promoção da saúde sexual e reprodutiva dos indivíduos (HEIOLBORN E BRANDÃO, 1999).

Impulsionada pelo caráter expansivo próprio das transformações da Modernidade, a vinculação entre sexualidade, prazer e realização pessoal é hoje em dia percebida como um direito e uma aspiração legítima de segmentos cada vez mais amplos da população .

3.2 PROSTITUIÇÃO DE MENINAS ADOLESCENTES

3.2.1 Violência estrutural e desigualdades sociais

As ruas das principais cidades do País são o palco de um universo quantitativo de crianças e adolescentes, consistindo num elenco de atores sociais cuja presença tem sido elevada, gradualmente, nos últimos tempos.

O problema da prostituição de meninas adolescentes torna-se, hoje, um grave problema a ser enfrentado pelo governo e sociedade civil, pois tem sérias repercussões nas áreas da saúde, educação, social etc., além de promover uma degradação da cidadania e da dignidade humana dessas jovens. A situação é agravada pela falta de dados quantitativos que revelem, de fato, o número de meninas em situação de prostituição. Uma coisa, porém, sei, que este número não é pequeno e seguramente vem aumentando. Posso entender essa carência de informação numérica como fruto de interesses políticos e econômicos, visto que tal estatística não agradaria determinados setores da sociedade. Embora saiba que este é um problema que não deve ser tratado através da quantificação, entendo que a informação numérica poderia ajudar na qualidade das pesquisas e intervenções a serem desenvolvidas.

O Relatório de Conferência da INTERPOL (1997) sobre crimes contra a criança e o adolescente, realizada em Buenos Aires, em março de 1997, informou que, no Brasil, os 10% mais ricos detinham 48,2% dos rendimentos nacionais. Denuncia também, a existência de 42 milhões de miseráveis (30% da população) que não dispõem de meios para atender as suas necessidades básicas de sobrevivência.

A metade das crianças e adolescentes está em famílias com até meio salário mínimo *per capita*. 51,3% dessa população está no mercado de trabalho, principalmente no trabalho informal, expostos aos riscos dessa inserção. Outros trabalham nas ruas para contribuir com a renda familiar e também fugir da violência doméstica, e se encontram confrontados com a violência institucional e a marginalidade, as drogas, o crime organizado, o abuso, a exploração e a violência sexual (INTERPOL, 1997).

Vários estudos são realizados visando a identificar aspectos considerados significativos em torno desse problema. Alguns autores como Saffioti (1989), Dimenstein (1992), Bomtempo, Bosseti, César e Leal (1995) e Diógenes (1998) encontram-se entre os que

empreenderam esforços para tentar descobrir as razões dessa “ emigração” da casa para a rua, chegando a apontar várias causas, entre as quais o aspecto econômico e a desestruturação familiar.

Entendo que a dificuldade financeira não constitui o único elemento desencadeador da prostituição juvenil, embora seja altamente significativo. É óbvio que num país onde a distribuição de renda é assustadoramente desigual, como no Brasil, condições socioeconômicas muito precárias podem induzir pais e mães a venderem ou alugarem suas filhas para fins de prostituição, porém, se ficar apenas com essa idéia, estar-se-á reduzindo excessivamente a realidade.

Para Vogel (1991) outra estudiosa do assunto, o fato mais contundente para justificar a saída das meninas para a rua é o baixo índice de confiabilidade manifestados em relação às figuras paterna e materna. Posso entender essa relação entre família-rua-prostituição, ao estudar a pesquisa de Rocha (1999), que entrevistou adolescentes prostituídas e todas revelaram uma história de desagregação familiar, como pais ausentes, mães sofridas e impotentes, padrastos agressivos e desafetuosos, irmãos drogados , marginalizados e exilados do lar.

“A casa deixa de ser um espaço onde a criança encontra abrigo, cuidado, orientação, ocasiões de sociabilidade e tempo livre para si mesma, para tornar-se um espaço de conflito, risco, solidão e servidão, onde ao invés de lhe ser dada, a infância lhe é tolhida” (VOGEL, 1991,p.144)

De acordo com essa autora, o mundo da casa deve traduzir a tranquilidade hospitaleira, arcabouço próprio do desenvolvimento das relações e do espaço da individualidade. Deve demarcar um lugar calmo, dominado por um grupo natural – elos de sangue, hereditariedade - no qual está presente uma representação de ambos, como calor humano, repouso e hospitalidade. Essa “ sagrada instituição da família”, no entanto, pode muitas vezes encaminhar essas meninas para a rua e sobretudo para a prostituição. Como anota Saffioti (1989, p.20)

“A família é muito mais um vespeiro do que um ninho de amor. Na família se dá a competição, a inveja, a trapaça, a rasteira, enfim, a família é, realmente, um embrião de uma série de condutas não muito elogiáveis em que a pessoa pode se empenhar no seu futuro de adulto.”

A autora continua enfatizando que a família “empurra” as meninas para a prostituição porque na família há muita violência, e, mais do que isso, há uma rotinização da violência. As mulheres sofrem muito mais a violência doméstica do que a praticada por desconhecidos ou amigos, enfim, por pessoas não parentes. O homem sofre em geral uma agressão e a mulher sofre três agressões. Se por um lado o homem é mais violento como marido do que como pai, no que tange à violência física, quando se toma a violência sexual, é uma brutalidade. Numa pesquisa realizada em São Paulo sobre abuso incestuoso, Saffioti (1989) aponta que, dentre os agressores, foram detectados 71,1% de pais biológicos e 11,5% de padrastos. Assim, a vitimação sexual em família mostra-se altamente responsável pela prostituição.

Esclareço que me refiro à prostituição ocorrida entre jovens de nível socioeconômico baixo, visto que o fenômeno também ocorre entre meninas de classe média, universitárias e de nível sociocultural elevado, porém, acredito que nesses casos as variáveis determinantes são outras.

Ao fugir de casa para escapar da violência que sofre na família, a menina vai para as ruas e tem que “se virar” para sobreviver. E ela foi ensinada que o uso do corpo é a única maneira que ela dispõe para obter atenção, enfim ela aprende que o corpo é uma coisa mais ou menos assim como uma mercadoria, com a qual ela pode transacionar. Mesmo porque nas ruas ela não vai encontrar muitas formas de sobrevivência, pois ou pratica pequenos furtos ou se prostitui. Assim, “ela vai fazer por dinheiro uma coisa que já vinha fazendo a contragosto, gratuitamente” (BOMTEMPO, SAFFIOTI, CÉSAR E LEAL, 1995).

Farmer (2001) entende que fatores como a violência estrutural e doméstica, as desigualdades sociais e as diferenças culturais são importantes para a disseminação de doenças infecciosas, no caso específico do seu estudo, da AIDS. O autor acrescenta ainda que se deve atentar para os fatores sociais como potencializadores das “grandes misérias do mundo”, e não reduzir o problema apenas ao aspecto biológico da doença.

Por meio de sua explicação, compreendo claramente como esses fatores de ordem política, social e econômica estão fortemente ligados à prostituição infanto-juvenil e expõem essa

população aos riscos de contaminação pelo HIV/AIDS. Concordo com Dr. Farmer, quando este diz que ao se estudar a relação entre desigualdades sociais, pobreza, infecções e comportamentos de uma população, deve-se atuar como antropólogos e buscar entender as raízes da cultura local, rituais, símbolos e representações mediante os quais esses atores se expressam, os quais mostrarão como agir na elaboração de políticas públicas.

Ainda em relação ao estudo de Farmer (2001, p.80), sobre HIV/AIDS no Haiti, o autor ao escrever com referência aos fatores de risco para aquela doença, evidencia que “também associado com a soropositividade para HIV foi detectado uma história de sexo por dinheiro, ou por drogas, ou de intercurso com parceiros sexuais múltiplos.”

Da Matta (1991) alerta para a análise do que se passa nesse mundo. Para ele, o território da rua vai muito mais além. Comporta a economia, a política, o sistema jurídico e a moralidade, como “muitas esferas de troca e de trabalho e muitas concepções de cidadania”, e ressalta a importância em reforçar a idéia de que estas diversas esferas representam uma significativa gama de relações entre si, sendo ainda nesse processo que a violência se impõe no âmbito da sociedade moderna.

Para Foucault (1987, p.29), por trás da violência há uma complexa “tecnologia de poder” que precisa ter o seu referencial analítico ampliado:

“Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma apropriação, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a fundamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter.”

Para o Filósofo, tem-se de admitir que esse poder se exerce mais do que se possui, que não é o privilégio adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas – efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados.

Rizzini (1993) outra estudiosa do assunto, e associa a prostituição infanto-juvenil ao problema sociocultural de gênero. Na concepção da autora, a prostituição precoce da menina não pode ser concebida como uma mera consequência da crise econômica, por mais que estas tenham sido recorrentes ao longo do tempo. O fato de nascer mulher, sobretudo nas classes populares, faz

com que a menina encontre pela frente um destino extremamente árduo, decorrente do que lhe é imposto por uma sociedade que discrimina e situa o sexo feminino em posição de desigualdade frente ao masculino.

“O uso sexual de crianças e adolescentes é praticado por homens de todas as classes sociais. Esse fato encontra forte respaldo cultural, baseado na discriminação e dominação de gênero, na impunidade e nas condições sócio-econômicas que vulnerabilizam esse grupo populacional, tornando-o ainda mais passível de dominação e uso.” (BOMTEMPO, BOSSETTI, CÉSAR E LEAL, 1995,p.37).

Sem dúvida , todos estamos imersos numa sociedade machista onde o homem exerce certo poder e dominação sobre a mulher. As mulheres já conseguiram, no entanto, vitórias importantes, sobretudo a partir do movimento feminista que as tornou independentes financeiramente dos homens e hoje elas ocupam posições de destaque no cenário econômico e político, embora se saiba que ainda precisam lutar por salários mais justos e equivalentes aos dos homens.

É preciso reestruturar a família e, junto com isso, reformular as relações de gênero. Enquanto se fizer isso, a longo prazo, tem-se que estabelecer com o Estado uma nova relação. Nós, sociedade civil, precisamos interferir de modo a termos o direito de formular e implementar ou, pelo menos exercer a vigilância da implementação de políticas que proíba a violência sexual contra crianças e adolescentes.

Outra questão que tenciono suscitar é a percepção da vitimação dessas meninas. É certo que para a maioria da sociedade, as adolescentes até certo ponto são vítimas dos adultos que visualizam possibilidades de lucro com a prostituição. Torna-se, então, clara a relação de dominação entre exploradores e exploradas, até porque uma categoria depende da outra.

Nessa relação, ao contrário do que muitos pensam, os maiores beneficiados são os adultos exploradores que ficam com a maior parte do lucro, enquanto para as meninas fica uma pequena parte, ou seja, a rede delituosa de agenciadores tem motivos para querer a prosperidade do negócio. Como informam Bomtempo, Bossetti, César e Leal (1995, p. 40),

“Essas meninas estão permanentemente endividadas, porque recebem roupas, cosméticos, remédios, preservativos, quando o lugar é razoavelmente organizado. A porcentagem é de 40% para a casa, ou para quem explora, 15% para a manutenção, e que sobra seria da menina, mas ela está sempre endividada com atividades anteriores e com as vendedoras de roupas e cosméticos, que são as mulheres dos donos das casas, ou são pessoas do próprio local de exploração sexual.”

Se pelo lado da sociedade, porém, existe a vitimação, o que se passa na cabeça das próprias “vítimas”? Como essas jovens encaram essa relação com os financiadores? Será que se vêem como vítimas ou como co-partícipes ou até mesmo sócias de um negócio como outro qualquer? Entendo que esse questionamento é de suma importância na tentativa de elaborar programas assistenciais e definir plataformas de ação no combate ao problema.

Necessário se faz observar que essa convivência da sociedade vem se transformando. O problema da prostituição feminina de adolescentes passou a mobilizar toda a sociedade brasileira. CPI's foram instauradas em vários estados, inclusive no Ceará, e os meios de comunicação surgiram como grandes enunciativos do problema.

3.2.2 Fortaleza como cenário da prostituição

Fortaleza é uma cidade encravada no litoral do Nordeste brasileiro, numa área privilegiada pela beleza das praias, pelo azul singular do céu e o verde do mar. Ensolarada o ano inteiro, a Cidade irradia-se ao sul, leste, oeste e chega aos vestíbulos sertanejos, onde uma estranha transição entre campo e favela forma a paisagem.

E de que vivem mais de dois milhões, aproximadamente, de fortalezenses que habitam a cidade e seus subúrbios? A atividade industrial é incipiente, emprega pouca gente. A atividade terciária ocupa apenas uma parcela da população, principalmente no setor turístico, com seus serviços de bares, restaurantes e hotéis e sua estrutura de artesanato. O restante vagueia pela cidade simplesmente ociosa ou vendendo bugigangas no comércio informal, sobressaindo, aí, o comércio de objetos contrabandeados do Paraguai.

É nos bastidores deste cenário que existem atividades paralelas, no submundo da atividade turística, que são o tráfico de drogas e a prostituição, notadamente a prostituição infanto-juvenil, que envolve uma rede organizada de agenciadores e favorecedores deste tipo de comércio, “mercado da carne fresca”

A exploração sexual de crianças e adolescentes em Fortaleza começou a Ter visão massiva ainda em meados dos anos 1980, quando passou a ser levantada pela imprensa. Teve eco no espaço legislativo municipal e rendeu duas CPIs. Em 1993, a primeira CPI, da Prostituição Infanto-Juvenil, foi conseqüência da mobilização de organizações não governamentais em torno do assunto.

No dia 11 de julho de 1991, a presidente da FEBEMCE convocou representantes da Polícia Militar e da Polícia Civil, dos quais solicitou a busca do trajeto das adolescentes, no sentido de identificar os locais por elas freqüentados. Um relatório foi elaborado e veio à tona a existência de uma verdadeira máfia envolvendo traficantes, cafetões, motoristas de táxi, barraqueiros, gerentes de hotéis e môtéis da orla marítima. E surgiram nomes de pessoas, de estabelecimentos, configurando-se , assim, as conexões de uma rede mafiosa na exploração do lenocínio infanto-juvenil.

Ainda em julho de 1991, foi instituído o Fórum de Combate à Prostituição Infantil, que materializou sua primeira ação ao entregar à Promotoria de Justiça da 1ª Vara da Infância e da Juventude um documento denunciando a existência de quinze mil crianças e adolescentes abandonados, entre eles o contingente de pequenas prostitutas, que em razão da própria fragilidade física, estavam mais expostas ao sofrimento das ruas (CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 1993).

Enquanto isso acontecia, os cafetões continuavam agindo impunemente, as crianças permaneciam agenciadas pela iniquidade, a noite de Fortaleza prosseguia uma Babilônia de prazer elaborado no sofrimento de muitos. E a impunidade, de asas abertas, comemorava o cinismo próprio dos inescrupulosos. A arte de protelar, de evitar o enfrentamento, de empurrar com a barriga conclusões óbvias, foi exercida com maestria pela Polícia Civil cearense, em dois anos em que a novela da prostituição infanto-juvenil permaneceu no ar, sem nenhum capítulo que indicasse desfecho (CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 1993).

O lenocínio contra a infância e a juventude transbordava em toda parte, diante da perplexidade da sociedade e da inoperância policial. Dando continuidade a sua luta, o Fórum, por

meio de abaixoassinado das entidades que o compunham, sugeriu a criação de uma CPI na Câmara Municipal de Fortaleza. Assim, foi instalada a referida CPI sobre a prostituição infanto-juvenil, tendo início com seus trabalhos em 29 de abril de 1993 (CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA , 1993).

Foram realizadas dez sessões, onde foram ouvidos representantes do Fórum, da Secretaria de Segurança, do Ministério Público, de ONG's que trabalhavam diretamente com adolescentes prostituídas, de autoridades governamentais, estaduais e municipais responsáveis pelas políticas sociais públicas, dos representantes do Juizado da Infância e Juventude, e, enfim das meninas vítimas do lenocínio e dos agenciadores.

A CPI apurou fatos estarrecedores com o depoimento das meninas. Foram descritos com detalhes os locais onde a rede atuava e para onde elas eram levadas, bem como citados nomes de agenciadores e donos de estabelecimentos responsáveis pelo comércio. O que assustou e sensibilizou, porém, foi o depoimento sobre como ocorre a exploração sexual, as humilhações, ameaças e violência a que são submetidas, são explicitações claras de desrespeito aos direitos e à dignidade humana; demonstração vergonhosa de uma infância roubada e vivida “ entre ruas e pernas”, onde os sonhos de criança cedem lugar à realidade brutal experimentada num submundo desumano.

Os lugares onde as meninas eram e ainda são encontradas com maior facilidade são a avenida Beira Mar, no farol do Mucuripe, na Barra do Ceará, na praia Leste –Oeste, nas praças do Centro , no Passeio Público e praia do Futuro. A avenida Beira-Mar assume uma conotação diferente dos demais lugares, visto que é o espaço de maior diversidade cultural da Cidade. Por lá circulam turistas, ciclistas, barraqueiros, taxistas, jovens de periferia e de classe média, prostitutas adultas, entre outros. Ou seja, é um lugar onde diversos atores sociais se encontram e onde as distorções socioeconômicas são mais visíveis, pois existem hotéis luxuosos, boates, restaurantes, pessoas bonitas, mas também há favela e mendicância.

Há uma territorialização de fácil identificação: na parte da avenida Abolição ficam os travestis; na Beira-Mar, as adolescentes de rua se prostituem, sendo que, na área da praia de Iracema, observa-se uma atividade de prostituição relativa a uma clientela de melhor poder aquisitivo. Foi configurada de forma mais evidente na Beira-Mar, a existência de uma rede de papéis, cuja figura da “amiga” assume um lugar central. É ela que normalmente acompanha para garantir o pagamento. “ A dona da esquina” organiza e filtra a clientela, os policiais “cobram” os

clientes refratários e o dono da barraca age como protetor. A tradicional cafetina ganha um lugar móvel, adaptado à dinâmica das ruas (DIÓGENES, 1998).

Quanto à CPI, em 1993, esta apurou que existe um relaxamento na fiscalização de entrada de menores em algumas boates e os responsáveis por essas casas noturnas sempre sabem com antecedência, das *blitzen* do Juizado da Infância e Juventude. Não havia fiscalização aos barraqueiros quanto à venda de bebidas alcoólicas para menores. A faixa etária das menores que se prostituíam era entre nove e quinze anos. Era comum a comercialização de substâncias tóxicas, partindo de engraxates, cigarreiros, artesãos ambulantes, para garotas de menor idade e turistas.

Na Beira-Mar, existe um acordo entre meninas e taxistas, barraqueiros e proprietários de motéis. As menores entram e saem, com frequência, em qualquer hotel da orla marítima e têm facilidade em obter carteira de identidade falsa. Muitas vezes é a própria mãe da menina que é a agenciadora. Vários hotéis famosos e de luxo são citados como locais dos encontros sexuais, bem como “casas de massagem”. Enfim, a CPI concluiu que existia uma rede informal explorando o lenocínio infantil em Fortaleza (CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 1993).

Na seqüência estão alguns depoimentos de meninas, apurados na CPI, que evidenciam e comprovam os fatos que acabei de mencionar. Acho de extrema importância reproduzi-los para o leitor, pois evidenciam a realidade da época, que, com certeza, hoje não é muito diferente.

“O dono da Sunset é o (...) O da Los Angeles eu não sei como é o nome dele, mas o dono da boate mesmo, ele faz sexo oral com a gente também.”

“O Othon (hotel) é o mais rico daquela Beira-Mar. Eu entro debaixo dos panos. Os gringos pagam uma taxa, eles vão na gerência, falsificam o número de uma identidade, dão um tanto pro porteiro e um tanto pro que fica na recepção.”

“As meninas pegam os gringos lá nas barracas e levam pra boate e quando chegam dentro das boates, elas colocam ripinol na bebida deles e as luzes lá são muito escuras (...) quando eles ficam doidos, as meninas tiram o dinheiro deles.”

“O meu dinheiro eu compro roupa pra mim e boto comida na minha casa, pra minha mãe(...) no dia que eu fui descabaçada eu tinha onze anos de idade.”

“A única pessoa que trabalha na minha casa sou eu, porque o meu padrasto não dá uma barra de sabão lá em casa, nós até chamamos ele de gigolô de puta pobre.”

Seriam estas palavras de crianças e adolescentes? Onde estão os sonhos, as brincadeiras, a alegria de viver? Esta é uma realidade que assusta por não se tratar de um drama individual, ocasional, mas de uma drama social comum a centenas de meninas da cidade de Fortaleza. Uma história plural que inclui tudo e todos e que na hipocrisia silenciosa de nossa cultura vem se solidificando e se multiplicando velozmente.

Como resultado das discussões suscitadas na sociedade cearense, em torno das graves denúncias reveladas pela CPI, foi criado em 1994 o Pacto em Defesa da Criança e do Adolescente em Situação de Risco, hoje denominado Pacto de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, constituído por entidades governamentais e não governamentais que atuam na área da proteção de crianças e adolescentes em situação de risco, na tentativa de, juntos, articularem ações sob a forma de rede de encaminhamento sistemático das dificuldades encontradas no percurso do problema em Fortaleza (ROCHA, 1999).

Em 2001, outra CPI foi criada, desta vez mais ampla, para investigar o turismo sexual, que é uma modalidade de exploração sexual. A orla marítima foi o cenário que continuou servindo de exploração sexual infanto-juvenil. Da rede de aliciamento desvendada em 1991 envolvendo donos de boates, hotéis, motéis, restaurantes e taxistas, o que se viu foi um refinamento, ampliando-se para *flats* e “casas de massagem” e a participação cada vez maior do número de estrangeiros.

Dez anos após a primeira CPI, o Ceará foi apontado como porta de saída do tráfico e da exploração sexual infantil no Brasil. O tráfico de seres humanos ocupa a terceira posição no *ranking* do crime organizado no Brasil. O primeiro é o de armas e o segundo o de drogas. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o tráfico de seres humanos envolve cerca de 12 milhões de dólares ao ano, o que comprova a existência de uma indústria com o tráfico. Esses dados foram constatada por uma pesquisa realizada pela Organização dos Estados

Americanos (OEA) e coordenada pelo Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA) de 2001 a 2002 . (CEARÁ, 2003).

O estudo levantou 241 rotas em todo o Brasil, sendo que cerca de 50 delas se encontram no Ceará. A pesquisa mostrou que o crime organizado no Brasil utiliza 241 rotas terrestres, marítimas e aéreas para explorar sexualmente mulheres jovens e crianças. Fortaleza, Natal, Salvador, Recife e São Luís recebem destaque na pesquisa “por estarem na rota do turismo sexual”. As meninas e meninos saem das capitais nordestinas, fazem ponte aérea em São Paulo e Rio de Janeiro e vão para Holanda, Espanha, Itália, Israel, Portugal, Venezuela e Estados Unidos. A pesquisa também apontou que as rotas do tráfico estão divididas em 131 que ligam o Brasil ao Exterior, 78 interestaduais e 32 intermunicipais.

A pesquisa citada, denominada PESTRAF – “ Pesquisa Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual”, foi o ponto de partida para a instauração de uma CPI criada em 12 de junho de 2003 para investigar redes de exploração sexual contra crianças e adolescentes, tendo como presidente a senadora cearense Patrícia Saboya Gomes .

A comissão, composta por 11 senadores e 11 deputados, trabalhou durante um ano e visitou 21 estados onde houve denúncias de exploração sexual de crianças e adolescentes. O resultado dos trabalhos da CPI foi um relatório de mais de mil páginas, contendo 850 denúncias, diligências , audiências e o pedido de indiciamento de cerca de 250 suspeitos, entre eles policiais, magistrados, médicos, prefeitos, vereadores, líderes religiosos, como pais-de-santo e pastores evangélicos (RELATÓRIO, 2004).

O relatório também apresentou propostas legislativas de alteração do Código Penal Brasileiro, considerado uma “pérola” em termos de machismo e desconsideração com a infância e adolescência. Segundo Patrícia Saboya Gomes, é necessária a criação de políticas públicas e articulação entre diversos ministérios para o enfrentamento do problema. O documento apontou, ainda, deficiência do Judiciário como um dos principais empecilhos para o combate ao problema.

A última audiência pública realizada antes da apresentação do relatório final aconteceu em Fortaleza e, segundo a deputada federal Maria do Rosário, o Ceará apresenta particularidades sobre a exploração sexual em relação a outros estados. A parlamentar ressaltou

que, basicamente o processo se sustenta no agenciamento profissional e empobrecimento das adolescentes (CPI, 2004).

O estudo da psicóloga Maria Elismar Santander identificou que as redes de agenciamento se expandiram e se sofisticaram , pois a prostituição está associada ao tráfico de drogas e lavagem de dinheiro. Ela revelou um aumento de 200% no número de “casas de massagem” em Fortaleza, onde meninas menores trabalhavam e utilizavam identidade falsa, além de manterem intercâmbio com outros estados e serem traficadas para fora do País por estrangeiros (CEARÁ, 2003).

É importante esclarecer como essa prática vem sujando a imagem da Capital cearense , visto que Fortaleza vende uma imagem associada ao “prostiturismo”, um neologismo usado para uma nova modalidade de turismo que não poupa crianças nem adolescentes. Muitos turistas já chegam ao Estado com a intenção de se beneficiar com a prática do turismo-sexual. Infelizmente, essa imagem também é vendida internacionalmente, chegando ao absurdo de agências especializadas enviarem para fora do País, um catálogo contendo fotos sensuais de meninas para o turista escolher a que melhor lhe agrada.

A praia de Iracema, durante muito tempo, foi ponto de encontro de intelectuais e amigos que se reuniam nos finais de tarde após o trabalho para conversar, discutir assuntos interessantes e se divertir, ouvindo boa música em ambientes típicos e bem freqüentados. Também foi lugar onde muitas famílias se divertiam nos finais de semana, passeando pela Ponte dos Ingleses e namorando ao som das ondas do mar. Hoje, tudo isso se transformou. A Praia de Iracema agora é tida como um dos pontos de maior freqüência da prostituição .

Algumas medidas foram tomadas e as autoridades e a população estão cada vez mais empenhadas em buscar soluções que, se não acabam, pelo menos minimizem o drama dessas meninas. Para combater o turismo sexual, a Secretaria de Turismo do Estado está examinando as peças publicitárias das operadoras de turismo e notificando aquelas empresas que utilizam o corpo feminino como principal atrativo do destino turístico Ceará. O Estado também lançou o Código de Conduta Ética do Turismo, documento que é distribuído na imigração para alertar aos estrangeiros que é crime a exploração sexual de crianças e adolescentes.

Por outro lado, também é preciso alertar para a continuidade do problema. Basta abrir uma página de jornal, não na página policial, mas na sessão de classificados, onde são encontrados vários anúncios de “casas de massagem”, “acompanhantes”, e mais explicitamente

descrições sensuais de mulheres, travestis e homens que fazem “programas” e atendem em domicílio. Os anúncios também indicam o telefone de contato e o preço, que varia entre dez e duzentos reais, dependendo do que será feito no encontro. Os anúncios não revelam idade, mas acredito que existam adolescentes entre as mulheres anunciadas. Creio que a idade não é revelada porque a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes é crime previsto no Código Penal Brasileiro. A sessão de classificados traz uma pequena advertência sobre isso, mas parece não ser levada muito em consideração. Configura-se então a prostituição como comércio, e, como outros produtos na economia capitalista, devem ser anunciados para venda.

Perante essa realidade, o Ceará, especialmente por causa de Fortaleza, vai perdendo o título de “Terra da Luz”, para dar lugar a um novo rótulo não muito festejado pela população, pois a Secretaria Especial de Direitos Humanos divulgou dados nos quais o Ceará foi campeão de denúncias de exploração sexual comercial feitas no “disque-denúncia” (VÍDEO CONFERÊNCIA, 2003). Esta estatística revela, por um lado, a conscientização e responsabilidade social da população, que agora descruza os braços e age com respeito pelo ser humano.

3.3 EDUCAÇÃO EM SAÚDE, ADOLESCÊNCIA E ENFERMAGEM : PARCERIA NECESSÁRIA

3.3.1 Perspectiva histórica e conceitual da Promoção da Saúde

Durante muito tempo predominou nos serviços de saúde do Ocidente o modelo de atenção chamado “modelo biomédico”, centrado no atendimento médico, na assistência curativista e na hospitalização do indivíduo, tendo a doença como o foco principal da assistência, ou seja, dirigia todos os esforços para a cura de processos patológicos já instalados. Capra (1997, p.116), ao comentar sobre o assunto, expõe que:

“A influência do paradigma cartesiano sobre o pensamento médico resultou no chamado modelo biomédico, que constitui o alicerce conceitual da moderna medicina científica. O corpo humano é considerado uma máquina que pode ser analisada em termos de suas peças; a doença é vista como um mau funcionamento dos mecanismos biológicos.”

Ao concentrar-se em partes cada vez menores do corpo, a Medicina moderna perdeu de vista o indivíduo como ser humano, e ao reduzir a saúde a um funcionamento mecânico, não pôde mais se ocupar do fenômeno da cura. A filosofia de Descartes alterou profundamente essa situação. Sua rigorosa divisão entre corpo e mente levou os médicos a se concentrarem na máquina corporal e a negligenciarem os aspectos psicológicos, sociais e ambientais das doenças.

A Medicina do século XX caracterizou-se pela progressão da Biologia até o nível molecular e pela compreensão de vários fenômenos biológicos nesse nível. Com esse progresso, a Biologia Molecular, como forma de pensamento impôs-se às ciências humanas e sociais e, por conseguinte, passou a ser a base científica da Medicina, negligenciando os aspectos sociais e ambientais como interdependentes no processo saúde-doença. Para Capra (1997, p.117)

“O amplo conceito de saúde necessário à nossa transformação cultural – um conceito que inclui dimensões individuais, sociais e ecológicas – exige uma visão sistêmica dos organismos vivos e, correspondentemente, uma visão sistêmica de saúde”.

A própria definição de saúde formulada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) descreve-a como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não meramente a ausência de doenças ou enfermidades. Embora tal definição seja algo irrealista, pois descreve a saúde como um estado estático de perfeito bem-estar, em vez de um processo em constante mudança e evolução, ela também revela a natureza holística da saúde, que terá de ser apreendida ao intentar compreender o fenômeno da cura.

Na concepção holística de doença, a enfermidade física é apenas uma das numerosas manifestações de um desequilíbrio básico do organismo. Outras manifestações podem assumir a forma de patologias psicológicas e sociais; e quando os sintomas de uma enfermidade física são

efetivamente suprimidos por intervenção médica, uma doença pode expressar-se de algum outro modo (CAPRA, 1997).

Apesar dessas novas concepções do processo saúde-doença e de seus determinantes, surgidas timidamente no século XIX, um sistema geral de crenças inspirou, e ainda inspira, a atual educação médica, a pesquisa e a assistência institucional à saúde. Esse sistema de crenças baseia-se no modelo conceitual que descrevi anteriormente – modelo biomédico. O século XX, no entanto, especificamente a segunda metade, tornou-se palco de intensos debates e discursos desses novos princípios, bem como foi de importância crucial para a difusão e desenvolvimento de estratégias de promoção da saúde e, conseqüentemente, melhoria da qualidade de vida das populações (CAPRA, 1997).

Os aspectos sociais e ambientais foram reconhecidos como causadores das doenças. O modelo biomédico começou a ser questionado e tornou-se evidente que os gastos com ações curativas e de reabilitação eram surpreendentemente mais onerosos do que o necessário para ações preventivas. Desenvolveram-se, então, vários encontros e conferências entre líderes e autoridades internacionais, com o intuito de disseminar esses pressupostos e a Promoção da Saúde passou a ser a meta fundamental de todos os governos.

Henri Sigerist, em 1946, foi um dos primeiros autores a cunhar a expressão Promoção da Saúde, quando definiu as quatro tarefas essenciais da Medicina: a Promoção da Saúde, a prevenção das doenças, a recuperação dos enfermos e a reabilitação, e afirmou que a saúde se promove proporcionando condições de vida decentes, boas condições de trabalho, educação, cultura física e formas de lazer e descanso, para o que pediu o esforço cooperado de políticos, setores sindicais e empresariais, educadores e médicos (ROSEN, 1979).

Adotarei, aqui, o conceito definido na Carta de Otawa, que define Promoção da Saúde como

“O processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida e não como objetivo de viver” (BRASIL, 2001,p.30).

Nesse sentido , a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a Promoção da Saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global.

Percebo, então, que o conceito de Promoção da Saúde traz implícito em si valores como autonomia, cidadania, responsabilidade social e participação comunitária direta no controle do processo. Dessa forma, o indivíduo torna-se o elemento principal que detém responsabilidade sobre sua saúde, e o Estado deixa de ser o único responsável pela saúde das comunidades.

Aliada ao conceito de Promoção da Saúde, aparece a expressão cuidados primários de saúde, definida na Conferência de Alma-Ata como a acessibilidade de todos os indivíduos e famílias de uma comunidade a serviços essenciais de saúde prestados por meios que lhes sejam aceitáveis, mediante sua participação integral e a custos que a comunidade e o País possam absorver, e, como tal, são parte integrante tanto do sistema nacional de saúde, do qual constituem o núcleo, como do desenvolvimento socioeconômico geral da comunidade (BRASIL,2001, p.30).

Os cuidados primários de saúde estão voltados para os principais problemas de saúde da comunidade, e proporcionam serviços de promoção, prevenção, cura e reabilitação. Porque refletem, e, a partir deles evoluem as condições econômicas e os valores sociais do País e de suas comunidades, variarão de uma nação e de uma comunidade para outra, mas incluirão pelo menos: a promoção, a nutrição adequada, provisão de água de boa qualidade, o saneamento básico, a saúde materno-infantil e o planejamento familiar, a imunização contra as principais doenças infecciosas, a prevenção e o controle de doenças localmente endêmicas, a educação no tocante a problemas prevalentes de saúde e aos métodos para sua prevenção e controle, o tratamento apropriado de doenças e lesões comuns (BRASIL, 2001).

De acordo com a mesma publicação, o moderno movimento de Promoção da Saúde surgiu e se desenvolveu de forma mais vigorosa nos últimos 30 anos em países da Europa Ocidental e Estados Unidos, porém foi no Canadá que apareceu formalmente em 1974, com a divulgação do documento *A New Perspective on the Health of Canadians*, também conhecido como *Informe Lalonde*. Inicialmente a motivação central do documento parece ter sido política, técnica e econômica, pois a visava enfrentar os custos crescentes da assistência médica, ao mesmo tempo em que se apoiava no questionamento da abordagem exclusivamente médica para as doenças crônicas, pelos resultados pouco significativos que aquela apresentava.

O documento concluiu que quase todos os esforços da sociedade canadense destinados a melhorar a saúde, bem como a maior parte dos gastos diretos em matéria de saúde, concentravam-se na organização da assistência médica. As causas principais das enfermidades e mortes, no entanto, tinham suas origens em componentes da biologia humana, estilo de vida e meio ambiente.

As principais conferências e documentos sobre Promoção da Saúde, realizadas e elaboradas respectivamente nos últimos 20, anos foram

- ❖ Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Ottawa, no Canadá em 1986, que originou a Carta de Ottawa. Subjacente ao conceito de Promoção da Saúde, o documento assumiu a idéia de que a saúde é o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, assim como importante dimensão da qualidade de vida. Aponta para os determinantes múltiplos da saúde e para a intersectorialidade, e afirma que a paz, educação, habitação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade são determinantes desse processo (BUSS, 2000).

Propõe, ainda, cinco campos centrais de ação:

- 1) elaboração e implementação de políticas públicas saudáveis;
 - 2) reforço da ação comunitária;
 - 3) desenvolvimento de habilidades pessoais;
 - 4) criação de ambientes favoráveis à saúde; e
 - 5) reorientação dos sistemas de saúde
- ❖ Segunda Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Adelaide, Austrália em 1988. Originou a Declaração de Adelaide, que manteve os pressupostos de Ottawa e deu uma nova direção às políticas públicas de saúde, enfatizando a participação comunitária e a cooperação entre os diferentes setores da sociedade.

- ❖ Terceira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Sundsvall, Suécia em 1991. A Declaração de Sundsvall foi um documento que enfatizou a criação e manutenção de ambientes favoráveis e promotores de saúde.
- ❖ Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Santafé de Bogotá, Colômbia, em 1992. Esta Declaração foi o documento de lançamento da Promoção da Saúde na América Latina e reconheceu a relação de mútua determinação entre saúde e desenvolvimento, afirmando que a promoção da saúde na América Latina deve buscar a criação de condições que garantam o bem-estar geral como propósito fundamental do desenvolvimento.
- ❖ Quarta Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Jacarta, na Indonésia em 1997. Teve como título: “ Novos Protagonistas para uma Nova Era: Orientando a Promoção da Saúde no Século XXI”. Pretendeu ser uma atualização da discussão sobre um dos campos de ação definidos em Ottawa, o reforço da ação comunitária.
- ❖ Rede de Megapaíses para a Promoção da Saúde, realizada em Genebra, Suíça, em 1998. Nasceu do reconhecimento da necessidade e do potencial para possibilitar maior impacto na saúde mundial, por meio da formação de uma aliança entre os países mais populosos.
- ❖ Quinta Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada na cidade do México. Esta última foi uma revisão e atualização das anteriores, pois manteve os mesmos pressupostos ao colocar a Promoção da Saúde como prioridade fundamental das políticas e programas locais, regionais, nacionais e internacionais, assumindo um papel de liderança para assegurar a participação ativa de todos os setores e da sociedade civil na implementação das ações que fortaleçam e ampliem as parcerias na área da saúde¹.

¹ Para detalhes sobre as Conferências ver: BRASIL, Ministério da Saúde. Promoção da Saúde. Declaração de Alma-Ata, Carta de Ottawa, Declaração de Adelaide, Declaração de Sundsvall, Declaração de Santafé de Bogotá, Declaração de Jacarta, Rede de Megapaíses, Declaração do México. Brasília/DF, 2001.

Considero todas essas conferências como essenciais na construção do conceito de Promoção da Saúde, bem como na sua disseminação visando alcançar melhorias na qualidade de vida das populações, porém, tenho a Conferência de Ottawa como precursora deste processo, pois definiu princípios e estratégias que serviram de base para as subseqüentes.

3.3.2 Tendências pedagógicas da Educação em Saúde

A Educação em Saúde é o campo de prática e conhecimento do setor saúde que se ocupa mais diretamente com a criação de vínculos entre a ação médica e o pensamento e ação cotidiana da população. Diferentes concepções e práticas marcam a história da Educação em Saúde no Brasil, na qual o combate das doenças infecciosas e parasitárias ocupou lugar central.

Foi justamente para combater as epidemias de varíola, peste e febre amarela nos grandes centros urbanos que, no final do século XIX e início do século XX, se estruturaram as primeiras intervenções ampliadas do Estado brasileiro voltadas para a saúde das classes populares. Essas epidemias estavam trazendo grandes transtornos para a exportação do café. Aconteceram, então, as primeiras práticas sistemáticas de Educação em Saúde. Num contexto político de forte domínio das oligarquias rurais e de extrema debilidade dos atores populares, cuja maioria havia recentemente saído da escravidão, a Educação em Saúde Pública era ainda breve e marginal porque para as autoridades, o povo era incapaz de maiores entendimentos. Predominava a imposição de normas e medidas de saneamento consideradas científicas pelos técnicos e burocratas (VASCONCELOS, 2001 a).

Para compreender essa posição normatizadora e autoritária do governo, é preciso lembrar que o Brasil, após o Descobrimento, teve uma política de colonização tida como de exploração e não de desenvolvimento. Assim, desde os primórdios de sua história, os habitantes foram “dominados” e “domesticados” pelos europeus. Os modelos eram impostos e deviam ser aceitos sem questionamentos ou resistências, isso favoreceu o desenvolvimento de um povo que não sabia o significado da palavra cidadania, pois não tinham direito de exercê-la.

Concomitante ao crescimento econômico e industrial do final do século XIX, os velhos problemas de abastecimento de água, saneamento e higiene viram-se agravados de maneira dramática no início da República com o mais violento surto de epidemias da história. O

ano de 1891 foi particularmente trágico, pois nele coincidiram epidemias de varíola e febre amarela, que vieram se juntar às tradicionais matadoras: malária e tuberculose. Essa situação caótica começou a ameaçar seriamente os interesses da economia agroexportadora baseada no café e a estabilidade do regime republicano então recém-instalado (VASCONCELOS, 2001 a).

Foi-se criando, aos poucos, um aparato legal, institucional e tecnológico necessário, mas o contexto político em que essas ações começaram a ser implementadas marcou fortemente sua forma de ser. A razão fundamental das campanhas que se iniciavam não era o alívio das doenças da população, mas os interesses da burguesia: a manutenção do fluxo comercial e a continuidade da vinda de mão-de-obra estrangeira. A intervenção sobre a população pobre acontecia porque era a forma de combater a transmissão, e esta população sobre a qual o aparato da saúde pública intervinha era vista com desprezo pelo aparato estatal (Ibidem, p.84).

Nesse sentido as práticas de saúde que se seguiram foram extremamente autoritárias, pois se preconizava que ao Estado cabia assegurar bem-estar e segurança para o povo, mesmo que contrariando os interesses individuais, justificando-se, com efeito o controle coercitivo sobre os problemas sanitários como mecanismo de assegurar a defesa, pelo Estado, dos interesses gerais do País. O exemplo claro disso foi a grande revolta de 1904, quando se organizava a infraestrutura administrativa e policial para fazer cumprir a lei da vacinação anti-variolica obrigatória.

As ações médicas e a educação assumiram então importância central no debate político nacional. Apesar do relutante apoio do aparelho estatal, ainda dominado pelas oligarquias rurais surgiram várias campanhas e serviços voltados para o saneamento dos sertões no final da Primeira República. Este auge político da Educação em Saúde voltada para o controle das endemias estava, no entanto, marcado pela ausência do ator popular como elemento ativo (VASCONCELOS, 2001b).

Se já não se via mais o povo como culpado pela situação de subdesenvolvimento e pela disseminação das doenças, porém, ele continuava sendo visto como vítima incapaz de iniciativas criativas e tomada de decisões, que não fossem determinadas pelos técnicos detentores do saber científico. A Educação em Saúde ainda tinha um papel marginal, apenas com caráter informativo baseado na distribuição de folhetos sobre os meios de evitar doenças, pois, para o governo, o povo era incapaz de maiores entendimentos, uma vez que tais ações de Educação em Saúde ajudavam, mas não produziam efeitos positivos de conscientização e mudança de comportamentos individuais e coletivos.

Para Vasconcelos (2001a), está claro que até a década de 1970, a Educação em Saúde no Brasil foi uma iniciativa das oligarquias rurais e elites políticas e econômicas e, portanto, subordinada aos seus interesses. As ações eram baseadas em medidas coercitivas e autoritárias, e não deixavam espaço para o povo pensar e agir por si mesmo. Foi a partir dessa década, porém, que começou o engajamento de intelectuais das mais diversas áreas na luta pela conquista dos direitos populares, bem como na cobrança de maior participação destes no cenário público. O método da educação popular, sistematizado por Paulo Freire (2002), constituiu-se como norteador da relação entre intelectuais e classes populares.

O mesmo autor relata que muitos profissionais de saúde, insatisfeitos com as práticas mercantilizadas e rotinizadas dos serviços de saúde, engajaram-se no processo. Aos poucos se foi tecendo a estrutura de formas diferentes de organização da vida política e essas experiências possibilitaram que intelectuais tivessem acesso e começassem a conhecer a dinâmica de luta e resistência das classes populares. Assim, foram se configurando iniciativas de busca de soluções técnicas construídas com base no diálogo entre o saber popular e o conhecimento acadêmico.

Portanto, a participação de profissionais de saúde nas experiências de educação popular, a partir dos anos 1970, trouxe para o setor saúde uma cultura de relação com as classes populares que representou uma ruptura com a tradição autoritária e normatizadora da Educação em Saúde. Entendo que a educação popular é um projeto pedagógico que valoriza a diversidade e a heterogeneidade da população, a comunicação entre os diferentes atores sociais, o compromisso com as classes subalternas, as iniciativas dos educandos e, principalmente, o diálogo entre saberes diferentes.

A nova concepção de Educação em Saúde fundada nos pressupostos de Paulo Freire, compreende ações que despertem a reflexividade e a criticidade dos atores sociais, então tidos como parte integrante desse processo e não mais como meros espectadores, que assistiam passivos a própria “domesticação”. É preciso criar condições de superação do antigo paradigma e proporcionar meios para as classes populares exercerem seu direito ao controle da própria saúde, identificando, por si próprias, hábitos e comportamentos tidos como não saudáveis.

O ator popular passa da condição de objeto para ser o sujeito, sujeito reflexivo, crítico e transformador da realidade em que vive, visto que agora está “empoderado” para agir e exercer a sua cidadania, que durante tanto tempo lhe foi negada. É mediante a educação transformadora ou libertadora, como denomina Paulo Freire, que o homem toma consciência de si mesmo e dos

outros, compreendendo que não está apenas no mundo, ou seja, ele está no mundo e com o mundo, pois, como ensina o autor

“Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio (...) portanto, enquanto o animal é essencialmente um ser da acomodação e do ajustamento, o homem é o da integração” (p. 51).

Por isso, desde já, é necessária uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época. Na perspectiva da educação popular, os processos educativos permeiam todas as práticas sociais e a Educação em Saúde é uma prática social situada na intersecção dos campos saúde e educação.

O processo de educação popular e saúde trabalha pelo reconhecimento e pela valorização também das práticas e lutas populares saudáveis, destacando-se as festas, as redes de apoio social, a religiosidade e as lutas pela melhoria da qualidade de vida, por acesso a emprego e renda, por um ambiente saudável e pela garantia de atendimento aos seus direitos (BOLETIM, 2003).

Para Weare (2000), o objetivo principal da educação é

“ (...) capacitar as pessoas para a autonomia. Ser educado é ser essencialmente livre, controlar sua própria vida, ser capaz de pensar racionalmente e logicamente, além de tomar decisões sem coração ou medo...e o objetivo da promoção da saúde é empower as pessoas para tomarem decisões próprias sobre sua saúde.”

Ao falar sobre *empowerment*, Tones (1997), entende que este conceito é central para a filosofia e a prática da Promoção da Saúde. O *empowerment* de indivíduos e comunidades instrumentaliza ações facilitadoras de tomada de decisões, contribuindo para uma mudança no estilo de vida e comportamento.

Para Carvalho (2000), Carvalho, Acioli, Stotz (2001) , a construção compartilhada do conhecimento é uma metodologia desenvolvida na prática da Educação em Saúde que considera a experiência cotidiana dos atores envolvidos e tem por finalidade a conquista, pelos indivíduos e grupos populares, de maior poder e intervenção nas relações sociais que influenciam a qualidade

de suas vidas. É um conceito construído no decorrer da experiência na qual a teoria é desenvolvida a partir da prática . Nesse sentido, a dinâmica e o conhecimento produzido vão demarcando o caminho conceitual e teórico em função da realidade e da prática estabelecida.

Carvalho, Acioli e Stotz (2001, p.103), esclarecem que

“O objetivo desta superação da ruptura histórica entre ciência e senso comum é a construção de um novo senso comum em que todos os sujeitos são docentes de saberes diferentes.”

Concordo com Vieira e Barroso (2003) na idéia de que, além da interatividade, a interdisciplinaridade também desempenha papel importante na construção compartilhada do conhecimento e na prática da Educação em Saúde. Não se pode ter uma visão fragmentada sobre a tríade educação-saúde-interdisciplinaridade, tendo em vista a complexidade do ser humano e sua capacidade de adaptação às intempéries da vida. As autoras também consideram tal processo como complexo, visto que envolve a participação de pessoas com diferentes visões e variadas formações acadêmicas, na tentativa de buscar resolubilidade para um mesmo problema: o restabelecimento da saúde ou maneiras de conviver com esses agravos, que interferem na qualidade de vida da pessoa humana.

O profissional de saúde deve assumir o papel de educador, emancipador, transformador e libertador que almeja mudanças no comportamento de sua clientela. Deve agir como um facilitador desse processo, favorecendo condições para que o indivíduo possa ter maior controle e poder sobre sua vida, respeitando e compreendendo a complexidade das relações sociais que se desenvolvem no meio e nas quais constroem suas vidas.

Assim, para Naidoo & Wills (2000), o papel do educador em saúde é mais o de ajudar o grupo a pensar do que pensar por ele, mais de questionar do que discursar, mais de assessorar do que de decidir, contribuindo para o crescimento do grupo no tocante a solidariedade, autonomia e consciência. Acredito que o educador em saúde atua como facilitador mais do que como experto ou técnico no assunto. Em vez de dizer ao cliente o que esse deve fazer, o profissional trabalha com ele, identificando suas necessidades e escolhas. Os autores esclarecem ainda que a Educação em Saúde pode ser considerada como uma oportunidade de planejamento para as pessoas aprenderem sobre sua saúde

A especificidade de uma educação popular em saúde extrapola o setor saúde e expressa, de modo complexo, necessidades concretas, sentidas em termos individuais e coletivos, pela população. Nesse sentido, o conhecimento é, também, um instrumento que articula recursos materiais e afetivos para fortalecer uma rede social de apoio na busca de caminhos que nem sempre são previsíveis (CARVALHO, ACIOLI, STOTZ, 2001).

Creio que a educação é o meio pelo qual poderemos promover a saúde de indivíduos e populações, mediante uma tomada de consciência destes na busca da melhoria da qualidade de vida, exercendo seus direitos e lutando por políticas sociais de inclusão na saúde, educação e direitos humanos, entre outros.

Como leciona Edgar Morin (2002, p.33), pois,

“Para que haja um progresso de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem ser mais brinquedos inconscientes não só de suas idéias, mas das próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez.”

Portanto, um dos pressupostos da Educação em Saúde é a dialética como ferramenta para aprofundar os laços de comunicação entre profissionais e população. O modelo gerencial existente, hoje, nos serviços de saúde tende para um modelo verticalizado médico-centrado, onde existe uma hierarquia de saberes. Esse modelo promove um distanciamento na relação entre profissionais e comunidade e esta torna-se acomodada e conformada em ouvir e assimilar as recomendações dos técnicos, tidos como autoridades inquestionáveis.

Na verdade, a complexidade da saúde exige inovações que ultrapassem a assepsia técnica e propiciem a interação com a dinâmica popular, visando à busca de opções e soluções, individuais e coletivas, para os problemas apresentados

3.3.3 A Enfermagem na Promoção da Saúde dos adolescentes

A enfermagem é entendida como uma prática social que se articula aos demais exercícios, especialmente àqueles conformados como trabalho coletivo que responde pela produção de serviços de saúde. A compreensão da Enfermagem como processo de trabalho

considera as questões histórico-sociais concretas que determinam as especificidades de sua inserção e organização no interior do trabalho em saúde, das quais decorrem processos particulares de trabalho, pela referência a objetos, finalidades e instrumentos diversificados e com características centralizadas em torno das ações de cuidar, administrar e educar. Desta diversidade, são construídos modos de pensar e fazer Enfermagem nos mais diversos contextos de serviços, com potenciais de intervenção crítica e transformadora, em alianças com setores da população e com os demais profissionais (RAMOS, 2001).

Estou ciente de que a Enfermagem tem uma responsabilidade fundamental no trabalho em saúde com adolescentes, tendo em vista a busca da equidade na realização das práticas, a ampliação da autonomia e co-responsabilização de adolescentes homens e mulheres no lidar com a vida e a prevenção de agravos que trazem sofrimentos.

Ao comentar sobre as ações da Enfermagem junto aos adolescentes, Ramos (2001, p.50), ensina que

“A enfermagem deve se basear nos princípios da articulação interinstitucional, da interdisciplinaridade, da instrumentalidade de ações de capacitação e mobilização para a construção de práticas emancipatórias e da transversalidade do compromisso com a promoção da saúde do adolescente nos inúmeros espaços de atenção.”

Assim, como prática social voltada para o trabalho com adolescentes, a Enfermagem tem a responsabilidade e o dever de buscar o desenvolvimento de tecnologias apropriadas à complexidade de suas demandas, aos diferentes espaços de ação e à perspectiva crítica em relação ao próprio modo de trabalhar, no plano assistencial, gerencial e educativo, promovendo o exercício autônomo, responsável e criativo da ação em saúde.

Entendo que a Enfermagem, na área de saúde, é a profissão que está em maior contato com o ser humano, seja na atenção primária ou terciária, e é responsável diretamente no processo de Educação em Saúde e promoção da qualidade de vida das pessoas. Portanto, cabe ao enfermeiro desenvolver e implementar habilidades e estratégias, respeitando a singularidade e motivando as potencialidades individuais e coletivas.

Num contexto social excludente, os referenciais e práticas propostos pela Educação Popular e Saúde, em sua crítica aos modos tradicionais de tomar a educação no interior dos serviços de saúde, se mostram opções legítimas de enfrentamento, fundadas na reflexão acerca da

realidade e de condições de vida, na valorização da experiência e das abordagens educativas e emancipatórias (RAMOS, 2001).

Este enfoque educativo pressupõe a perspectiva do trabalho com indivíduos e grupos, acentuando a condição de sujeitos plenos e plurais, utilizando metodologias participativas e fundando-se no entendimento do adolescente como protagonista.

Desta forma, o adolescente passa a ser visto como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso; e o processo educativo remete, fundamentalmente, ao compromisso ético com a causa da dignidade plena do adolescente, incluindo a possibilidade de construção coletiva do conhecimento em saúde, pela aproximação com as formas de viver das pessoas, pelo exercício da fala e da escuta e pela relação mais afetiva e solidária entre técnicos e população, de modo a abrir espaços singulares para recontextualizar seus propósitos em bases dialógicas.

A Enfermagem, ao longo do tempo, solidificou e ampliou suas bases teóricas tornando-se uma ciência caracterizada pela “ arte de cuidar”. Este cuidado deve ser entendido como uma atitude de envolvimento, afeição, preocupação e responsabilidade para com o outro, e não apenas como uma atividade mecânica e rotineira baseada nas técnicas e procedimentos descritos nos livros. É necessário entender e compreender o outro para que se possa cuidar, e, ao fazê-lo, é necessário transpor barreiras que possam dificultar o relacionamento, pois a confiança e a segurança são elementos fundamentais do cuidar humano.

Especialmente ao trabalhar com adolescentes, essa capacidade de “entender e compreender” da Enfermagem deve ser desenvolvida ao máximo, visto que nessa fase da vida os pais não são divisados como fonte de apoio onde os filhos buscam o esclarecimento de suas inquietações. Assim, os serviços de saúde podem tornar-se espaços de convivência, onde a relação entre o profissional e o adolescente alcança um nível satisfatório de entendimento.

Complementando meu pensamento, Waldow (1999, p. 62), esclarece que

“A enfermagem é uma disciplina, ou seja, uma área do conhecimento caracterizada pelo seu aspecto prático. É, entretanto, uma profissão que lida com o ser humano, interage com ele e requer o conhecimento de sua natureza física, social, psicológica e suas aspirações espirituais. O ser humano em sua relação com o meio ambiente, deve ser visto como um ser em constante evolução, em um processo de vir a ser.”

Contrariamente ao que muitos pensam, o resgate do cuidado não é uma rejeição às feições técnicas, tampouco ao aspecto científico. O que se pretende ao relevar o cuidar é enfatizar a característica de processo interativo e de fluidez da energia criativa, emocional e intuitiva que compõe o lado artístico, além do aspecto moral. O pluralismo, a diversidade e a interdisciplinaridade são algumas das tônicas necessárias para reaver o cuidado humano.

Utilizar o referencial da dialética no trabalho de Enfermagem com adolescentes é compreender que este não é receptor de cuidado, mas o sujeito capaz de contribuir em todo o processo saúde-doença que precisa desenvolver a consciência de direitos para lutar por eles, que têm de ser considerados dentro da sua realidade social, econômica, política e histórica ; que a saúde-doença é a síntese dessas múltiplas determinações, é cuidar do adolescente para que se torne cidadão.

De acordo com Santana (2001), a ocupação, pela Enfermagem, dos espaços além dos limites das instituições, com ações estratégicas, planejadas e compartilhadas, configura-se como grande contribuição para a ruptura da exclusão social. Restringir sua ação ao espaço circunscrito pela instituição pode significar desconsiderar quem está fora dela. É colocar-se acriticamente, como instrumento de manutenção de uma ordem estabelecida que marginaliza os indivíduos. Esta é uma proposta estratégica que reforça e amplia a atuação da Enfermagem como profissão, uma vez que lhe permite intervir nos diversos níveis de prevenção, consolidando sua prática social. Contribui, também, para a reflexão crítica sobre o papel da Enfermagem frente às necessidades de transformação das sociedades e da própria prática profissional.

A Enfermagem deve pensar a construção de um modelo de Educação em Saúde e assistência que atenda às peculiaridades da população adolescente, abordando uma série de temas cujo desconhecimento aumenta as dificuldades dos jovens e de suas famílias. Influir nas políticas públicas, participar e desenvolver projetos integrados de acordo com as necessidades, potencialidades e peculiaridades de cada família e comunidade, promover o atendimento integral do adolescente como membro de uma família, propor ações que contemplem conteúdos nos planos afetivo, de sobrevivência e de conquista de direitos de cidadania, devem ser as preocupações do profissional que se dispõe a trabalhar com adolescentes.

Ao propor um referencial norteador para o trabalho com adolescentes e a promoção da saúde destes, não pretendo me limitar apenas ao domínio de metodologias e tecnologias apropriadas, pois entendo que o mais importante, no entanto, é a apropriação e transmissão de

novas formas de pensar e agir passíveis de construção coletiva, bem como de atualização e reformulação.

Nesse caso, tal discussão está posta como delineamento inacabado e motivador de novas possibilidades de apreensão, superação e transformação dos limites que conformam o processo de adolescer e o trabalhar em saúde.

4. CAMINHO METODOLÓGICO

4.1 Caracterização do estudo

Ao iniciar o estudo, eu tinha em mente fazer uma etnografia da prostituição juvenil ocorrida no farol do Mucuripe, visto que este é um *locus* de pesquisa privilegiado em virtude da alta concentração de jovens que lá se prostituem. No decorrer do estudo porém, compreendi que, em virtude da exigüidade de tempo de que dispunha para concluir o trabalho, não seria cabível esta abordagem. Assim, optei por um estudo de caráter qualitativo, onde usei pressupostos da Etnografia, com a finalidade de captar o mais fielmente possível a realidade focalizada

O estudo teve caráter antropológico e descritivo, com abordagem predominantemente qualitativa, pois segundo Minayo (1996, p.36), o objeto das metodologias qualitativas aponta

“... para o problema fundamental que é o próprio caráter específico do objeto do conhecimento: o ser humano e a sociedade.”

Minayo (1996) considera que a metodologia qualitativa é fundamental nos estudos que objetivam conhecer os fenômenos humanos, os quais não podem ser abordados de forma segmentada, haja vista que consideram o “todo” das interações e dos envolvimento do sujeito com seu ambiente. O pensador francês Edgar Morin (1999, p.21) adverte: “ para compreender o homem é preciso captá-lo na totalidade da experiência humana, interligando os saberes, lhes dando sentido, e situando-lhe no contexto em que estão inseridos”.

Para o estudo do fenômeno em foco, prostituição de meninas adolescentes, entendi que a metodologia qualitativa foi a mais indicada, pois procurei descobrir a realidade vivida, percebida e sentida pelos atores sociais, e, em virtude da complexidade dessa realidade, não é possível mensurar ou quantificar por meio de gráficos , tabelas e números.

As relações sociais, o comportamento adquirido por via de normas e modelos culturais e o próprio fenômeno vivido necessitaram de um modelo investigativo mais profundo e intenso. Nesse modelo pude mergulhar no mundo dessas adolescentes mediante uma relação de confiança e segurança entre pesquisador e pesquisados e esclarecer as minhas inquietações. Isto

porque, para Façanha (2001, p.79), “a realidade social não é um todo unitário, mas uma multiplicidade de processos sociais que atuam simultaneamente em temporalidades diferenciadas, compondo uma totalidade.”

Polit & Hungler (1995) descrevem a pesquisa qualitativa como holística (preocupada com os indivíduos e seu ambiente, em todas as suas complexidades) e naturalista (sem qualquer limitação ou controle impostos pelo pesquisador). Esse tipo de pesquisa baseia-se na premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com descrição da experiência humana, tal como é vivida e definida por seus próprios atores.

Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999) sustentam a idéia de que a visão holística parte do princípio de que a compreensão do significado de um comportamento ou evento só é possível com base na compreensão das inter-relações que emergem em dado contexto.

Entendo que os estudos qualitativos são de grande relevância para os profissionais de saúde, e em especial, para a Enfermagem, haja vista que o enfermeiro trabalhador da saúde pública lida diretamente com as comunidades e assim pode observar e compreender melhor os comportamentos, hábitos, valores e crenças populares. Assim, neste estudo pude descrever a realidade das adolescentes prostituídas, mediante árduo, gratificante e porque não dizer perigoso trabalho de campo, onde fiquei imersa num meio social completamente diferente daquele em que fui criada e observei como se efetivam as relações sociais diante daquela realidade.

Ao adentrar aquele “mundo”, despi-me de minhas crenças e valores acerca da prostituição, com o intuito de não fazer julgamento de valor, pois acredito que, para captar os fatos e a realidade como eles realmente se apresentam, o pesquisador não deve entrar em campo impregnado de juízos prévios, pois isso causaria uma distorção na interpretação dos resultados.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Polit & Hungler (1995) informam que pesquisadores qualitativos coletam e analisam materiais pouco estruturados e narrativos que propiciam campo livre ao rico potencial das percepções e subjetividade dos seres humanos. As inquisições qualitativas, em razão da sua ênfase nas realidades dos sujeitos, exigem um mínimo de estrutura e um máximo de envolvimento do pesquisador, uma vez que elas tentam abarcar aquelas pessoas cuja experiência está sendo estudada.

Os estudos qualitativos compartilham uma quantidade de semelhanças, em termos de metas gerais e técnicas, embora exista, na verdade, uma infinidade de tradições de caráter teórico-filosófico que se abriga sob o amplo guarda-chuva deste tipo de pesquisa. Tais tradições

variam em sua conceitualização dos tipos de indagações que possam ser importantes de se fazer para a compreensão do mundo em que vivemos. Assim, o teor de qualquer enfoque qualitativo que se desenvolva será dado pelo referencial teórico no qual se apoie o pesquisador.

No presente estudo, adotei a corrente interpretativa desenvolvida por antropólogos e sociólogos. Uchôa (1994, p.500), ao referir-se a corrente interpretativa, esclarece que

“Essa concepção estabelece ligação entre as formas de agir dos indivíduos de um grupo, ou seja, entre os aspectos cognitivos e pragmáticos da vida humana e ressalta a importância da cultura na construção de todo fenômeno humano. Nessa perspectiva considera-se que as percepções, as interpretações e as ações, até mesmo no campo da saúde, são culturalmente construídas.”.

A corrente interpretativa mostrou-se a mais adequada ao tipo de estudo que realizei, visto que forneceu uma descrição densa da realidade e uma “tradução” de como as adolescentes experimentam, vivem e interpretam suas práticas no meio da prostituição.

4.2 Pressupostos da Antropologia Interpretativa

O estudo da Antropologia surgiu em torno do conceito de cultura, cujo âmbito essa matéria se preocupa cada vez mais em limitar, especificar, enfocar e conter. É justamente a essa redução do conceito de cultura a uma dimensão justa, que realmente assegure a sua importância continuada em vez de debilitá-lo, que Clifford Geertz propõe um teoria interpretativa da cultura mediante uma descrição densa da realidade. O autor reconhece a versatilidade infinita do conceito de cultura predominante e a considera como uma difusão teórica e complexa, entendendo, ainda, o ecletismo como uma autofrustração, não porque haja somente uma direção a percorrer com proveito, mas porque há muitas. Então, é necessário escolher.

Nas palavras de Geertz (1989, p.15), o seu conceito de cultura:

“Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície.”

Fazendo uma analogia às palavras de Geertz, para compreender o que é a ciência, deve-se olhar, em primeiro lugar, não para as suas teorias ou as suas descobertas, e certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela; deve-se ver o que os praticantes da ciência fazem.

Em Antropologia ou, de qualquer forma, em Antropologia Cultural, o que os praticantes fazem é Etnografia. E é justamente ao compreender o que é a Etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da Etnografia, que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. A tarefa do antropólogo é encontrar a complexidade e ordená-la.

Para Marconi e Presotto (2001) fazer Etnografia é mais do que simplesmente seguir os métodos por ela indicados, ou seja, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário etc. Eles acreditam que o esforço intelectual desenvolvido é o que define uma descrição densa dos fatos, que é a própria descrição etnográfica.

O etnógrafo enfrenta uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas. Ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar.

“Fazer etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (GEERTZ, 1989, p. 25).

Para Lévi-Strauss (1967, p.14), “a etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade, e visando à reconstituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles.”

Ao contrário da abordagem etnocêntrica, a tomada etnográfica se constrói adotando como base a idéia de que os comportamentos humanos só podem ser devidamente compreendidos

e explicados ao se ter como referência o contexto local onde eles atuam. Partindo do princípio de que as regras que norteiam os comportamentos humanos não estão explícitas (ao contrário, muitas vezes estão veladas), o trabalho do pesquisador deve ser o de examinar minuciosamente os diversos aspectos da vida dos diferentes grupos sociais (VICTORA, RNAUTH E HASSEN, 2000).

Para Triviños (1987), o método etnográfico de pesquisa possibilita ao investigador compreender as práticas culturais dentro de um contexto social mais amplo, estabelecendo as relações entre fenômenos específicos e uma determinada visão de mundo. Portanto, o trabalho de campo intensivo, que corresponde ao laboratório do etnógrafo, com observações *in loco*, em vez de experimentos controlados, conduz ao ponto de vista do nativo, ou seja, a essência do trabalho antropológico. O mesmo autor acrescenta ainda que

“A etnografia baseia suas conclusões nas descrições do real cultural que lhe interessa para tirar delas os significados que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade (...) o pesquisador não fica de fora da realidade (...) a participação do investigador como etnógrafo envolve-o na vida própria da comunidade com todas suas coisas essenciais e acidentais, mas sua ação é disciplinada, orientada por princípios e estratégias gerais” (p.121).

Desse modo, posso considerar o etnógrafo como um especialista dedicado ao conhecimento exaustivo da cultura material e imaterial de grupos: observa, descreve, analisa, interpreta e reconstitui culturas. Trata-se de um investigador de campo dedicado à coleta do material referente a todos os aspectos da cultura passíveis de observação e descrição.

O homem é um produto do meio, ou seja, não existem de fato homens não modificados pelos costumes de lugares particulares. A evolução do pensamento humano, bem como do sistema neuronal, não aconteceu apenas em decorrência de fatores biológicos e físicos, mas principalmente por determinantes culturais transmitidos por meio de significados públicos dos símbolos. “Pode ser que nas particularidades culturais dos povos, nas suas esquisitices, sejam encontradas algumas das revelações mais instrutivas sobre o que é ser genericamente humano.” (GEERTZ, 1989, p. 55)

Ao refletir sobre estas afirmações e fazendo um paralelo com o objeto deste estudo, tornou-se imprescindível conhecer, descobrir e compreender as particularidades da cultura das adolescentes em circunstância de prostituição.

O pensamento humano é basicamente tanto social como público. Pensar consiste não nos acontecimentos na cabeça, embora sejam necessários, mas num tráfego entre os símbolos significantes – as palavras – para a maioria, mas também os gestos, desenhos, sons musicais, artifícios mecânicos ou objetos naturais, na verdade, qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada para impor um significado à experiência. “ A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade.(VICTORA, RNAUTH E HASSEN, 2000, p.59).

Ao falar sobre o homem, Geertz (1989) diz que eles são animais incompletos e inacabados, que se completam e acabam mediante cultura – não da cultura em geral, mas por meio de formas altamente particulares de cultura, ou seja, aquela construída pelos grupos sociais, com suas particularidades. O autor enfatiza a idéia de que os homens são artefatos culturais, a saber, a cultura humana é um ingrediente e não um suplemento do pensamento humano.

O mesmo autor analisa criticamente a Etnociência ou Antropologia Cognitiva. Essa escola de pensamento assevera que a cultura é composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos guiam seu comportamento, ele descrever a cultura pela elaboração de regras sistemáticas, um algoritmo etnográfico que surge sob a forma de taxonomias, paradigmas, tabelas, genealogias, etc. Diante dessa perspectiva, levanta-se o debate sobre se essas análises refletem o que os nativos pensam realmente ou se são apenas simulações inteligentes, equivalentes lógicos, mas substantivamente diferentes do que eles pensam.

Portanto, acredito que a cultura é pública porque o significado o é. A cultura é mais do que um fenômeno psicológico/cognitivo que pode ser analisado mediante métodos formais similares aos da Matemática e Lógica. Ela é construída pelas relações sociais com significados comunitários, nos termos dos quais as pessoas fazem certas coisas para indicar conspiração, ou se aliam indicando amizade. Enfim, os significados dos atos e comportamentos dependem diretamente do contexto em que os sujeitos estão inseridos, devendo ser descritos de forma inteligível, isto é , com densidade.

“ Os significados que os símbolos , os veículos materiais do pensamento, incorporam são muitas vezes evasivos, vagos, flutuantes e distorcidos, porém eles são em princípio, tão capazes de serem descobertos através de uma investigação empírica sistemática...É por intermédio dos padrões culturais, amontoados ordenados de símbolos significativos que o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive .” (GEERTZ, 1989, p.228).

Para Geertz (1989), nada mais necessário para compreender o que é a interpretação antropológica do que a compreensão exata do que ela se propõe dizer ou não dizer, de que as formulações dos sistemas simbólicos de outros povos devem ser orientados pelos atos.

Isso significa que as descrições das culturas não de ser interpretadas em termos das construções que se imagina, por intermédio da vida que levam e da fórmula que eles usam para definir o que lhes acontece. Outra implicação é que a coerência não pode ser o principal teste de validade de uma descrição cultural.

Enfim, a descrição etnográfica é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” num discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis. Também é microscópica, isto é, o antropólogo aborda características de interpretações mais amplas e análises mais abstratas a partir de um conhecimento muito extensivo de assuntos extremamente pequenos (GEERTZ, 1989).

Para Triviños (1987), o que é importante nos achados do antropólogo é sua especificidade complexa, sua feição circunstancial. É justamente com essa espécie de material produzido por um trabalho de campo de peneiramento - a longo prazo, principalmente qualitativo, altamente participante e realizado em contextos específicos - que os megaconceitos com os quais se aflige a Ciência Social contemporânea podem adquirir toda a espécie de atualidade sensível que possibilita pensar não apenas realística e concretamente sobre eles, mas, o que é mais importante, criativa e imaginativamente com eles.

A partir daí segue-se uma peculiaridade no caminho: como simples tema de fato empírico, o conhecimento sobre a cultura cresce, e, em vez de seguir uma curva ascendente de achados cumulativos, a análise cultural separa-se numa seqüência desconexa, no entanto, coerente de incursões cada vez mais audaciosas. Os estudos constroem-se sobre outros estudos, não no sentido de que retomam onde outros deixaram, mas no sentido de que, mais bem informados e melhor conceitualizados, eles mergulham mais profundamente nas mesmas coisas.

Assim, no estudo da cultura, busca-se compreender conjuntos de atos simbólicos e a análise do discurso social, de maneira que a teoria é usada para investigar a importância não aparente das coisas .

Geertz (1989) informa que a Antropologia Interpretativa é um ramo da ciência cujo progresso é marcado menos por uma perfeição de consenso do que por um refinamento de debate. Ela tenta manter a análise das formas simbólicas tão estreitamente ligadas quanto possível aos acontecimentos sociais e ocasiões concretas, o mundo público da vida comum, e organizá-la de tal forma que as conexões entre as formulações teóricas e as interpretações descritivas não sejam obscurecidas por apelos às ciências mágicas.

Olhar as dimensões simbólicas da ação social – arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum - não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não tornadas emocionais; é mergulhar no meio delas. A vocação essencial da Antropologia Interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à disposição do pesquisador as respostas que os outros deram, e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou.

4.3 Procedimentos

Local e período do estudo:

O estudo foi desenvolvido na cidade de Fortaleza-CE, no Bairro Vicente Pizón, mais conhecido popularmente como Serviluz, no período de agosto a novembro de 2004. Escolhi o referido bairro como *locus* do estudo em razão de ser um ponto explícito de prostituição tanto de mulheres adultas como de adolescentes, porquanto abriga o farol do Porto do Mucuripe e está situado numa zona da periferia.

O Bairro Vicente Pizón -Serviluz está localizado na faixa de mar próximo ao porto do Mucuripe. Abriga o antigo farol e, por essa razão, também é conhecido como Farol Velho. Geograficamente, está limitado ao leste pelo mar e a oeste pelos gasodutos da Nacional Gás. Administrativamente, pertence à Regional II², região de maior renda *per capita* mensal,

² Lei Municipal nº 8.000, de 29 de janeiro de 1997.

chegando a 8,5 salários mínimos por chefe de família, entretanto, 46% deles ganham de 0 a 3 salários mínimos, o que evidencia uma alta concentração de renda. Nessa Regional, encontram-se 42 favelas inseridas entre os bairros, sendo o Vicente Pizón e o Papicu os que mais sediam tais aglomerados (SANTANA, 2004).

Para chegar até o local desejado, segue-se pela av. Vicente de Castro (continuação da av. Abolição) e entra-se pelo farol. Esse “pedaço” do bairro corresponde à zona de bares e prostíbulos que servem ao movimento do Porto do Mucuripe e da PETROBRÁS (Petróleo Brasileiro), entre outros, como me foi relatado pelas adolescentes e observado durante o trabalho de campo.

Sujeitos do Estudo

Os sujeitos da investigação foram oito meninas adolescentes de treze a dezessete anos, que vivenciavam a realidade da prostituição naquele bairro e aceitaram participar de livre e espontânea vontade do estudo. Escolhi esta faixa etária de acordo com a definição de adolescente contida no Estatuto da Criança e do Adolescente, que estabelece esse intervalo de idade como o período relativo à adolescência. Foram coletadas dez entrevistas, porém duas foram utilizadas como teste-piloto, a fim de identificar pontos ambíguos e melhorar o instrumento de coleta de dados, restando ao final oito entrevistas.

Para chegar até as meninas, entrei em contato com a presidente da APROCE – Associação das Prostitutas do Ceará, Rosarina Sampaio, e, por meio de ofício e conversa formal, expliquei a ela os objetivos do estudo, bem como entreguei uma cópia do Projeto de Pesquisa. Após alguns dias, entrei em contato com Rosarina e esta assinou o termo de autorização para a realizar a pesquisa, bem como se dispôs a me ajudar no que fosse preciso.

Esclareço que a APROCE é uma entidade militante no combate à exploração sexual de crianças e adolescentes e, constantemente, participa de manifestações e atos públicos contra esse problema. A APROCE é constituída apenas por mulheres adultas que se organizaram politicamente em prol de uma melhoria na qualidade de vida e de trabalho das prostitutas adultas. Portanto, a parceria com a APROCE ocorreu no sentido de utilizar a popularidade de sua presidente para me aproximar das adolescentes, visto que Rosarina é uma mulher conhecida e querida nesse meio.

Assim, Rosarina entrou em contato com algumas de suas colaboradoras no bairro e estas identificaram as adolescentes em circunstância de prostituição, as quais foram ao meu encontro, quando pude conversar e entrevistá-las.

Todas as adolescentes foram informadas acerca do estudo, sobre seus objetivos e aplicações, e somente após esse esclarecimento, elas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A) permitindo-me então, iniciar a coleta dos dados.

A pesquisa obedeceu à Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Esta Resolução incorpora, sob a óptica do indivíduo e das coletividades, os quatro referenciais básicos da Bioética: autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça. Visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado. Em seu artigo II, § 11, sobre o consentimento livre e esclarecido, estabelece que:

“ [...] anuência do sujeito da pesquisa e/ou seu representante legal, livre de vícios (simulação, fraude, erro), dependências, subordinação ou intimidação, após explicação prévia e pormenorizada sobre a natureza da pesquisa, seu objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, formulada em um termo de consentimento, autorizando sua participação voluntária na pesquisa “ (VASCONCELOS, 2002, p.115).

As adolescentes tiveram suas identidades preservadas, garantindo o seu anonimato e sigilo. Para isso, antes de iniciar as entrevistas, solicitei que elas se identificassem usando o “nome de guerra”, ou seja, o nome que usam quando estão na rua .

Instrumentos e Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu em dois lugares e foi operacionalizada também em dois momentos. No primeiro instante, as entrevistas foram realizadas na própria favela do Mucuripe, em seguida, na outra ocasião, utilizei o farol do Mucuripe e a avenida Beira-Mar para proceder às observações sobre a realidade da prostituição juvenil .

Como técnicas de coleta de dados foram utilizadas a entrevista semi-estruturada e a observação livre. Em primeiro lugar, usei a entrevista semi-estruturada com temas norteadores.

Triviños (1987, p.52), ao falar sobre entrevista semi-estruturada, diz que “podemos entendê-la , em geral, como aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.” Para Minayo (1996), a entrevista semi-estruturada como técnica de coleta de informações contempla uma série de questões que vão desde a fidedignidade do informante ao lugar social do investigador.

Para realizar as entrevistas, elaborei um roteiro de temas (Apêndice B) que foi direcionando a conversa. Com os temas em mente, não fiquei presa a um pedaço de papel ou caderneta, o que tornaria aquele momento muito frio e mecanizado. Assim, a entrevista fluiu mais descontraída e, além das perguntas predeterminadas no roteiro, ainda levantei outros questionamentos frutos de novas indagações que foram surgindo no transcorrer da entrevista. Como recurso para o registro, usei o gravador, após autorização das meninas. Logo depois de cada entrevista, procedia à transcrição, na íntegra, de todo o conteúdo gravado, a fim de não perder nenhum dado. Optei pelo recurso do gravador porque acredito que este possibilita não só a apreensão dos termos da narrativa, como também a captação de outros dados que integram e são relevantes para a análise como tom de voz, choro e momentos de silêncio. As entrevistas duraram em média 50 minutos.

Essa fase desenvolveu-se nas dependências da casa da senhora Elizabeth, mas conhecida como Beth. Essa casa se localiza exatamente na rua conhecida como “rua dos Cabarés”, pois estava encravada entre os prostíbulo e bares do lugar. Rosarina entrou em contato com Beth, explicou-lhe sobre o estudo e esta gentilmente ofereceu sua casa durante todo o período do estudo, para que pudesse me encontrar com as adolescentes. Caso contrário seria muito difícil, visto que não é possível abordá-las no próprio farol do Mucuripe. Esclareço que a casa de Beth não é prostíbulo, mas uma casinha simples de três cômodos, onde ela mora com os dois filhos após separar-se do marido, e este, por sua vez, não a ajuda financeiramente em nada. Ela trabalha como faxineira – diarista - para sobreviver. Rosarina já conhecia Beth há muito tempo, pois vizinho à casa dela há um prostíbulo pertencente a duas colaboradoras de Rosarina e associadas da APROCE. Assim, houve uma aproximação fácil, no entanto, eu não podia realizar as entrevistas naquele lugar e Beth concordou em ceder a sua casa.

Realizei várias visitas ao bairro para coletar as entrevistas. Todas as entrevistas foram realizadas à noite, no horário entre 18 e 01 hora da manhã, e sempre nos finais de semana, pois eram os dias de maior movimento. Rosarina me acompanhou durante os primeiros encontros visto que ela é uma pessoa conhecida naquele lugar e assim eu estava protegida, no entanto, os encontros finais ocorreram sem a presença dela, pois eu já tinha condições de ir sozinha. Durante os encontros, sempre levava um lanche para as meninas, que constava de refrigerante e bolo, com o intuito de facilitar o envolvimento entre pesquisadora e pesquisados.

No curso das visitas ao bairro, também utilizei como técnica de coleta de dados a observação, pois aquele era um excelente lugar para entender como se dava a realidade da prostituição. A observação permite checar, na prática, a sinceridade de certas respostas que só são dadas para causar boa impressão, ou para “se livrar” do pesquisador, também permitindo identificar comportamentos não convencionais ou inconscientes e explorar tópicos que os informantes não se sentem à vontade para discutir (MINAYO, 1996). Como recurso para o registro das observações, usei o diário de campo, onde descrevi toda a realidade observada em torno do objeto de estudo e anotei minhas impressões e sentimentos em relação aos fatos.

O primeiro contato com a realidade das adolescentes foi no dia 22/08/2004, pois fui realizar as duas entrevistas que serviram de teste-piloto. Cheguei às 18 horas, acompanhada de Rosarina. Ao adentrarmos a casa de Beth, lá já se encontravam duas adolescentes sentadas no sofá, à nossa espera. Apresentei-me, expliquei o propósito do estudo e elas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Somente após isso é que iniciei as entrevistas. Terminei por volta de 21 horas e então fui direto para casa, onde procedi a transcrição, na íntegra, das entrevistas. Em seguida estudei os pontos fracos, fiz adaptações e melhorei o roteiro, pois identifiquei alguns tópicos que ficaram confusos e que poderiam atrapalhar a análise dos resultados.

Paralelamente às entrevistas, durante os meses de agosto a novembro, procedi às observações livres em alguns pontos de Fortaleza, citados pelas meninas como de maior incidência da prostituição. Frequentei a avenida Beira-Mar e o próprio farol do Mucuripe também nos finais de semana. Na av. Beira-Mar eu passeava pelo calçadão como um transeunte qualquer e, em outras ocasiões, passeava de carro quando já era tarde da noite. Já no farol do Mucuripe, geralmente quando terminava as entrevistas, eu seguia para lá de carro e acompanhada de Rosarina. Nesse período, observei que na avenida Beira-Mar a prostituição assume uma

conotação diferente daquela do Farol, pois existe uma clientela mais sofisticada e de melhor poder aquisitivo. Isso também pôde ser percebido pela “qualidade” das meninas, pois eram mais bem vestidas.

Naquele espaço existe uma delimitação de territórios, pois na av. Beira-Mar ficam as prostitutas, na av. Abolição os travestis e michês. O movimento começava por volta das 23 horas, horário em que os educadores sociais já se tinham ido. Além das mulheres adultas, poucas adolescentes apareciam, provavelmente com medo de serem pegadas pela polícia, pois lá a fiscalização é maior do que no Farol. O processo de negociação, no entanto, era parecido, mas o interessante era que o cliente não chegava diretamente à garota, pois havia um intermediário geralmente um taxista.. Essa observação foi mais difícil de realizar porque existe uma rede organizada para explorar a prostituição naquela região. Era perigoso, então, tentar qualquer aproximação. Enfim, no dia 06/11/2004 aconteceu minha última observação. Todos os dados produzidos nessa fase foram anotados no diário de campo e utilizados para contextualizar as entrevistas, além de proporcionarem outras descobertas.

Análise dos Dados:

Os indicadores foram analisados durante todo o período de coleta, pois entendo que a pesquisa qualitativa reúne vasta gama de informações e exige muita habilidade por parte do pesquisador. Portanto é necessário um exame concomitante à coleta de dados, promovendo uma sistematização das informações colhidas e evitando um caos no decurso da análise.

Utilizei a técnica de análise temática, proposta por Bardin, haja vista que privilegia o conteúdo das falas do texto escrito, em razão de comportar um feixe de relações e poder ser gratificante apresentá-lo mediante uma palavra, uma frase ou um resumo. Para Bardin (1977), tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. Para Minayo (1996), fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentidos que compõem uma comunicação e cuja presença ou frequência signifique alguma coisa para o objetivo analítico visado.

A escolha desta técnica de análise de dados também se mostrou a mais adequada ao tipo de estudo a que me propus, tendo em vista que seus métodos conduzem a uma interpretação

profunda das falas dos sujeitos. A presença de determinados temas revelou os valores de referência e os modelos de comportamentos adquiridos pelas adolescentes como resultado de padrões sociais e culturais específicos.

Operacionalmente, segui as três fases propostas pela análise temática, com o objetivo de chegar a uma interpretação profunda e a uma descrição densa da realidade das adolescentes.

1º FASE) Pré-análise - consistiu na organização e seleção dos documentos a serem analisados, na formulação de hipóteses e elaboração de indicadores que orientassem a interpretação final. Nesta fase, procedi às seguintes etapas:

- Preparação do material - correspondeu ao período de transcrição das entrevistas na íntegra, com descrição de expressões e sentimentos não captados pelo gravador. Foi uma tarefa demorada, pois em média levei cerca de 3 horas para transcrever cada entrevista.
- Leitura flutuante - leitura exaustiva do material, assimilando melhor seu conteúdo por meio de várias repetições até que a sensação inicial de caos cedesse lugar a uma familiaridade com aquele conteúdo.
- Constituição do *Corpus* - consistiu em selecionar o material por meio da exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência.
- Formulação de hipóteses e objetivos - nesta quadra formulei as hipóteses iniciais.

2º FASE) Exploração do material - consistiu na aplicação das técnicas sobre o *Corpus* e correspondeu à codificação, visando a alcançar os núcleos de sentido. A codificação é a transformação dos dados brutos do texto; é a representação do conteúdo por meio de :

- recorte do texto em unidade de registro ou unidade de contexto;
- escolha de regras de contagem; e
- classificação e agregação dos dados, selecionando categorias teóricas ou empíricas que comandam a especificação dos temas. Assim os temas semelhantes ou iguais ficam agrupados numa mesma categoria, sob um título geral ou um “grande tema” que os identifica. Classificar os elementos em categorias impõe a investigação do que cada

um deles tem em comum com os outros. Assim, o que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum entre eles.

3º FASE) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação - nesta fase, realizei a interpretação dos dados colhidos, procurando entender os significados e percepções das adolescentes sobre a realidade da prostituição, propondo inferências a propósito dos objetivos previstos e de outras descobertas inesperadas. Refleti sobre o dia-a-dia das meninas e assim me posicionei frente à situação apresentada.

Para Bardin (1977), o que caracteriza a análise qualitativa é o fato de a inferência ser fundada na presença do índice e não sobre a frequência de sua aparição em cada comunicação individual. A autora ressalta que a interpretação se faz necessária quando o significado de um texto não é compreendido de imediato, tornando-se preciso refletir sobre as condições que deram origem a um significado específico. Para o pesquisador compreender o sentido dos depoimentos produzidos, ele precisa conectar os fatos vividos e sua repercussão no presente.

A apresentação dos resultados foi organizada da seguinte maneira:

5.1 OITO MENINAS, OITO MULHERES - narrativas do “lado duro da vida fácil.”

Aqui apresentei a história da vida das informantes, que, embora ainda jovens, já sofrem com a violência, a dor e o sofrimento.

5.2 PORTÃO DA PROSTITUIÇÃO- do luxo da avenida Beira-Mar à pobreza do Farol. Neste item descrevi os dois cenários onde realizei as observações, fazendo um paralelo entre dois mundos tão diferentes econômica e socialmente, mas que se interligam pela prostituição.

Em seguida, codifiquei e interpretei as temáticas que emergiram da análise do conteúdo das entrevistas, as quais estão dispostas da seguinte forma:

5.3 “CAIR NA VIDA”- fatores que empurram a adolescentes para a vida na rua.

5.4 PERDA DA VIRGINDADE - ritual de passagem para a rua.

5.5 FATORES QUE SEDUZEM A ADOLESCENTE PARA A RUA.

5.6 SOBREVIVENDO NO MUNDO DA PROSTITUIÇÃO.

5.7 DEFENDENDO-SE DAS DORES DA VIDA DURA - estratégias de auto-proteção.

5.8 AUTO ESTIMA AGREDIDA E ABALADA.

5.9 PRESA NA REDE GLOBAL DE EXPLORAÇÃO SEXUAL.

Analisei o conteúdo das entrevistas, utilizando como pano de fundo pressupostos de Antropologia Interpretativa, bem como conhecimentos teóricos sobre Saúde Pública, Educação e Promoção da Saúde, sexualidade entre outros assuntos já trabalhadas na revisão de literatura.

Por fim, compreendo que a tarefa da interpretação é algo infinito, pois toda vez que o pesquisador se debruça sobre o material, novas possibilidades de interpretações surgem como uma construção infundável de significados embasados nas crenças, valores e subjetividades dos sujeitos e coletividades.

5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

5.1 OITO MENINAS , OITO MULHERES : narrativas do “lado duro da vida fácil”

Ao adentrar o mundo das informantes, pude perceber o quanto suas vidas são marcadas por sentimentos de dor, abandono, tristeza, medo, revolta, entre outros. Mesmo em sua curta existência, a vida de menina cedeu lugar a uma vida de mulher, em que os sonhos e as brincadeiras próprias da infância foram substituídos por experiências de sofrimento permeadas pela violência física e emocional a que são submetidas diariamente.

A família, na maioria das vezes, apresenta-se como um lugar onde a violência doméstica se torna mais grave do que a sofrida na rua. Assim, histórias de pais alcoólatras, que agredem esposas e filhos, e irmãos marginalizados e drogados são frequentes no meio social em que as adolescentes vivem. A mãe, quase sempre, representa o eixo norteador onde as meninas buscam apoio, embora muitas também já tenham sido ou ainda sejam prostitutas, o que representa um “espelho” para as adolescentes.

A prostituição entre as informantes assume um caráter de sobrevivência haja vista a pobreza em que se encontram e a necessidade financeira pela qual passam, chegando ao ponto de não terem dinheiro nem para comprar o leite dos filhos, ou ainda, estando grávidas, não recusarem o programa porque precisam do dinheiro.

Assim, torna-se necessário conhecer a experiência de vida de cada menina com o intuito de compreender melhor o contexto das relações sociais em que suas vidas foram construídas. A seguir, de uma forma resumida, visto que não estou trabalhando com a técnica de história de vida, passo a contar as experiências das adolescentes da maneira como me foram relatadas.

SHIRLEY, catorze anos de idade, moreno-clara, cabelos castanhos; mais ou menos 1,60m. Muito desinibida e solícita, foi a primeira adolescente com quem mantive contato. Mora no bairro Vicente Pizón com o pai, a mãe e mais quatro irmãos (dois homens e duas mulheres), o cunhado e um sobrinho numa casa de dois quartos, sala, cozinha e banheiro, alugada por cinquenta reais. É a segunda de uma prole de cinco; solteira e não tem filhos, estudou até a quinta

série do Ensino fundamental e parou porque precisava de dinheiro para “viver”, conforme ela mesma relata. O irmão mais velho, no início deste estudo, não trabalhava, mas na última vez em que a vi, ela me disse que ele estava trabalhando como flanelinha. A mãe vende roupas esporadicamente e o pai trabalha no cais do porto do Mucuripe. O pai é alcoólatra, bate muito na esposa e já tentou matá-la uma vez. Shirley perdeu a virgindade com 12 anos de idade com um namorado. Ficou “junta” com ele durante alguns meses, mas ele batia e a maltratava muito. Então resolveu deixá-lo. Entrou na prostituição com 12 anos de idade e foi levada por uma prima de 10 anos que a convidou a ir para o Portão (lugar do porto do Mucuripe onde as garotas vão encontrar os clientes). Aceitou o convite pois a família estava com dificuldades financeiras, e segundo ela, o pai não tinha nada para “botar” em casa. Os pais sabem sobre sua situação; a mãe dela sente muita vergonha e pede para a filha sair dessa vida, mas ela diz que só sairá quando encontrar um trabalho decente para sustentar os pais. Acha que a prostituição não oferece vantagens, mas é a única forma como consegue ganhar dinheiro e pelo fato de ser menor de idade não consegue trabalho em outros lugares. Relatou histórias de amigas que sofreram violência por parte dos clientes e percebe a vida na prostituição como muito perigosa. Demonstrou muito amor e carinho pela mãe e pela avó materna e disse que tem muita vontade de dar uma casa para ambas, onde pudessem morar sossegadas. Durante nossas conversas, sempre falava da mãe com muito carinho e medo de perdê-la. Mantém o sonho de estudar, ser professora, conseguir um trabalho e sustentar a mãe e a avó materna. Não gosta muito da avó paterna porque ela protege o filho quando este maltrata a esposa. No nosso último encontro, ela disse que o que mais desejava era estar perto da pessoa de quem ela gosta - um rapaz de 24 anos que mora no Rio de Janeiro e vem de vez em quando, mas sabe que ele não a quer porque é garota de programa.

KAROL, treze anos de idade, porém o tipo físico aparentava bem menos. Magra, cabelos pretos, um pouco tímida, quase não falava nos primeiros contatos, mas depois a timidez foi embora. Mora no Bairro Vicente Pizón com a mãe e cinco irmãos, numa casa emprestada por um conhecido. Ela é a caçula. Apenas dois irmãos trabalham, ou melhor “fazem bico” como ajudante de pedreiro de vez em quando. Moravam em Aracati e vieram para Fortaleza quando ela ainda

era criança. Logo ao chegarem à Capital, os pais se separaram e como era ela pequena não sabe o motivo, no entanto a mãe diz que o marido era muito ruim para a família. Ele mora em Aracati e não os ajuda financeiramente em nada. A mãe não tem emprego e também já foi prostituta, pois quando se separou os filhos eram pequenos e ela não tinha como criá-los. Hoje lava roupa para fora mas não tem clientela certa. Karol perdeu a virgindade com 11 anos com um rapaz com quem ela ficava³. Depois o relacionamento não deu mais certo e entrou na prostituição para ajudar em casa, pois achava que era uma maneira de ganhar dinheiro. Ela é solteira e não tem filhos, mas teve um aborto há uns seis meses de um rapaz com quem estava ficando. Segundo ela, o aborto foi espontâneo. Ainda estuda e cursa a 5ª série do Ensino Fundamental num Colégio público no próprio bairro. Disse-me que não é totalmente uma “garota de programa”, pois não sai todo dia e só quando aparece algum amigo é que ela sai. Às vezes chora e fica triste, mas conversa com outras colegas e sente-se melhor. A mãe não quer que ela seja prostituta, mas ela sai escondida e acaba indo. Já se envolveu com um homossexual, sem saber de sua preferência sexual, contraiu o HPV- papiloma vírus humano e ainda está fazendo o tratamento da doença. Trabalhou como babá, mas como é de menor as pessoas não querem empregá-la. Em sua face pude notar que era uma garota triste e falou muito sobre o tempo em que seus pais moravam juntos. Recorda-se dessa época como muito feliz e desejaria que esse tempo voltasse. Disse que a vida que leva oferece muitos perigos e já passou por uma situação de muito medo, quando foi espancada. Tem muito medo de perder a mãe e deseja terminar os estudos, se formar em Informática e conseguir um trabalho. Também manifestou o desejo de encontrar um homem que goste dela para ficarem juntos. O “grande amor” de sua vida é o rapaz homossexual, mas ela acha impossível ficarem juntos porque ele disse que não queria mais ficar com ela. Durante os nossos encontros, ela sempre parecia tímida e era necessário um longo tempo para que começasse a conversar. Depois de alguns encontros, já estávamos tão envolvidas que ela levou a mãe para eu conhecer. Uma mulher nova, de mais ou menos 40 anos de idade, cabelos curtos e pretos, 1,60m e muito simpática. Sentou-se à mesa conosco e conversou um pouco. Então eu expliquei o propósito pelo qual estava ali e ela achou muito interessante, pois disse que era difícil uma jovem “tão bem aparentada” e estudada ir para aquele meio social fazer um estudo. Relatou ainda que tinha muita curiosidade de me conhecer porque sua filha sempre falava de mim e dizia que

³ Remeto o leitor ao 2º parágrafo da seção 5.4, onde explico a acepção de ficar.

gostava muito de conversar comigo. Convidou-me a voltar mais vezes e disse que naquele dia não poderia me levar até sua casa porque estava muito “bagunçada” (as coisas fora do lugar).

MÔNICA, catorze anos de idade, morena, cabelos castanhos, olhos pretos, 1,58m de altura, tipo físico condizente com sua idade. Mora no Bairro Vicente Pizón com o pai, mãe e mais dois irmãos. Ela é a caçula e moram em casa própria. Diz-se “enrolada”, pois tem um caso amoroso com um rapaz, não tem filhos, estudou até a 6ª série do Ensino Fundamental e abandonou os estudos pois não tinha dinheiro para ir de ônibus até a escola. Os pais estão desempregados e apenas um irmão trabalha e ganha meio salário mínimo para manter as despesas da casa. A mãe também era prostituta e ainda sai com clientes pelo dinheiro, mas é escondido do marido. O irmão mais velho já se envolveu com drogas; o pai bebe muito e bate na esposa e nos filhos. Disse-me que sua vida era muito difícil e tinha muito sofrimento, pois já haviam passado fome e tinham muita necessidade financeira. Acha que a prostituição não vale a pena, mas não tem outro emprego, então faz sexo por dinheiro, como ela mesma disse. Às vezes a avó materna, que mora no interior, manda alguns mantimentos para a família, mas não são suficientes. Para Mônica, a perda da virgindade foi uma etapa muito feliz de sua vida. Inclusive quando falou dessa época ela riu e mostrou um ar de felicidade e boas recordações, pois relatou que aquele momento foi “tudo” para ela, embora não soubesse dos problemas que viriam depois, como o contágio pelo HPV e os espancamentos por parte do namorado, que queria fazer sexo oral e anal sem o seu consentimento. Na época, Mônica tinha 10 anos e o rapaz tinha 18, então resolveu se afastar do namorado por causa das agressões. A partir daí resolveu procurar outros meios para “ganhar a vida”, pois o namorado não lhe dava dinheiro. Começou fazendo sexo por dez reais, mas depois viu que as mulheres adultas faziam por mais dinheiro e resolveu aumentar o preço também. Foi espancada a primeira vez porque o cliente queria fazer sexo anal e ela se recusou, pois disse que esta prática sexual doía muito. Em seguida, com 12 anos, foi espancada novamente por 2 homens que fizeram sexo com ela, espancaram e não pagaram. Às vezes, quando sai de carro com os clientes, uma outra colega anota a placa do carro como precaução caso ela não retorne do encontro. Quando sai para fazer o programa, disse que a iniciativa de usar a camisinha é dela, no entanto há homens que não querem usar. Relatou que há uns 4 ou 5 meses fez sexo sem

preservativo, mas estava muito arrependida, pois, segundo ela, o homem era muito esquelético e ficou com medo, pois ele podia ter alguma doença. Quando falou das mortes de suas bisavós ficou muito triste e disse que foi muito difícil, pois era muito ligada a ambas. Faz “ponto” na Beira-Mar e no Farol. No dia do nosso primeiro encontro, não foi procurar “programa” pois estava com dor de cabeça. Acha a vida que leva indecente e perigosa, pois já passou muitos perigos. Tem muito medo de perder a mãe e vontade de arranjar um trabalho decente, pois acha que com um trabalho decente sairia dessa vida e poderia voltar aos estudos.

VERÔNICA, catorze anos de idade, mora no Bairro Bom Jardim e vai de ônibus juntamente com uma colega para fazer programas no Farol, pois lá ninguém a conhece. Cabelos pretos e pele morena, um pouco gordinha, 1,58m, bem desinibida. No primeiro encontro vestia uma minissaia azul e uma miniblusa amarela que deixava a barriga à mostra; batom rosa-escuro e unhas também pintadas de rosa. A mãe morreu quando ela era pequena e o pai vive com outra mulher e com ela não mantém contato. Ela mora com a única irmã, que acabou de se separar, e os sobrinhos. Verônica é solteira, não tem filhos. Estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental e abandonou os estudos porque precisava de dinheiro para sobreviver, já que o pai não ajudava financeiramente. Disse que é uma pessoa de bom coração e não gosta do que faz, mas por enquanto é a maneira que tem de ganhar dinheiro. Já trabalhou como doméstica, mas saiu quando a patroa descobriu que era menor de idade. Tinha 12 anos quando arrumou um namorado e perdeu a virgindade. Ficou com ele durante um tempo mas depois ele a deixou porque arrumou outra namorada. Em seguida, quando tinha 13 anos, foi convidada por uma amiga de 12 anos para ir “fazer programa”, pois esta amiga já fazia e conhecia todo o esquema. Ela aceitou, pois não era mais virgem e dessa maneira foi entrando na prostituição. Durante os dias dos nossos primeiros encontros não estava fazendo programa porque estava com a vagina machucada, visto que fez um *strip-tease* para três rapazes e estes chuparam e morderam sua vagina. Nos encontros finais já estava recuperada e voltara à sua atividade. Não escolhe os fregueses e sai com todos os homens que pagam. Já foi espancada por um homem dentro do carro, pois ele queria fazer outras variações de sexo e ela não aceitou. Ficava muito triste quando falava da morte de uma amiga e até chorava, pois foi muito doloroso para ela. Lembrava-se com felicidade do tempo em que os pais moravam

juntos e acha que ficou “jogada” depois que a mãe morreu, pois disse que ninguém cuida dela. Tem muito medo de sair para “batalhar” e não voltar mais. Sente muita falta da mãe e chorou quando falou dela. Queria fazer cursos, estudar e conseguir um bom emprego para sair “dessa vida”. Apaixonou-se por um homem casado quando tinha 12 anos e ainda gosta dele, mas este não quer mais saber dela. Seu grande sonho é encontrar um homem que goste dela e a sustente financeiramente para não precisar mais fazer sexo por dinheiro.

DÉBORA, quinze anos de idade, morena, cabelos pretos curtos e despenteados. No nosso primeiro encontro, vestia bermudas folgadas e uma blusa de propaganda de blocos carnavalescos. Estava descalça. Faltavam-lhes alguns dentes e queixava-se de fome. Após a nossa conversa, providenciei um lanche para ela. Quando iniciei o estudo ela estava grávida de mais ou menos sete meses, ainda não havia realizado nenhuma consulta de pré-natal e continuava a fazer programas de vez em quando, pois a barriga atrapalhava um pouco. Não sabe ler nem escrever, pois abandonou a escola quando ainda era criança. É solteira e mora com a mãe (que também é prostituta), um irmão e uma irmã, mais velhos. O pai morreu há muitos anos, quando ela ainda era pequena. Tem uma outra irmã na prostituição, Karen, que também foi entrevistada. Desde os nove anos de idade, ela e as irmãs viam a mãe levar os fregueses para dentro de casa. O irmão está preso porque matou uma pessoa e antes havia estuprado a outra irmã, que ficou com transtorno mental. Ela e a mãe é que sustentam a casa com o dinheiro proveniente dos programas sexuais. Sente muita raiva e decepção de sua mãe e do irmão, visto que este batia muito nela e nas outras irmãs. Revelou-se uma adolescente triste e amargurada com a vida, pois disse que não teve momento feliz em sua vida, só sofrimento e tristeza. Relatou que não tem ninguém para sustentá-la, então, tem que “se virar” e acha que não tem nada demais estar na prostituição, embora não goste e às vezes usa maconha para esquecer dos problemas. Com 9 anos de idade começou a ir “pastorar os carro” na av. Beira-Mar; depois começou a fazer pequenos furtos e fumar maconha. Passava de 3 dias fora de casa na rua para ganhar uns trocados. Com 10 anos de idade tinha um “namorado” e perdeu a virgindade. Continuou indo “pastorar” os carros na Beira-Mar e com 11 anos começou a fazer programas. Referiu-se à gravidez como um “problemão” que

a impedia de ganhar dinheiro. O pai da criança sumiu quando soube que Débora estava grávida. Já foi espancada por um homem a quem ela pediu uma carona e ele quis estuprá-la, mas ela conseguiu sair correndo. Tem muita vontade de sair da casa da mãe (quando fala na mãe, manifesta desprezo e raiva) e morar sozinha, como a irmã, Karen, que mora num quartinho com o filho. No final do estudo Débora teve o filho, como não podia mais ir ao meu encontro então fui até sua casa. Era uma casa com uma salinha pequena com duas cadeiras e televisão preto-e-branco. Num quarto, a mãe dormia numa rede, pois mais tarde ela iria para “a batalha”, como Débora havia me dito. Pelo meio da casa, estava a outra irmã que tem transtorno mental mas não é agressiva e não causou problema. Finalmente, num outro quarto, estava Débora com o seu bebê. Era uma menina, com 10 dias de nascida e enrolada numa fralda muito suja e pequena. Incentivei para que Débora colocasse a criança no peito e ela o fez. Enquanto o bebê mamava terminamos a nossa conversa. Saí daquela casa me sentindo muito mal, pois aquela situação era de cortar o coração. Eram todos muito necessitados e o único meio de sobrevivência ali era a prostituição. Por enquanto Débora me disse que não podia sair porque precisava se recuperar do parto e tinha que tomar conta do bebê, pois não tinha com quem deixá-lo, mas disse que depois vai voltar para a prostituição, porque agora, mais do que nunca, precisa de dinheiro.

KAREN, dezesseis anos, estudou até a terceira série do ensino fundamental, é irmã de Débora. Morena, cabelos pretos e encaracolados. O tipo físico aparentava uma garota de 13 anos. Pude perceber que era uma jovem muito inquieta, conversava bastante e até me pediu dinheiro para comprar o leite de seu filho. Mora com o filho num quartinho alugado e paga cinco reais por semana para alguém ficar com ele à noite enquanto ela vai “batalhar”. Tem muita raiva da mãe e isso foi evidenciado quando mostrou uma cicatriz na perna proveniente de agressões feitas pela mãe com uma lâmina de barbear. Ela disse que não tem mãe e “se vira” sozinha, pois não precisa dela para nada. Perdeu a virgindade com 10 anos, quando namorava um rapaz e, depois que terminou o namoro começou a ir para a Beira-Mar. Os homens começaram a abordá-la para sair e com 11 anos ela começou a fazer programas sexuais em troca de dinheiro. Depois se envolveu com um homem de 45 anos que conheceu nos programas; teve um filho e viveu com ele 01 ano, mas ele a deixou e ela voltou para a prostituição. O pai da criança foi embora, ela não sabe onde

ele está e não ajuda em nada. Faz programa com qualquer homem que possa pagar e não escolhe os fregueses, ou seja, não se interessa pela beleza física, apenas pelo dinheiro. Não quer outro filho e diz que usa o preservativo nas relações para evitar uma outra gravidez, embora nem todos os homens queiram usar. Já foi espancada por um cliente que queria violentá-la e relatou histórias de outras garotas que também foram espancadas. Acha que essa vida não tem vantagens, mas se vê obrigada a fazer, pois, na sua opinião, é difícil aparecer outra oportunidade para ela ganhar dinheiro e se sustentar. Tem medo de perder o filho porque ele significa muito para ela, pois disse que se prostituiu para dar comida a ele e que não vai deixá-lo ir para a rua como aconteceu com ela. Queria sair da prostituição porque acha ruim vender o corpo para quem ela não gosta e gostaria de ter uma casa para viver sossegada com o filho. Também não manifestou nenhum sentimento de afeto pela família, e, quando se referia a eles era com raiva e desdém. Durante os nossos encontros, disse que não queria falar muito de sua mãe, pois ela não significava nada em sua vida e a fazia sofrer muito.

LUANA, dezessete anos, pele branca, cabelos claros e despenteados, faltavam-lhes alguns dentes. Vestia um short e uma camiseta que deixava o colo à mostra. 1,55m mais ou menos. Apesar de sua idade, aparentava bem mais, pois mostrava um rosto e um corpo sofrido pelas marcas do tempo. Saiu de casa com doze anos de idade porque o pai não gostava dela e a colocou para fora. Estudou até a quarta-série do Ensino Fundamental. Tem mais quatro irmãos (dois homens e duas mulheres). Os homens são casados e moram no mesmo bairro e as mulheres moram em casa com os pais, sendo ela é a quarta filha. O pai é pedreiro e a mãe não trabalha. Luana perdeu a virgindade com 12 anos de idade e, como disse, “foi com uma pessoa que eu gostava”, na época em que ainda morava com os pais. Tem dois filhos, um de cinco e outro de dois anos de idade, filhos de um antigo namorado que hoje está na cadeia pela prática de roubo, no entanto não chegaram a viver juntos. Desde que saiu de casa, mora numa “casa de prostituição” (boate) localizada naquele bairro e os filhos moram com os pais dela, no entanto ela é quem os sustenta. Não mantém um relacionamento amigável com a família e a critica muito porque quase não ajuda na manutenção das despesas das crianças, sendo que ela é a responsável

por tudo. Mesmo fazendo programas, ela ainda “ficava” com o pai de seu filho. Então, a segunda criança nasceu. Não gosta do que faz, pois passa o maior “sufoco” para ganhar dinheiro, no entanto às vezes acredita que tem vantagem porque pode prover o sustento de si e dos filhos. Prefere “batalhar” em casas de prostituição porque na rua ela tem medo e acha mais perigoso, já que uma vez foi espancada ao sair de carro com um homem que a levou para um matagal e a ameaçou com um facão. Contou-me que seu pai não trata bem as crianças e ela não gosta disso, pois os filhos significam tudo para ela. Acha que não é legal sair com homens que não conhece, pois não sabe quais doenças eles podem ter. Tem medo de viver nessa vida para sempre e seu grande sonho é morar numa casa com seus dois filhos e encontrar um homem que goste dela. Disse que essa vida não é para qualquer uma não e queria sair, trabalhar e cuidar pessoalmente dos filhos.

SAYONARA, dezessete anos, mora no Bairro da Maraponga e vai fazer programas no Farol e Beira-Mar porque ninguém a conhece lá. Pele branca, cabelos longos e loiros, andava mais bem vestida do que as outras garotas. Estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Casou-se com 12 anos de idade porque namorava, perdeu a virgindade e engravidou do namorado. O marido a abandonou há um ano e meio por causa de outra mulher, foi embora e nunca mais deu notícias. Hoje está separada e com dois filhos, um de cinco e outro de três anos de idade. Mora com os pais. Ele é mestre-de-obras e a mãe é aposentada por invalidez. Quando começou a passar dificuldades financeiras, após a separação, resolveu procurar uma “casa de massagem” que estava procurando garotas por meio de um anúncio de jornal. Entrou em contato com a casa, foi até o local e a partir daí começou a trabalhar. Foi muito explorada pelos donos das casas onde trabalhou, por isso, hoje prefere trabalhar sozinha na busca pelo cliente, embora seja mais perigoso. Os pais sabem o que ela faz, pois a mãe descobriu logo no início e há pouco tempo um amigo de seu pai a viu saindo com um freguês. Eles a colocaram para fora de casa, mas os filhos começaram a perguntar pela mãe e eles aceitaram-na de volta. O pai ganha muito pouco e o dinheiro que Sayonara ganha na prostituição ajuda muito nas despesas. Toda semana, ela vêm para o Farol para fazer programas; já é conhecida pelas pessoas do lugar. Não gosta da vida que

leva, mas disse que é difícil encontrar outra oportunidade de ganhar dinheiro, até mesmo porque ela não tem estudo e é menor de idade. Às vezes ganha dinheiro suficiente para pagar as dívidas e comprar alimentos, outras vezes passa semanas sem ganhar nada. Uma vez saiu para atender um freguês em domicílio, num local afastado, e lá o homem tentou matá-la, estrangulando-a, pois ele estava bêbado e drogado. Mesmo consciente dos perigos da prostituição, ainda faz programas, porém não atende mais em domicílio e considera trabalhar nas “casas” mais seguro. Sente-se muito feliz quando consegue saldar as dívidas de sua casa e comprar os remédios de sua mãe, que é deficiente física. Tem muito medo de morrer jovem porque deseja ver os filhos crescerem e participar da criação deles. Manifestou o desejo de ter uma profissão para poder dar mais segurança aos filhos e poder ter uma casa para morar com eles. Não tem mais sonhos de encontrar um “grande amor”, pois já provou os dois lados da vida, ou seja, já foi uma senhora casada e hoje é uma “mulher da vida”, como ela mesma disse. Portanto, vive a realidade, e “vai levando”. Ela era uma garota diferente das outras, e isso era facilmente notado não só em sua aparência, mas também pela maneira como conversava e se comportava. Durante nossas conversas, ela sempre se mostrou uma pessoa tranqüila e com facilidade de se expressar, além de não usar muita gíria. Era bonita e chamava atenção pelos longos e lisos cabelos louros, 1,65 m, seus olhos claros e um jeito sensual de andar. Era fácil perceber que ela tinha sido criada num meio social diferente daquele do Farol.

5.2 PORTÃO DA PROSTITUIÇÃO : do luxo da av. Beira-Mar à pobreza do farol do Mucuripe

Ao iniciar a coleta de dados, especialmente quando das observações, percebi como a dinâmica da prostituição se desenvolve num espaço marcado por diferenças socioculturais e principalmente por diferenças econômicas. Ao penetrar dois mundos diferentes - a av. Beira-Mar e o farol do Mucuripe - vieram à tona duas realidades também diferentes, mas que se interligam justamente pela prática da prostituição.

A avenida Beira-Mar assume uma conotação diferente do Farol, visto que é o espaço de maior diversidade cultural da Cidade. Por lá circulam turistas, ciclistas, barraqueiros, taxistas, jovens de periferia e de classe média, prostitutas adultas, entre outros; ou seja, é um lugar onde diversos atores sociais se encontram e onde as distorções sócio-econômicas são mais visíveis, visto que existem hotéis luxuosos, boates, restaurantes, pessoas bonitas e, ao mesmo tempo, ao lado existe a pobreza refletida nas favelas.

Dois mundos tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos configuram o cenário onde adolescentes são abordadas por homens em busca de prazer e lazer. Dada a proximidade territorial entre ambos os lugares, é que as meninas pobres da periferia, mas precisamente do Farol, encontram-se entre a multidão que frequenta a av. Beira-Mar, desfilando seus corpos semi-nus e expondo-se à procura do seu ganha-pão, já que nesse local se observa uma atividade de prostituição relativa a uma clientela de melhor poder aquisitivo.

Durante a observação livre na av. Beira-Mar, percebi que, cedo da noite, por volta de 21 horas, já começa o movimento de meninas à procura de turistas. Eu andava pelo calçadão como uma transeunte qualquer, em meio àquela multiplicidade de etnias. Europeus, negros, japoneses e brasileiros misturavam-se em meio à agitação da orla marítima em busca das mais variadas formas de lazer. Correr para manter a forma e saúde, passear com a família, inclusive com os cachorros, andar por entre as barracas da feirinha de artesanato, deliciar-se com variedades da culinária nordestina, como tapioca e milho verde cozido, eram algumas das atividades que os atores sociais faziam.

A Beira-Mar também é palco onde muitas pessoas ganham a vida, além da prostituição, pois é comum vermos várias pessoas realizando as mais inusitadas artes, como, por exemplo, o rapaz que descasca coco com os dentes, artistas plásticos que se tornam estátuas

vivas, poetas vendendo seus cordéis, entre outros. Enfim, a Beira-Mar é um espaço de intersecção, onde a arte e a cultura de povos diferentes se tornam uma só. Observei várias cenas sobre o fenômeno o qual estava investigando. A seguir descrevo algumas cenas para que se possa compreender melhor como se dá a abordagem entre o freguês e a garota.

A fim de observar melhor e mais de perto a realidade da prostituição juvenil naquele espaço, fiquei sentada num banco de cimento em frente às barracas onde aconteciam os encontros. Do meu lado, havia diversas pessoas, umas vendendo bugigangas, outras conversando e algumas apenas descansando um pouco da longa caminhada pelo calçadão. Comprei tapioca na barraquinha ao lado e, enquanto comia aquela iguaria, eu ia observando a dinâmica do fenômeno. Em todas as mesas havia turistas/estrangeiros sentados sozinhos à espera de companhia ou já acompanhados. Era raro uma mesa com “gente da terra” ou famílias. Compreendi que aqueles bares eram realmente pontos de encontro dos clientes com as meninas. Assim, percebi que, caso eu resolvesse sentar-me ali, poderia ser abordada; além do mais, alguém conhecido poderia me ver e fazer um outro juízo a respeito de minha permanência ali.

O lugar onde eu estava era privilegiado, pois fiquei bem de frente e pude observar tudo o que acontecia ali. Numa mesa, estavam 5 homens - 2 eram jovens e tinham entre 25 e 30 anos, enquanto os outros 3 aparentavam entre 40 e 50 anos. A mesa era grande o suficiente e havia espaço para todos. Do lado de cada um dos homens havia uma garota. Eles pareciam estar se entendendo, pois desenvolviam uma conversa, sendo que às vezes gesticulavam como forma de se fazer entender. Não sei a nacionalidade dos homens, mas pareciam europeus, pois eram altos, brancos, loiros e alguns de olhos azuis. Vestiam bermudas na altura do joelho e blusas com estampas de flores; usavam chinelos e estavam bem à vontade. As meninas trajavam sempre roupas curtas, saias ou bermudas e miniblusas. Algumas ainda estavam de roupa de praia, todas fumando e bebendo. Pareciam estar se divertindo ao som de um grupo de pagode que tocava para animá-los.

Passaram algum tempo sentados e depois resolveram sair. Os dois rapazes saíram primeiro e sozinhos, não estavam com nenhuma das garotas. Levantaram-se e foram andando pelo calçadão até se perderem entre a multidão. Depois os “coroas” se levantaram e cada um ficou com uma garota. Observei que um deles colocou a mão no bolso e entregou dinheiro à “sua garota”, em seguida se beijaram na boca, e para minha surpresa, todos eles beijaram na boca das meninas e depois saíram de mãos dadas caminhando pela Beira-Mar. Ocorreu um fato

interessante nesse momento: quando o “coroa” deu dinheiro para a sua acompanhante, outra garota que estava perto viu e começou a pedir também. Ela puxava a blusa dele e insistia fazendo gestos e pedindo. Essa garota devia ter uns 10 anos de idade, negra, mal-vestida e descalça. Não sei se também era “de programa”, pois ela não estava entre as outras, mas o homem não deu o dinheiro e ela saiu. Então observei que ela saiu andando entre os carros que estavam estacionados e permaneceu ali; ela estava “pastorando os carros” .

Cenas semelhantes foram registradas durante o período do estudo. As garotas , na maioria das vezes, andam em turma . Isso facilita a aproximação com os homens, pois estes também andam com colegas. Uma estratégia muito usada para abordar as meninas é oferecer bebida e comida. Assim a conversa vai fluindo até chegar ao programa propriamente dito. Todos os homens que abordavam as garotas na av. Beira-Mar estavam bem vestidos e pertenciam a uma classe social diferente. Portanto, a ilusão desse mundo diferente seduz as adolescentes para a vida na rua.

Do outro lado do “Portão da Prostituição” está o farol do Mucuripe que, embora esteja tão próximo da av. Beira-Mar, abriga outra realidade . O Farol situa-se numa zona portuária onde há um grande movimento de homens proveniente dos navios que ali ancoram . Em frente ao porto do Mucuripe, localiza-se a rua dos “Cabarés” (como é popularmente conhecida e onde realizei as entrevistas) e zona de prostituição que serve àquela clientela de poder aquisitivo mais baixo.

Durante a observação no Farol, percebi que as garotas - tanto adultas quanto adolescentes - ficam passeando livremente de um lado para outro. Algumas sozinhas, enquanto outras em turma . O ambiente não é muito claro e isso faz com que as adolescentes pareçam mais velhas; para isso, usam maquiagem exagerada que camufla os traços da tenra idade. Elas usam suas melhores roupas, pois precisam estar bonitas e atraentes para chamar a atenção dos fregueses - roupas sempre curtas e decotadas que transmitem sensualidade e sexualidade. Há um movimento de carros e motos passando em frente. Quando o freguês escolhe a menina, então pára o carro e ela vai até lá. Ela permanece do lado de fora do carro enquanto ele está no volante. Conversam e negociam. Só então ela entra no carro e saem. Os carros geralmente possuem vidros fumês que não permitem, de longe, identificar quem está lá dentro.

Quando os fregueses estão a pé, como é o caso da maioria dos homens que descem do Porto, elas os levam até os bares daquela rua e ficam com eles escondidas lá dentro, pois não é

permitido a entrada de menores naqueles estabelecimentos. As garotas precisam ser conhecidas na Rua porque se chegarem com um freguês de fora este é assaltado por uma turma de rapazes que mora no bairro. Certa vez, uma garota estava conversando com um cliente num bar e um rapaz chegou e pediu dinheiro, o freguês deu cinco reais, e o rapaz foi embora.

O movimento na “rua dos Cabarés” começava por volta das 22 horas. Todos os bares estavam abertos tocando algum tipo de música, no entanto o tradicional forró e a música sertaneja eram os ritmos mais ouvidos. Nas calçadas, havia sempre mesas com mulheres sentadas, um tipo de cartão de visita para quem passava por ali. A maioria era de mulheres adultas e jovens, entre 20 e 25 anos de idade. As adolescentes eram poucas por causa da ação do Juizado de Menores, que poderia aparecer a qualquer momento. Então, estas não estavam muito expostas e ficavam conversando com o freguês dentro do bar. Os homens iam chegando, alguns sozinhos, outros em dupla. Sentavam-se à mesa e pediam uma cerveja, que era a bebida mais solicitada, e, depois de beberem alguns copos entre olhares como se tivessem escolhendo, chamavam a garota ou então esta se aproximava dele. A partir daí começavam a beber e conversar durante um longo tempo, para depois irem para os quartos da casa.

Os quartos eram pequenos com espaço apenas para uma cama de casal; alguns possuíam banheiro e janela - eram as suítes; outros não possuíam banheiro. Quando entrei em um deles, para ver como era de perto, quase tropecei, pois apenas uma pequena lâmpada vermelha iluminava o ambiente, deixando-o em penumbra. As cores das luzes variavam, vermelhas, verdes e azuis eram usadas para dar um clima de mistério e sedução no ambiente. Tive que acender a luz do banheiro, que era clara, para poder me guiar naquele recinto. Ao entrarem, a porta era trancada por dentro e só quando terminavam o programa, que durava em média uma hora, é que abriam novamente. O freguês ia embora ou continuava a beber, e a garota estava novamente livre para outro programa.

É importante esclarecer como a prática da prostituição vem denegrindo a imagem da Capital cearense, visto que Fortaleza vende uma imagem associada ao “prostiturismo”, um neologismo usado para uma nova modalidade de turismo que não poupa crianças nem adolescentes. Muitos turistas já chegam ao Estado com a intenção de se beneficiar com a prática do turismo sexual. Infelizmente, essa imagem também é vendida internacionalmente, chegando ao ponto de agências especializadas enviarem para fora do País, um catálogo contendo fotos

sensuais de meninas para o turista escolher a que melhor lhe agrada, como já adiantei em passagem anterior deste ensaio.

Assim, ao observar duas realidades distintas, pude entender como os mecanismos socioculturais e econômicos refletem-se na construção das experiências de vida das informantes. Entre a av. Beira-Mar com toda sua suntuosidade, e o farol do Mucuripe, com toda sua pobreza existe uma espécie de “Portão da Prostituição”, uma porta que se abre para ligar essas duas realidades diferentes que geram o freguês (explorador) e a adolescente prostituída (explorada) em virtude de uma conjuntura socioeconômica excludente.

5.3 “CAIR NA VIDA” : fatores que empurram as adolescentes para a vida na rua

Falar sobre as causas que levam uma adolescente para a prostituição é uma tarefa complexa, pois essas razões são as mais diferentes possíveis. Questões de ordem socioeconômica, psicológica, cultural e familiar, entre outras, podem ser reconhecidas como, eu não digo causadoras, mas indutoras desse problema. Compreendo que a prostituição acontece na vida dessas jovens como um acidente, um tropeço e não como um fato premeditado ou planejado. Isso ficou evidente no depoimento de Luana, 17 anos : *“Eu comecei porque meus pais me expulsaram de casa, não me recebiam mais em casa, e eu caí na vida (...)”*

A expressão “caí na vida” significa que não houve uma livre escolha, não existiu oportunidade, mas sim uma sucessão de acontecimentos e situações que as foram direcionando para a prostituição. A partir dessa análise, emergiram as subcategorias que passo a descrever na seqüência.

FAMÍLIA: uma fonte de afetos e conflitos

A partir do depoimento de Karen, compreendi como a violência familiar se manifesta nas relações interpessoais ocorrentes entre os membros de uma família, por meio de atitudes, omissões ou ações de caráter físico, verbal, moral e emocional de uns com os outros, causando prejuízos a um ou mais componentes. As adolescentes costumam ser vítimas privilegiadas, por serem hierarquicamente menos poderosas no equilíbrio familiar e pelo grau de fragilidade e dependência próprio dessa fase.

A mãe de Karen é tida como uma estranha, uma pessoa que não lhe oferece nenhum apoio ou conforto, visto que impõe à filha todo o seu sofrimento mediante agressões físicas que marcaram e transformaram profundamente a relação entre ambas. Essa violência no seio da família também se refletiu na história do irmão que está preso porque matou um homem e estuprou a irmã, deixando esta com transtorno mental.

Outros fatores, como o alcoolismo, também fazem parte do cotidiano das informantes e contribuem para um aumento da violência doméstica por parte do pai ao espancar e tentar

matar a esposa. Assim, os depoimentos de Shirley e Mônica servem para confirmar os sentimentos de medo que perpetuam as relações familiares.

Desde muito cedo as adolescentes começam a conviver com o problema das drogas que podem entrar em suas vidas por meio de outros membros da família, como o irmão de Mônica, por exemplo.

Todas essas situações de violência física e emocional vão minando a estrutura familiar na qual as adolescentes devem se apoiar e assim a família se transforma num *locus* de desarmonia, medo e angústia. Compreendi o significado da família na vida das adolescentes e percebi que, por conta disto, elas revelaram uma carência afetiva e emocional.

Ressalto, então, que estou falando de adolescentes que vivenciam uma sociabilidade excluída e uma multiplicidade de vulnerabilidades, associadas e cumulativas, integrando o quadro primário de referências materiais e simbólicas do grupo familiar.

“Também, com uma família como a minha (reticências). Por isso eu saí logo de casa com meu filho. São tudo louco (...) eu só digo uma coisa, que eu não tenho mais mãe não! Porque ela me cortou de gilete, bate na gente, no meu filho. Porque lá em casa não presta não. (...) minha mãe é uma pessoa muito estressada na vida. Tudo o que ela já passou, ela quer que a gente passe também” (Karen, 16 anos).

“ O meu pai bebe muito, aí ele fica muito agressivo, bate na gente, na minha mãe, ele já tentou matar ela uma vez (...) ele segurou no pescoço dela (...) eu tenho muito medo que ele mate ela um dia!” (Shirley, 14 anos).

“(...) o meu pai também bate muito na minha mãe porque ele bebe então fica muito violento, aí a gente tem muito medo dele! (...) tem um probleminha com meu irmão, é que ele é muito agressivo sabe? Ele é muito ignorante, já teve uma crise de drogas, maconha mesmo.” (Mônica, 14 anos).

Como para esses exemplos, todas as outras informantes, em suas curtas vidas, já possuem histórias marcadas por perdas, rompimentos e deterioração do convívio familiar. São muitos e complexos os fatores que contribuem para essa deterioração. Dentre estes, as questões de gênero são trazidas por Ferreira (1994) como importantes na gênese dos conflitos entre

cônjuges. E a figura da mãe de família que vive sob risco potencial ou em situação real de violência, concorre para com as disfunções no grupo familiar.

De acordo com Varela (1992) e Diógenes (1998), a família disfuncional manifesta ineficiência no enfrentamento e resolução de problemas. A função de proteção de seus membros, muitas vezes, está prejudicada e a família pode até originar o motivo pelo qual crianças e adolescentes fogem de casa.

Pesquisas como a de Meschke, Bartholomae e Zentall (2002) demonstraram que adolescentes que mantêm um contato e uma relação de amor e companheirismo com a família desenvolvem menos comportamentos de risco, como prática do sexo desprotegido, uso de drogas e abuso de álcool.

O ESPELHO DA MÃE PROSTITUTA

Além de uma estrutura familiar abalada pela violência doméstica, outro fator surgiu como indutor no processo de entrada das adolescentes na prostituição. O exemplo da mãe prostituta é marcante nesse meio social, portanto, desde muito cedo as informantes passam a conviver com a realidade da prostituição dentro da própria casa.

A mãe de Mônica mesmo estando casada, continua na prostituição e, segundo a informante, o motivo é a necessidade financeira. Ela procura, no entanto, esconder da família e dos vizinhos o que faz.

O depoimento de Karol revela que a mãe não deseja o mesmo destino para a filha, e a incentiva a procurar outro meio de ganhar dinheiro que não seja a prostituição. Esse sentimento foi evidenciado quando, em um de nossos encontros para a coleta de dados, a mãe de Karol foi me conhecer. Era uma senhora simpática que se sentou à mesa e me fez algumas perguntas, além de pedir que eu aconselhasse a filha para que esta não continuasse na prostituição.

“ A minha mãe também era (prostituta), aí ela ainda sai, mas é escondida do meu pai. Ela também faz pelo dinheiro, quando ela ta precisando. Mas ela não deixa ninguém saber não! (...)” (Mônica, 14 anos).

“ A minha mãe também faz sabe, ela pensa que eu não sei porque ela não quer que eu faça, ela diz pra mim arrumar outra coisa pra fazer,

mas eu sei (...) faz tempo que ela faz, eu acho que desde que ela se separou do meu pai (...)” (Karol, 13 anos).

Ao contrário da história da mãe de Karol, o depoimento de Débora revela que desde muito cedo, ainda quando criança, ela e as irmãs eram submetidas a presenciar os programas sexuais da mãe que levava os fregueses para dentro da própria casa, sendo obrigadas a aceitar isso. A informante entende que a mãe não tem moral para reclamar com as filhas, visto que faz a mesma coisa.

“ (...) ela fazia também e ainda faz né? Eu já sabia que ela fazia porque ela levava os homens lá pra casa, aí desde pequena nós via tudo, eu e as minhas irmãs, era pra dentro de casa! (indignação) (...) isso eu tinha uns oito pra nove anos (...) aí ela não pode reclamar da gente não, porque ela também faz, né?” (Débora, 15 anos).

Percebi que a figura materna é muito expressiva entre as informantes, seja exaltada por sentimentos de amor (Karol) ou de raiva (Débora). Assim a mãe é a responsável direta pela criação e educação das filhas, além de muitas vezes também prover financeiramente a casa. Neste estudo, não foi encontrada nenhuma família onde o pai sozinho era o responsável direto pelos filhos, ou seja, não havia família composta por homens solteiros ou separados e seus filhos, mas apenas mulheres casadas ou separadas e seus filhos.

Com esta explicação, quero demonstrar o quanto as informantes recebem influência das mães, visto que são as pessoas com quem mantêm mais contato dentro do grupo familiar.

Para Meschke, Bartholomae e Zentall (2002), os valores e comportamentos dos pais são facilmente transferidos e assimilados pela criança quando estes moram na mesma casa e vivem juntos. No estudo dos autores, as adolescentes que moravam apenas com um dos pais desenvolveram mais comportamentos de risco do que aquelas que moravam com ambos.

A NECESSIDADE DE “SE VIRAR”

A necessidade financeira se mostrou como indutora na vida das informantes para a entrada na prostituição, pois as histórias revelaram que nenhum membro da família possuía emprego fixo, a maioria fazia “biscates e bicos”, atuando na área da economia informal, o que não lhes proporcionava uma renda satisfatória no final do mês.

Dessa maneira, o encargo financeiro fica por conta das adolescentes, que se vêm “obrigadas”, conforme elas mesmas dizem, a procurar meios para sobreviver e manter o sustento da família inteira, pais, irmãos e, principalmente, dos filhos. Embora muito jovem, com as expectativas financeiras da família todas depositadas sobre a adolescente, resta a ela tomar decisões, assumir sérias responsabilidades, bem como conseqüências decorrentes dessa inversão de papéis, sem, no entanto, alterarem-se a hierarquia e o poder de comando intermembros.

Adentrando o universo de significados das informantes, ter que “se virar” é ter que providenciar sustento para si e para seus dependentes. Na maioria das vezes, são dependentes da renda das adolescentes os seus próprios filhos. Todas as adolescentes que tinham filhos não moravam nem mantinham contato com os pais das crianças, já que estes ou as haviam abandonado ou estavam presos. Essa situação reforçava nas informantes o sentimento de ser a única pessoa responsável pela prole, apesar de ser menor de idade, e isso significava “ser pai e ser mãe”.

Sem ninguém que as sustentasse e necessitando de dinheiro para sobreviver, as adolescentes encontraram na prostituição o meio pelo qual podem suprir suas necessidades financeiras utilizando o corpo como instrumento de trabalho.

Compreendi que as determinações de natureza socioeconômica e urbana compõem um quadro de aviltamento e carências sociais, constituindo, assim, a trama de fundo na qual o comportamento das adolescentes se expressa.

“ Eu comecei nessa vida com 12 anos, mas não por mim, pela minha família, porque meu pai não tinha nada pra botar em casa (...) aí eu pensei, é melhor eu ajudar minha mãe que ela precisa, aí eu fui levando essa vida assim(...) porque a gente tem que se virar né? Senão como vai viver?” (Shirley, 14 anos).

“A gente tava passando muita fome, meu irmão não trabalhava, aí a gente não tinha o que comer, não tinha dinheiro. Aí minha avó às vezes mandava alguma coisa pra gente comer, só que a família dela lá é muito grande. Aí eu fui sair com os homens. Eu tinha passado do 9 pros 10 anos então, tive que me virar!” (Mônica, 14 anos).

“ (...) eles chega e diz: - mãe me dá isso, mãe me dá aquilo, aí eu tenho que ter pra dá a eles. Porque eu sou mãe e pai deles, minha família não me ajuda não (...) eu mando dinheiro pra lá, pra eles comprarem coisas pros meninos. Eu tenho que ter pelo menos um real pra comprar a merenda pra eles. Sou mãe e sou pai né? (Luana, 17 anos).

“É diferente, porque quando você tem criança é diferente. A gente não, adulto pode se virar de qualquer jeito, se não tiver o que comer dá pra agüentar, mas a criança não, você tem que ter pra dá aos seus filhos”(Sayonara, 17 anos).

Para Sousa (2000) a prostituta não exerce sua atividade exclusivamente para a própria sobrevivência, mas fundamentalmente para a sobrevivência de todo o seu grupo familiar, ampliado, se comparado com as características nucleares da família urbana.

Percebi que a prostituição entre as adolescentes assumia uma roupagem característica, com finalidade apenas de sobrevivência. Entre as meninas não havia luxo e todas estavam vestidas com roupas e chinelos simples. Fazer sexo para elas significava conseguir o de-comer. Esse fato é corroborado quando a CPI da Exploração Sexual de 2004 apurou que, em algumas regiões do Brasil, crianças e adolescentes se vendem por 1,99 ou até mesmo por 0,50 centavos (CORPO, 2004).

É importante destacar o fato de que em nenhum momento das entrevistas, as adolescentes se referiram a assuntos ou idealizaram adquirir objetos que não pertencessem à sua realidade social. Tudo a que se referiram foram necessidades básicas humanas, como alimentação e vestuário, reforçando o caráter de sobrevivência da prostituição.

Pesquisas internacionais como as de Ryan, Kinder (1996) e Raymond (1998) revelaram que, entre as adolescentes em situação de prostituição na Índia, também existe um caráter apenas de sobrevivência, visto que a pobreza, a violência doméstica e a coerção levam garotas de dez a catorze anos a entrar na prostituição.

O estudo de Opperman (1999) revelou que as adolescentes prostituídas em países periféricos percebem a prostituição como uma estratégia de sobrevivência, em razão da falta de oportunidade de conseguir dinheiro de outra forma. O fenômeno da prostituição infanto-juvenil, no entanto, não ocorre exclusivamente em países do Terceiro Mundo, pois, recentemente, Pedersen e Hegna (2003), em um estudo feito em Los Angeles, revelaram que 43% das adolescentes entrevistadas tinham história de sexo por dinheiro, comida, drogas ou apenas por um abrigo para dormir

5.4 PERDA DA VIRGINDADE : ritual de passagem para a rua

Ao discutir sobre virgindade frente ao mundo e experiências das informantes, compreendi que existe toda uma simbologia e crenças sobre a perda da virgindade. O momento foi relatado como sinônimo de felicidade, de realização e de prazer, haja vista que todas revelaram haver sentimento e um envolvimento com o parceiro.

O termo “ficar” ou “ter um caso” é muito usado pelos jovens e significa que existe uma relação entre os parceiros, embora não seja um namoro propriamente dito. O “ficar” ou “ter um caso” representa um relacionamento esporádico, sem compromisso, livre de cobranças em que ambos se encontram quando têm vontade. Para “ficar com alguém”, no entanto, deve haver algum tipo de sentimento envolvido, como atração física, gostar, estar apaixonada ou até amar.

A virgindade, ao contrário do que eu imaginava no início do estudo, tem um significado especial para as informantes. Embora se viva numa sociedade livre onde não há censura, o sexo está banalizado, e se esteja mergulhado numa cultura da sexualidade, a perda da virgindade foi um marco para a vida das adolescentes. O fato foi citado como uma experiência amorosa, pois as adolescentes namoravam ou “tinham um caso” com seus parceiros.

Os depoimentos deixaram claro que somente após a perda da virgindade é que as informantes entraram na prostituição, portanto, entendo que esse momento foi vivido como um ritual de passagem para a vida na rua mediante a mudança do *status* de moça/virgem para o *status* de “mulher da vida”, “garota de programa” ou prostituta, como a sociedade as denomina.

A perda da virgindade pela ruptura do hímen e penetração masculina significa a quebra do “selo de qualidade” e abre definitivamente o “Portão da Prostituição” para as adolescentes.

O fato de não ser mais virgem é percebido como uma facilidade para seguir o caminho da prostituição, como o depoimento de Luana revela, pois a informante ratifica que só entrou na prostituição após a perda de tal *status*.

Daí resulta, entre outras constatações, o fato de que o exercício da sexualidade constitui um elemento indispensável à maturação da personalidade da adolescente, por via da construção de uma identidade sexual. Assim, as falas seguintes retratam a relação existente entre a perda da virgindade, o envolvimento com o parceiro e a entrada na prostituição.

“ Eu perdi minha virgindade com 11 anos, com um carinho que eu ficava, eu gostava dele, mas aí depois não deu mais certo porque ele arrumou outra (...) aí eu fiquei nessa né?” (Karol, 13 anos).

“ Eu perdi minha virgindade com 12 anos com um namorado, a gente se gostava, aí rolou, foi muito bom sabe? Aquele momento foi muito especial pra mim. Eu gostei, mas aí depois não deu mais certo não.” (Verônica, 14 anos).

“ Eu perdi minha virgindade com 12 anos, mas foi com uma pessoa que eu gostava. Mas eu namorava com o cara, foi um caso que a gente teve. Depois é que eu comecei (prostituição) porque também eu não era mais virgem né? então foi mais fácil! ” (Luana, 17 anos).

A perspectiva antropológica percebe a cultura como responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, orientação sexual e escolha de parceiros. Assim, valores e práticas sociais modelam, orientam e esculpem desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem a carreiras sexuais e amorosas (GOFFMANN, 1988).

5.5 FATORES QUE SEDUZEM A ADOLESCENTE PARA A RUA

Além dos fatores que empurram as adolescentes para a rua, também há aqueles que atraem e seduzem-nas para a permanência em tal estado. A rua representa um espaço de produção de bens de sobrevivência para as informantes e estas aprendem desde cedo a conviver com essa realidade que se apresenta como a única opção .

“MARIA-VAI-COM AS OUTRAS”: o convite da amiga

Os depoimentos mostram a influência das amigas sobre as informantes. O depoimento de Shirley revela que existe um sentimento de solidariedade e gregária que une as adolescentes, e isso se revela quando surge o convite para irem “pedir dinheiro”, visto que a prima sabia que Shirley e a família estavam passando por dificuldades financeiras. O convite refletiu uma maneira de minimizar o sofrimento da amiga e uma tentativa de suprir o que estava faltando naquele momento.

A prima que “vivia com dinheiro” seduziu Shirley, ao mostrar como poderiam ganhar dinheiro, mesmo não tendo um trabalho ou emprego fixos. Esta sedução, no entanto, não assume um caráter mal-intencionado e sim ingênuo, visto que, por trás da relação com a rua e com a prostituição, está uma criança de apenas dez anos de idade, que ainda não tem consciência do que está acontecendo em sua vida e encara a situação como apenas uma forma de ganhar dinheiro.

Verônica encontrou na amiga um apoio para entrar na prostituição, visto que aquela já conhecia os mecanismos que engendram a prática da prostituição entre os fregueses (caminhoneiros), o que também facilitou a sedução e a atração .

Ao falar sobre amizade, durante minhas andanças pelo calçadão da av. Beira-Mar, observei que as meninas sempre chegam em turma e dificilmente andam sozinhas. Enquanto esperam a abordagem dos fregueses, elas conversam e riem, demonstrando um relacionamento amigável .

Amizade significa carinho, cuidado e zelo pelo ente querido. Ao adentrar o mundo das informantes, percebi que estas atribuem um significado muito especial à amizade, e isso foi evidenciado quando Verônica falou: “ *Momento mais triste pra mim foi no dia que uma amiga minha morreu. Ela foi atropelada. Ela também fazia programa e a gente era muito amiga.*”

Assim, compreendi o valor da amizade e o quanto esta pode influenciar e seduzir as adolescentes para comportamentos e atitudes aceitáveis ou não pela sociedade.

“ Eu comecei assim né, eu tinha uma prima de 11 anos (pausa) não, era de 10 anos, aí essa menina vivia com dinheiro, aí ela disse: - mulher vambora pro Portão (local do Porto onde elas fazem ponto) que eu vou pedir dinheiro lá. Aí eu disse: - dinheiro? Aí eu fui com ela e comecei (...) ela sabia que a gente tava precisando de dinheiro.” (Shirley, 13 anos).

“ Eu comecei eu tinha 13 anos de idade, aí eu tinha uma amiga de 12 anos, aí ela me chamou e eu fui. Aí a gente foi pra Praia, ela já conhecia os cara lá, os caminhoneiros da Praia do Futuro, como era tudo. Ela disse que dava pra gente ganhar um dinheirinho, aí eu fui com ela.” (Verônica, 14 anos).

Na adolescência é mais comum buscar apoio e compreensão nos amigos do que nos pais. Nessa fase, em virtude das alterações físicas e emocionais pelas quais os adolescentes passam, os pais procuram impor limites e controlar os impulsos e desejos dos filhos. Os adolescentes acham que são os “donos do mundo” e mantêm comportamentos não muito aprovados pelos pais. Assim, buscam um entendimento e compreensão de seus atos e ações em outros adolescentes, pois, como todos vivem a mesma experiência e realidade, torna-se mais fácil encontrar apoio (SANTANA, 2001)

De acordo com Sánchez e Escribano (2000), a adolescência se caracteriza também pela conquista de autonomia pessoal. O adolescente tenta distinguir-se de seus pais. Logo, a indeterminação em que se encontra o leva a identificar-se, embora temporariamente, com outros grupos que estão nas mesmas circunstâncias. O adolescente passa um tempo em que se veste e age como o grupo de iguais. A necessidade pessoal que o levou a se diferenciar de seus pais o levará, entretanto, depois deste período de identificação com o grupo, a distinguir-se dele.

O estudo de Sousa (2000), nos bordéis do centro de Fortaleza, revelou que algumas prostitutas adultas também foram encaminhadas por amigas que já se prostituíam e que, vendo-as em um beco sem saída, apontaram a prostituição como forma de resolver seus problemas mais imediatos.

TRABALHO NA RUA: porta para a prostituição

O caso de Débora revela que aos nove anos de idade ela passava dias na rua a fim de “trazer” dinheiro para dentro de casa . Essa situação suscita uma reflexão instigante: “pastorar” carros na av. Beira-Mar - seria este um destino adequado para uma criança de nove anos de idade?

Ao observar a dinâmica da prostituição na av. Beira-Mar, também notei a presença de crianças, meninos e meninas, que “pastoravam” os carros naquele local. Essas crianças transitavam entre os carros com a finalidade de vigiá-los e assim ganhar algum trocado que variava de centavos até o máximo de um real por carro. As pessoas, no entanto, têm medo e não querem que eles vigiem seus carros, pois o fato de serem “menor” já os identifica como “trombadinhas” ou “meninos de rua”, essas expressões designam uma população de crianças que, como Débora, foram seduzidas pelos atrativos da rua e ali permaneceram, visto que não encontraram algo melhor .

A casa deixou de ser um espaço de convívio familiar e seguro para se tornar um lugar de medo e brigas. Assim, a rua se apresentou como algo que pôde substituí-la, apresentando atrativos que “entertiam” Débora. A busca do dinheiro foi o motivo que a levou para a rua, mas depois ela encontrou outros motivos para permanecer, ou seja, roubar e fumar maconha até chegar à prostituição. Portanto, considero que existem diferentes momentos e fases que a adolescente percorreu até chegar à prostituição propriamente dita .

“Com 9 anos eu comecei a pastorar os carro na Beira-Mar. Nós lá em casa precisava de dinheiro (...) aí depois eu comecei a fazer umas coisinhas erradas né (pausa) é assim roubar, fumar maconha. Aí depois comecei a fazer programas e a ganhar meu dinheiro, isso com 10 anos (...) aí eu ia pastorar os carro e me entertia e passava de três dias na rua! Ora se eu chegasse em casa sem dinheiro minha mãe me batia e muito, e de pau ainda mais” (Débora, 15 anos).

A rua representa o espaço de interação dos diversos atores sociais, principalmente entre daqueles tidos como socialmente excluídos, e embora possibilitando a manutenção da vida, produz a morte, recebe-a, mas maltrata. Além disso, quanto mais a adolescente se associa a esse espaço, mais distante vai se tornando das políticas sociais e da pauta de preocupação da

sociedade, que marginaliza ainda mais uma população tida como vulnerável, ou seja, os meninos de rua e as adolescentes prostituídas.

Para Santana (2001), existem algumas causas usadas para explicar a saída dos adolescentes para as ruas, como por exemplo a pobreza e a violência familiar, sendo esta, às vezes mais aterrorizante do que a sofrida na rua. Além disso, muitas vezes o jovem é obrigado a ir para a rua buscar dinheiro para a casa, visto que este é o único espaço que lhe é apresentado.

“PROCURAM-SE GAROTAS:” o mercado da sedução

A história de Sayonara teve um começo diferente, mas o final é igual ao das outras meninas. Ela foi uma mulher casada, uma dona de casa com dois filhos, e tinha um marido que provia o sustento da família. Quando, porém, se separou as dificuldades começaram a aparecer e conforme ela mesma disse, não tinha estudos e não encontrou emprego. Quando viu o anúncio no jornal, resolveu procurar a tal “casa que contratava garotas”. Embora não fosse o que ela sonhava para sua vida, essa foi a maneira pela qual ela pôde ganhar dinheiro para viver.

Todos sabem da facilidade encontrada por essas meninas para se prostituir bem como dos fregueses para encontrá-las e aliciá-las. Para isso, basta freqüentar os pontos tidos como de referência para a prostituição e encontrar adolescentes e mulheres adultas prontas para satisfazer os desejos dos fregueses. Além da prostituição da rua, também existe aquela camuflada nas “casas de massagem”, boates, bares e, por fim, os jornais, a Internet e até a lista telefônica anunciam e oferecem mulheres como se fossem realmente mercadorias, pois “a propaganda é a alma do negócio.”

Como toda mercadoria da economia capitalista, este precisa ser anunciado para ser vendido ou comprado. A lei da oferta e da procura impera como estratégia de promoção da prostituição que não respeita idade, cor ou raça. Nesse mercado, que se sofisticava a cada dia, o importante são os atributos físicos e os serviços que a garota pode oferecer.

Ao analisar o conteúdo dos anúncios dos classificados de jornal (ANEXO-A), os quais procuram por garotas ou oferecem seus serviços, notei que existem certos adjetivos presentes na maioria dos anúncios e que caracterizam as mulheres como: “quente”, “sensual”, “discreta”, “gostosa”, “fogosa”, entre outros. O adjetivo gostosa dá a idéia de comida, algo que é saboroso ao paladar e que proporciona prazer. A partir daí, compreendi como a sociedade

percebe a mulher ou “garota de programa” como comida, algo que se oferece como prazer aos nossos sentidos, sacia a fome (de sexo) e depois da digestão é eliminado. É interessante notar que os anúncios estão na página do jornal sob o título “Social e Lazer - Encontros”, mas precisamente situado entre os anúncios de venda de automóveis e aluguéis de materiais, o que ratifica a idéia de que as mulheres são vistas como realmente “mercadorias.”

A aparência física de Sayonara condizia com aquela procurada e/ou anunciado no jornal, já que era loira, magra, mais ou menos 1,65, cabelos longos e lisos e no transcorrer da conversa, observei que tinha ela uma educação diferente das outras informantes. Portanto, esse mercado capitalista (prostituição) absorveu a informante como um de seus produtos.

“Eu comecei há um ano e meio e fui sozinha, logo quando eu me separei. Aí eu precisava de dinheiro, as contas vencendo, e o emprego não aparecia. Aí um dia eu vi um anúncio no jornal, nos classificados e eu fui pra essa casa que contratava garotas, aí eu fui e comecei! Era uma casa de massagem que tinha garotas que faziam programas, já tinha uma clientela certa!”(Sayonara, 17 anos).

Além de toda essa oferta das garotas, ainda há agências especializadas em vender pacotes de turismo que incluem “garotas de programa” no roteiro. Esses pacotes são vendidos principalmente para turistas europeus, que saem dos seus países, onde a lei é severa, e vêm desfrutar e explorar as crianças e adolescentes cearenses (RELATÓRIO, 2004).

5.6 SOBREVIVENDO NO MUNDO DA PROSTITUIÇÃO

Após seguir toda uma trajetória passando pela violência doméstica, a saída de casa para a rua, a perda da virgindade e a entrada na prostituição, apresento agora algumas situações que revelam como é a vida das adolescentes que sobrevivem em circunstância de prostituição.

HUMILHAÇÕES DO DIA-A-DIA

A prostituição envolve uma série de estereótipos e estigmas e um desses pensamentos é o de que o dinheiro proveniente da venda do sexo é conseguido facilmente pelas mulheres. A ilusão do “dinheiro fácil” permeia o imaginário de quem não vive essa realidade e não conhece os fatos que marcam a vida na prostituição. Uma expressão conhecida e usada pela sociedade para denominar as prostitutas é a “mulher de vida fácil”. Os depoimentos das informantes, porém, revelaram que a vida não é tão fácil assim como as pessoas pensam e desmistificam essa idéia que a sociedade têm sobre as praticantes do sexo por dinheiro.

A realidade das informantes é muito diferente daquela imaginada pela sociedade, pois, como Verônica destaca, só quem passa por essa situação é que sabe o quanto custa ganhar dinheiro na prostituição. Portanto, além da violência familiar, comentada anteriormente, as adolescentes sofrem constantemente a violência simbólica expressa nos acontecimentos da vida diária, obrigando-as a se submeterem a toda sorte de infortúnios.

Quando se referem a “fazer tudo”, significa fazer todo tipo de variações no sexo, como sexo anal e oral, por exemplo. Portanto, isso é percebido como uma maneira difícil de ganhar o seu sustento. Muitas vezes, ainda são roubadas pelos próprios fregueses, que não pagam e ainda levam o dinheiro advindo de programas anteriores.

A relação entre o freguês e a garota é encarada como uma forma de comércio, em que há uma negociação sobre o valor a ser cobrado pelo serviço prestado. A frase de Débora explica bem como acontece: “*Aí a gente combina antes, combina logo o preço e o que vai fazer, depois é que a gente sai.*” Essa relação comercial, porém, é desrespeitada e o “contrato” é quebrado pelo freguês quando este não paga o valor acertado ou então exige serviços extras que não estavam inclusos. Para as adolescentes, esse é um dos motivos pelos quais não vale a pena estar “nessa vida”.

Outro ponto a ser destacado é que nem sempre as informantes conseguem programas e podem passar até semanas sem ganhar nenhum centavo. Portanto, entendi que prostituição não é sinônimo de vida fácil, pois depende de vários fatores como o movimento da noite, a sorte da garota e ainda o tipo de freguês.

“ Muitos deles não querem pagar, e às vezes ainda leva o nosso dinheiro que a gente ganhou durante a noite toda. Eu não gosto dessa vida não.

Muita gente acha que é dinheiro fácil que a gente ganha, mas só a gente é que sabe o que tem que passar pra conseguir o dinheiro! ” (Verônica, 14 anos).

“ Não vale a pena porque (...) ele não dá o dinheiro que a gente pede, tá entendendo? Aí ele não dá o preço que a gente quer, tem alguns deles que querem fazer coisas, quer fazer tudo dentro do quarto com a mulher, todo tipo de sexo (...) e também não é toda noite que você consegue não, às vezes a gente passa várias noites sem ganhar nada!” (Shirley, 14 anos).

A questão de ser humilhada e xingada é muito triste e penosa para as adolescentes, pois, além das falas, isso ficou evidente em seus rostos quando tocaram no assunto, pois sempre falavam de cabeça baixa ou diminuía o tom de voz .

A palavra humilhação apareceu no discurso de todas as informantes, e essas humilhações se traduzem de várias formas, mas, principalmente, como agressões verbais e mais claramente por meio de palavrões e chavões usados para designar a prostituta, como a fala de Karen nos informa: *“Eles dizem assim: tu não vale nada, tu só serve mesmo é pra trepar, vagabunda, quenguinha!” (Karen, 16 anos).*

As expressões acima usadas são fortes e agressivas. Entendo que estas palavras vão além do caráter de humilhação e passam a denotar uma completa e total depreciação das meninas como seres humanos. Ao assimilarem essas percepções , que não são delas, as adolescentes começam a acreditar que realmente não passam de “quenguinhas” como os homens as denominam, e, portanto, não são capazes de encontrar outra forma de sobreviver, já que só servem para o sexo.

O depoimento de Luana reforça o que foi expresso há pouco e mostra que a informante percebe a prostituição como um “sufoco”, uma coisa que lhe toma o ar, que abafa e em seguida mata, pois sem oxigênio o ser humano não sobrevive.

“Eu acho essa vida ruim né! É ruim! Pra mim é ruim, entendeu? Pra mim é ruim porque a gente ganha dinheiro no maior sufôco, leva humilhação, leva desaforo, leva piada, leva tudo isso. Aí fica chato pra gente mesmo né? A gente tem que tá no ponto a qualquer hora, mesmo tando cansada, não tem isso não, tem que tá lá esperando o freguês Eu não gosto disso não !’ (Luana, 17 anos)

Neste discurso é destacada uma representação negativa do mundo da prostituição como um espaço sujo, impuro, de sofrimento, mas que foi a única opção encontrada como forma de sobrevivência.

FREGUESES “DESEJADOS E TOLERADOS”

Assim como no imaginário das pessoas existe um padrão de comportamento para as prostitutas, ao adentrar o mundo das informantes, percebi que elas também identificam certas atitudes e comportamentos masculinos tidos como bons ou ruins. Entre elas existe o estereótipo do “cliente bom” e do “cliente ruim”, sendo feita essa classificação de acordo com o comportamento deste durante a abordagem e a relação sexual .

Portanto, pude identificar algumas características que descrevem cada um dos dois tipos citados. O “cliente bom” caracteriza-se por : idade acima de 30 anos, paga o preço combinado, durante o sexo só faz o que foi combinado e não exige coisas a mais (variações no sexo); não é violento, pode trocar carícias antes da relação e oferece bebida ou comida para as meninas como forma de abordagem.

Entre as adolescentes, há uma preferência em sair com os homens mais velhos porque estes são considerados “bons”, já que correspondem ao padrão há pouco descrito. A troca de carícias antes da relação é algo importante na visão delas , pois consideram uma demonstração de carinho e afeto, algo que praticamente não existe em suas vidas, portanto, elas buscam encontrar esses sentimentos nos fregueses.

Ao realizar a coleta de dados no calçadão da av. Beira-Mar, uma cena inusitada me chamou a atenção algumas vezes. Ao descrever a dinâmica da prostituição no referido local, observei homens na faixa de 40 a 50 anos, a maioria gringos, os quais durante a interação e a conversa na mesa das barracas beijavam as garotas na boca. Portanto, esse fato desmistifica a idéia da sociedade de que os fregueses não beijam as prostitutas na boca.

Nas mesas sempre havia bebida e comida e todos pareciam bem à vontade, o que me levou a inferir que a bebida é um mediador na abordagem do freguês para com a garota. Quando as chamam para sentar, eles oferecem logo uma cerveja como estratégia para iniciar a conversa e

essa estratégia dá certo porque as informantes declararam que gostam quando o programa começa dessa maneira.

Por outro lado, o “cliente ruim” é identificado como aquele que: é jovem de menos de 30 anos, sempre paga menos do que o valor cobrado ou às vezes não paga; quer “fazer tudo” no sexo (variedades além do que foi combinado- sexo oral, anal), é violento e arrogante e vai direto ao sexo, sem preliminares .

Ainda durante as observações, notei que entre os homens mais jovens não há o comportamento de beijar as garotas. Eles apenas ficam sentados conversando e muitas vezes não se interessam pelo programa, podendo sair acompanhados ou não.

O discurso de Verônica retrata bem o estereótipo do “cliente ruim”, pois revela a que ponto podem chegar o comportamento e a atitude dos clientes jovens, com seus desejos e fantasias sexuais. O fato do jovem morder a vagina da informante vai além da questão meramente física e afeta principalmente a moral da adolescente.

“ Porque os que dá mais dinheiro pra gente é os de mais idade, porque esses novo só querem fazer e não dão nada. Os mais velhos, a partir de 30 anos é melhor, porque a maioria deles são os mais carinhosos, porque esses jovens de 15, 20 anos, a maioria deles são muito arrogante e agressivo. Aí é diferente, eu prefiro sair com os mais velhos porque realmente eles só fazem o combinado, e os mais novos querem tudo, fazer sexo anal, oral. Os mais velhos nem querem fazer muita coisa porque tão cansado aí nem agüenta, e os mais velhos pagam melhor.” (Mônica, 14 anos).

“ Eu gosto mais dos mais velhos porque eles pagam bem e não obrigam a gente a fazer qualquer coisa. Você só faz o combinado (...) às vezes eles bota a gente numa mesa, oferece bebida, comida, tem um carinho antes e os novinho não, eles querem pisar na gente, humilhar, puxar os cabelos, xingam a gente (...) eu tava fazendo um strip tease pra 3 caras, aí um me segurou por trás e o outro me chupou (a vagina) e me mordeu, eles eram na faixa dos 20 anos” (Verônica, 14 anos).

O depoimento de Sayonara revela um outro tipo de “bom cliente”. Ela percebe como bom aquele homem que a escuta e conversa com ela sobre outros assuntos além de sexo. Ela relatou também que pode haver uma relação de “amizade” entre ambos, na qual ele pode lhe ensinar “coisas da vida”; pequenas atitudes, comportamentos e até palavras que para o cliente são rotina, mas que para ela faz muita diferença.

Esse tipo de cliente é mais comum quando as garotas trabalham em “casas”, porque muitas vezes o lugar tem uma clientela definida e estes podem encontrar a garota novamente. Na prostituição da rua ocorre o contrário, pois geralmente nunca mais se vêem.

Para a informante, nesse contexto, o dinheiro não é tão importante, pois ela considera que um bom tratamento por parte do cliente é melhor do que o valor pago por ele. Preços altos estão associados a um serviço completo, ou seja, quem paga mais merece mais, pois os homens acham que quanto maior o valor pago mais direito sobre as garotas eles terão. Assim, exigem que elas façam toda a variedade de sexo que eles desejam.

“ Eu aprendo muita coisa com eles também, às vezes não é só chegar e transar não. Eu aprendo coisas da vida, me ensinam sempre alguma coisa, até mesmo como se comportar, como tratar um cliente melhor, eles ensinam isso. Às vezes o cliente sai com você e gosta, aí ele volta outras vezes, aí já tem uma amizade, já tem uma confiança. Alguns não são todos, são os que a gente chama de bons clientes, eles conversam. Às vezes os que dão 50 reais são melhor do que os que dão 100. Porque os que dão 100, acham que tão pagando aí querem fazer tudo. Às vezes tratam mal, vem dizendo nome, tratando a gente com brutalidade.”
(Sayonara, 17 anos).

Sayonara ainda revelou que atualmente tem um “caso” com um homem que conheceu numa casa de prostituição. O cliente começou a freqüentar a casa e a desenvolver uma empatia pela jovem. Assim, nos primeiros encontros, não havia relação sexual, mas apenas conversavam sobre os problemas de ambos. Com o passar do tempo, perceberam que não existia somente “amizade” entre eles e sim um outro tipo de envolvimento. A partir daí mantêm um “caso” e se vêem quando têm oportunidade.

O estudo de Sousa (2000) em Fortaleza, revelou que entre os clientes que procuram as casas de prostituição, há os que desenvolvem relações de afetividade com alguma das prostitutas e estas podem escutar queixas e desabafos de seus clientes sobre seus problemas com a esposa, trabalho e outras dificuldades, bem como aconselhá-los.

DONO DA SITUAÇÃO: impondo o sexo inseguro

Falar sobre o uso do preservativo é algo que perpassa o discurso médico da prevenção e encontra dissonâncias entre teoria e prática. A experiência das informantes revelou que entre os homens ainda permanece o pensamento de que usar preservativo durante a relação sexual é o mesmo que “chupar bala com papel⁴”.

Entre os fregueses, há uma heterogeneidade em usar o preservativo, pois alguns usam e outros não. Os “cabra velhos”, como Karol os denomina, são os clientes mais velhos e entre estes é mais difícil o uso do preservativo. Os homens mais jovens, porém, são mais sensibilizados para o uso. A iniciativa de usar o preservativo ocorre na maioria das vezes por parte da garota, a qual “pede” para o cliente usar; assim a palavra “pedir” denota uma relação de dominação de gênero e classe social, e se reflete no poder dos fregueses em reverter o discurso das adolescentes.

Aliada a esse “poder” dos fregueses, encontra-se a necessidade financeira das adolescentes, que surge como obstáculo à prática da prevenção. As informantes confessaram a prática do sexo sem proteção quando estão sem dinheiro, e, como consequência dessa prática, foi citado o contágio pelo HPV – doença sexualmente transmissível que se não tratada a tempo pode evoluir para o câncer. O interessante é observar que elas têm conhecimento dos problemas que podem surgir caso não usem o preservativo, e mesmo a vivência dessa experiência não foi capaz de sensibiliza-las para a proteção.

Ter conhecimento sobre a doença não significa prevenir-se sobre a patologia, portanto essa é uma questão que transcende os limites do “saber e fazer”. O envolvimento com parceiros desconhecidos aumenta as chances de contrair uma DST, como Karol e Mônica relataram .

A falta de prática sobre o uso e manuseio do preservativo feminino foi citada como um fator predisponente para a prática do sexo desprotegido. Assim, os fregueses é que decidem prevenir-se ou não, visto que o preservativo masculino é mais fácil de manusear e é mais usado do que o feminino.

Embora algumas vezes as adolescentes não usem o preservativo, elas se preocupam com a saúde no sentido de fazer exames, como o de prevenção, o qual deve estar disponível na

⁴ Expressão popular muito usada para designar a sensação de fazer sexo com preservativo.

rede pública de atenção básica à saúde. As adolescentes, contudo, ainda encontram dificuldade na acessibilidade a esse serviço, como o discurso de Verônica revela.

Como enfermeira, responsável pela realização desse exame na unidade básica de saúde onde trabalho, conheço essa realidade de perto e entendo que às vezes a demanda de mulheres em busca do exame supera a capacidade do profissional em realizá-lo. Dessa maneira é necessário retornar outra vez para conseguir marcar. Isso faz com que muitas mulheres desistam de procurar o serviço e não façam o exame, o qual deve ser realizado anualmente.

“ Nem todos querem usar a camisinha, esses cabra velhos não usam muito não. Geralmente os homens mais novos usam mais Eles dizem que é muito ruim com camisinha, e às vezes a gente tá precisando do dinheiro, e eles dizem que não tem nada, aí a gente acaba indo (...) já me envolvi com um homossexual daí eu peguei uma doença, aquela das verrugas, tô fazendo tratamento, mas eu não sabia que ele era homossexual não ” (Karol, 13 anos).

“(...) aí eu tava com aquele HPV, tive só o começo, aí eu comecei a fazer o tratamento, a prevenção, a tomar os remédios, então ele acabou-se . Só que não foi nada grave, mas poderia ter pegado uma coisa mais grave né? Tem a AIDS também né? Aí hoje quando eu saio a iniciativa é da mulher, é minha, porque sempre esses homens mais velhos não gostam de camisinha (...) há uns 4 ou 5 meses atrás , sabe, eu fiz sem camisinha, porque eu tava precisando do dinheiro, depois eu até me arrependi porque o cara era assim (pausa) todo esquelético sabe? Eu fiquei com medo!” (Mônica, 14 anos).

“Eu peço a camisinha sabe, mas eles não querem usar. Tem uns que usam, mas eles dizem que é ruim. Aí às vezes eu faço sem camisinha porque eu tô sem dinheiro. Eu sei que a pessoa pode pegar doença né, mas (...) e eu não sei colocar a camisinha feminina e eles também não querem que eu use. Uma vez eu fui botar, aí ele disse que não, aí eu não usei Uma vez eu fui fazer aquele exame da prevenção, mas era muita gente, aí eu voltei e não fui mais, é difícil conseguir! ” (Verônica, 14 anos).

Contrapondo-se à perspectiva biomédica ou sexológica, a adoção da perspectiva sociológica ou antropológica para a análise da sexualidade e de práticas sexuais seguras, suscita reflexões instigantes, sobretudo para o campo da saúde coletiva. Não se podem analisar tais

comportamentos e práticas sem levar em consideração o contexto local em que os indivíduos estão inseridos.

Com o advento da AIDS, os estudos biomédicos e epidemiológicos sobre a sexualidade intensificaram-se sobremaneira, restaurando tendências de mensuração e controle do comportamento sexual, tomado como um conjunto de atos e práticas isoladas de seu contexto cultural. Frequentemente, tais estudos adquirem um caráter assertivo e normativo quanto à conduta de indivíduos no que tange à prevenção de doenças. O esforço revitalizador das ciências sociais busca, então problematizar uma série de crenças arraigadas no senso comum ou entre especialistas que ratificam determinados comportamentos e identidades sexuais. Em geral, estes desconsideram o lento e complexo processo de aprendizagem sociocultural, permeado pelas marcas de gênero que modelam as representações e práticas no campo da sexualidade (HEILBORN E BRANDÃO, 1999).

Por intermédio da fala de Mônica, pude entender que há uma relação entre a idade das meninas e a sensibilização para o uso do preservativo. Ela revelou que, quando era mais nova, não achava importante usá-lo e assim ficava mais exposta aos riscos da prática do sexo sem proteção: “*Só que quando eu era mais nova, 10 anos, eu achava uma coisa sem lógica usar aquele negócio. Aí eu tava sujeita a pegar uma DST né? Doença sexualmente transmissível, né?*” Diante da informação da adolescente, entendo que os programas de prevenção da AIDS, doenças sexualmente transmissíveis e Promoção da Saúde devem chegar o mais cedo possível às escolas, unidades de saúde e ao próprio meio social, devendo ser implementados de acordo com a realidade de cada comunidade, levando-se em consideração diferenças culturais e sociais.

Embora se saiba que não há mais grupos de risco para a AIDS, acredito que ainda existem alguns fatores que podem facilitar a sua transmissão. Portanto, acho que as meninas em estado de prostituição estão sujeitas a todos esses riscos, visto que no território da rua estão visivelmente vulneráveis e dispostas a “se virar” para sobreviver num espaço demarcado por jovens marginalizados, drogados e prostituídos.

Nos últimos dez anos, a proporção de meninas adolescentes infectadas pelo HIV nos Estados Unidos triplicou, pois houve um aumento de 14% em 1987 para 46% em 1996, sendo a transmissão por via sexual com homens mais velhos o meio mais comum de transmissão (MESCHKE, BARTHOLOMAE E ZENTALL, 2002).

Acredito que as estratégias de redução da vulnerabilidade feminina, e, em especial, das adolescentes, devem aumentar o poder – *empower* – e a capacidade da mulher em negociar o uso de métodos de proteção disponíveis. É nesse contexto que a negociação sexual necessita surgir como conceito básico dos discursos políticos e propostas de intervenção.

Para o Dr. Paul Farmer (2001), as diferenças de gênero influenciam as decisões de negociação do sexo seguro entre homens e mulheres. Ele argumenta ainda que outros métodos de prevenção teriam melhores chances se as mulheres não precisassem depender da aceitação e da boa vontade de seus parceiros.

Ao analisar as relações de poder e gênero no âmbito da prostituição de meninas adolescentes, percebo que existe uma relação explícita de dominação do cliente sobre a garota. Assim, a adolescente sente-se pressionada e desprovida de *empower* para negociar o sexo seguro.

Os estudos de Kline *et al* (1992) e Wood, Maforah, Jewkes (1998), no Sul da África também revelaram resultados semelhantes, pois a falta de *empowerment* das adolescentes em negociar o uso do preservativo foi associada a fatores como a relação de poder e gênero entre os parceiros, o que diminuía a capacidade das adolescentes em manter uma vida sexual saudável e se prevenir contra DSTs e gravidez não planejada.

É importante ressaltar o fato de que, durante os encontros com as informantes, sempre distribuí preservativos, os quais foram doados pelo posto de saúde onde trabalho, bem como respondi a questionamentos feitos sobre algumas DST's e métodos contraceptivos.

ESPANCAMENTOS E AMEAÇAS: os perigos do ganha pão

Essa temática foi uma das mais difíceis de analisar, não pelo esforço intelectual dedicado, mas pelo sentimento que me veio à tona quando comecei a escutar os relatos das histórias das informantes. Às vezes os acontecimentos parecem enredo de filme, no entanto esse “filme” é a vida das adolescentes. Uma vida marcada não só pela necessidade financeira, mas também principalmente pela violência física e psicológica que sofrem diariamente.

O espancamento aparece como a forma de violência física mais freqüente entre as adolescentes. Os fregueses se utilizam de diversos pretextos para agredi-las, como o fato de as

meninas não aceitarem fazer sexo anal por exemplo. A situação ainda é agravada pelo fato de as informantes serem menores de idade e não poderem freqüentar motéis, ficando mais expostas e vulneráveis a toda sorte de infortúnios, já que são obrigadas a manter relações sexuais dentro dos carros dos clientes ou em locais afastados e desertos como nas praias e no matagal.

Assim, as informantes correm um risco duplo pelo fato de serem menores de idade e estarem na prostituição. Ressalto que os homens que as agridem deveriam ser seus protetores, visto que alguns têm idade para serem seus pais, ou até mesmo avôs. Assim, também entendo a violência sofrida pelas informantes como uma violência de gênero estruturada por um padrão de relações sexuais hierárquico, no qual as mulheres sofrem violência pelo fato de serem mulheres, nesse caso, adolescentes. Isso configura um reflexo da manutenção de desigualdades e hierarquias para garantir a obediência e a subalternidade de um sexo sobre o outro, expressando um sistema social desigual e injusto.

Seria imprudente imaginar que a violência sofrida pelas prostitutas, em especial pelas adolescentes, pudesse ocorrer de forma diferente. Quando se toma o discurso da violência contra a mulher, entendo que não existe diferença entre a prostituta e a não-prostituta, pois ambas pertencem à mesma classe de gênero e sofrem, além da violência física marcada em seus corpos, a violência estrutural que o sistema econômico impõe à condição de ser mulher e principalmente viver em circunstância de prostituição.

Esse problema vai além do aspecto da violência e esbarra na impunidade do agressor pela falta de denúncia, visto que as informantes têm medo de denunciá-los porque são menores de idade e os pais não podem ficar sabendo de sua condição. Denunciar o agressor, para elas, seria um problema ainda maior, porque teriam que revelar aos pais o que fazem. Então, nesse caso, o melhor é ficar calada.

“Já aconteceu comigo. Porque ele queria fazer atrás (sexo anal) e eu não aceito e ainda sem nada (lubrificante) porque dói demais. Aí ele disse: - você vai ter que me dar ou então vai apanhar. Aí eu peguei, empurrei ele e fiquei batendo na porta do carro (...) era dentro do carro porque de menor não pode ir pra esses lugares (motel). Então foi a primeira vez que eu fui espancada, aí ele me bateu e eu tentei dar parte, mas eu não fui também por causa dos meus pais, que eu sou de menor. Aí quando foi com 12 anos eu fui espancada novamente por 2 homens. Eles não me deram nenhum tostão e ainda me bateram (...) (Mônica, 14 anos).

“Aí já aconteceu isso comigo já. Porque o rapaz me chamou aqui pra ir dar uma volta na Praia do Futuro, aí eu peguei e fui (...) aí quando chegou no canal ele pegou e me levou pro matagal, aí foi o jeito eu ir com ele porque ele tava com um facão. Aí foi o jeito, e já tinha tudo preparado lá, colchão, tudo lá no matagal, uma casa só as paredes. Pra nunca mais, pra nunca mais eu fazer isso, é muito perigoso!” (Luana, 17 anos).

Para Schraiber & D’Oliveira (1999), a expressão violência contra a mulher refere-se a situações diversas como a violência física, sexual e psicológica cometida por parceiros íntimos, o estupro, o abuso sexual de meninas, o assédio de mulheres, o turismo sexual, a violência étnica e racial, a violência cometida pelo Estado por ação ou omissão, a mutilação genital feminina e os assassinatos.

Assim, no desempenho dos papéis feminino e masculino, arranjos estereotipados estruturam a intimidade entre os gêneros e os dilemas das relações podem culminar em violência. Isso significa que, quando os mecanismos sutis de controle não funcionam, o uso de violência é acionado para garantir a hierarquização entre os sexos. Os maus-tratos físicos são uma das expressões desse tipo de controle. Outra forma de controle é exercida por meio da sexualidade que atua sobre as mentes e os corpos das mulheres, implicando uma associação entre sexualidade, poder e violência masculina (MINAYO E SOUSA, 2003).

Além das ameaças de morte, as informantes sofrem a real tentativa de homicídio por parte dos fregueses. Ao sair para atender o freguês em domicílio, o perigo de ser agredida aumenta, pois, não o conhecendo, elas se tornam mais vulneráveis e expostas aos sortilégios do desconhecido. O perigo de vida é iminente para as adolescentes e as situações pelas quais passam deixam marcas profundas, feridas que vão além das marcas corporais e que não cicatrizam nunca, visto que estão entranhadas na alma .

“ Eu já passei por uma situação assim. Foi num condomínio, eu não sei o nome, em frente o Vila Galé, na Praia do Futuro, onde eu saí com minha roupa na mão, 5:30 ou 6 horas da manhã, parei um carro pra poder me ajudar. Porque eu nunca tinha ido atender um cliente a domicílio, aí quando eu cheguei lá o cliente me agrediu, eu escapei da morte. Eu passei 15 dias sem poder falar direito, ele tentou me estrangular e eu fiquei com marcas em todo o corpo. Não dei parte na delegacia com medo da minha família ficar sabendo na época. Foi horrível, eu nunca vou esquecer, foi muito triste! ” (Sayonara, 17 anos).

A violência sofrida pelas adolescentes em estado de prostituição ocorre em todo o mundo, pois o estudo de Raymond (1998) na Ásia e África, bem como o de Pedersen e Hegna (2003) na Noruega, também revelaram dados semelhantes. As adolescentes daqueles lugares relataram histórias de violência física como estupros, espancamentos e tentativas de homicídio por parte dos clientes que chegam a utilizar armas de fogo para forçá-las ao sexo.

Para Mônica a idade é sinal de experiência, pois com o passar do tempo ela foi ficando mais esperta e aprendendo a se defender dos perigos da rua, conforme ela mesma disse. Portanto, a partir dessa afirmação, entendi que quanto mais jovem a garota mais risco ela corre. Anotar a placa do carro lhe parece a alternativa de proteção, mas isso só é possível quando as garotas andam em dupla, pois quando saem sozinhas elas realmente precisam apelar para a sorte.

Sayonara entende que a prostituição que ocorre nas “casas” oferece menos perigo, visto que lá existe um movimento maior de pessoas que a podem socorrer e ajudar caso seja agredida, enquanto, na prostituição da rua ou em domicílio, a garota encontra-se sozinha com o freguês, o que aumenta sua vulnerabilidade. A informante também relata que hoje em dia procura conversar com o freguês antes da relação sexual, a fim de tentar identificar algum comportamento estranho causado pelo uso de bebida ou drogas.

“A gente não faz nada pra se proteger não, sai com o cliente na sorte. Agora, a gente tá mais esperta um pouco né? Porque a idade vai chegando, e aí a gente vai tendo mais experiência. Assim, às vezes quando a gente sai, a outra anota a placa do carro porque caso não retorne é só fazer a denúncia pela placa do carro.” (Mônica, 14 anos).

“O que eu faço hoje em dia é procurar trabalhar em casas porque é mais seguro. Vamos supor, se eu trabalho aqui e acontece alguma coisa eu posso sair correndo desse quarto, eu posso gritar por ajuda, alguém arromba a porta. Mas se eu vou pra casa do cliente, lá eu corro risco sim. Aí tem isso, eu procuro ver, se eu vejo que o cliente tá muito embriagado, se eu ver que ele consumiu drogas, ou tá muito alterado, eu testo ele e a gente fica conversando até ele melhorar.” (Sayonara, 17 anos).

Neste estudo, não foi encontrada uma sistematização de estratégias de proteção contra esses perigos. As informantes, na maioria das vezes, apelam para a “sorte” que faz parte desse cotidiano, o qual abriga uma dualidade sombria, pois o mesmo meio pelo qual elas tentam

sobreviver pode levá-las à morte. Ainda assim, identifiquei algumas estratégias de proteção há pouco descritas, mesmo que incipientes, mas que as podem proteger contra certos riscos.

A partir dos depoimentos das informantes, percebi que o espaço da rua ensina as meninas a como “se virar”. Portanto, as experiências individuais são vivenciadas como único fator responsável pelas estratégias de sobrevivência e proteção de vida.

COMPRADA E USADA: transformada numa mera mercadoria

Ao adentrar a realidade da prostituição, percebi como certos acontecimentos servem para ratificar na vida das informantes a condição de mercadoria. Essa metáfora parece adequada quando passo a analisar a experiência de vida das adolescentes que vivenciam uma realidade baseada na compra e venda de seus corpos.

A condição de ser “objeto”, mercadoria ou produto é percebida pelas informantes, pois elas entendem que os fregueses as usam e depois jogam fora como um objeto descartável que depois de ser utilizado não tem mais serventia.

Enquanto estava no campo coletando dados, observei por ocasião de minhas idas ao farol do Mucuripe (local da prostituição naquele bairro) o movimento de meninas adolescentes e mulheres adultas que serviam aos desejos e escolhas dos clientes. Naquele vaivém de corpos femininos quase semi-nus, onde os traços da tenra idade eram mascarados por maquiagem e pela iluminação precária, a abordagem ocorria por parte do freguês. Os carros passavam lentamente para que os homens pudessem ver e escolher a garota. Feito isso, paravam o veículo e a chamavam, mantendo um diálogo durante o qual a garota permanecia do lado de fora do carro. Após alguns minutos de conversa, quando negociavam o preço e o serviço a ser prestado, eles saíam.

Quero chamar a atenção com essa descrição para o fato de ter observado que, em nenhum momento, as meninas recusaram o “programa”, ou seja, todas as vezes que foram abordadas, elas saíram e não dispensaram o cliente. Essa realidade foi comprovada quando nas suas falas elas relataram que não escolhem os clientes, visto que naquela situação o dinheiro é o principal objetivo. Para elas um cliente que possui traços valorizados como belo pela sociedade tem o mesmo valor que um considerado como feio, desde que ambos paguem o “combinado”, pois o que os diferencia é o dinheiro.

Essa cena comprova mais uma vez a condição de mercadoria das informantes, visto que o freguês escolhe o produto na prateleira onde há várias opções, no entanto ele leva para casa aquele que mais lhe agrada, seja pela aparência, pelo preço ou pela eficiência, além de descartar aquele com prazo de validade vencido.

“ Eu me sinto um objeto, é isso que eu sou (...) a gente é usada mesmo, porque mesmo que a gente ganhe o nosso dinheiro, mas sempre é usada (...) ele (freguês) praticamente compra a gente né? Porque a gente tá ali pelo dinheiro” (Sayonara, 17 anos).

“Qualquer homem, pagando né? Não tem diferença não. Tendo o dinheiro pra pagar (...) eu vou com novo, vou com velho, porque a gente tá precisando é do dinheiro né? Eu não me interesso por eles não sabe, se é bonito, novo, o corpo, pra mim tanto faz , eu só me interesso mesmo é pelo dinheiro deles (...) a gente não escolhe não é o que vier!” (Karen, 16 anos).

Percebi que existe uma falta de *empowerment* entre as adolescentes, visto que a própria estrutura da economia capitalista produz um quadro de exclusão social em que as informantes não têm direito de exercer a cidadania e o direito sobre o próprio corpo que se tornou uma mercadoria do sistema mercantilista.

Tones (1997), entende que o *empowerment* é o conceito central para a filosofia e a prática da Promoção da Saúde, portanto, o *empowerment* de indivíduos e comunidades instrumentaliza ações facilitadoras de tomada de decisões, contribuindo para uma mudança no estilo de vida e comportamento. O meio social em que se dão as relações de “compra” e “venda” da prostituição, entre as adolescentes, no entanto, não permite o exercício do *empowerment*, visto que tal relação é baseada em questões socioculturais e econômicas.

Ao falar de sexo, dinheiro e prazer no contexto do comércio da prostituição, é importante observar como é percebida a relação dessa tríade pelas informantes. O sexo é entendido como um trabalho e o dinheiro é a remuneração recebida pelo serviço prestado. Existem uma negação do prazer e o pensamento de que os homens é que devem sair satisfeitos, ou seja, eles estão ali para se divertir enquanto elas para trabalhar e “ganhar o pão de cada dia”.

Note-se, pelo depoimento de Shirley, que a própria informante, inconscientemente, se afirma como mercadoria de “segunda mão” quando diz que, após transar, é só pegar o dinheiro e sair com outro freguês.

“(...) eu sinto nojo, não tem amor. Ah, eu não vou mentir pra senhora não, nem todos eu sinto prazer, tá entendendo? Alguns, assim (pausa) de 100 tira 3. Porque tem uns que assim que chega na cama quer logo. Já tem outros que vem antes, aí dá aquela vontade e tem outros que não. Mas no geral, é só transou, pegou seu dinheiro e é de outro.” (Shirley, 14 anos).

“ Eu não sinto nada, é só por dinheiro mesmo. Não vou mentir! Tem uns que a gente dá valor,tem uns que a gente nem gosta. Mas a gente ta ali é pra ganhar o pão de cada dia né? Não é pra se divertir não! Então a gente finge prazer né? Porque o cara pode até ficar chateado!” (Luana, 17 anos).

O prazer é associado ao sentimento, a estar num lugar tranqüilo, às carícias e preliminares, no entanto tudo isso praticamente não existe na realidade das informantes e fingir o próprio prazer significa proporcioná-lo ao freguês.

Nesta situação de trabalho, o relacionamento da adolescente com o freguês desenvolve-se num processo de mascaramento da conquista e do ato sexual em si, no sentido de que o momento do sexo não é realizado de forma descontraída, via de regra, não envolvendo prazer, mas sim um fingimento bem articulado na tentativa de iludir e agradar o freguês. O processo de mascaramento na relação sexual implica uma modificação no comportamento da menina para que o cliente saia satisfeito ou o cafetão saia bem-sucedido, pois a máscara representa a própria sexualidade e a ilusão do desejo.

5.7 DEFENDENDO-SE DAS DORES DA “VIDA DURA”: estratégias de autoproteção

Ainda identifiquei entre as informantes alguns comportamentos tidos como estratégias de autoproteção, uma forma de resistência frente à opressão e ao estigma que sofrem diariamente. Portanto, inconscientemente, as adolescentes desenvolveram mecanismos para se proteger contra uma estrutura social excludente.

“SAIR ESCONDIDO” : a vida sem vergonha

A prostituição é percebida pelas adolescentes como um trabalho não digno, indecente e por isso os pais não podem saber como vivem elas. Embora desconfiem da maneira como conseguem dinheiro, eles preferem ficar calados e fazer “vista grossa”, pois o dinheiro oriundo da prostituição é bem-vindo na medida em que supre as despesas da casa e os livra desse encargo. Ao contrário do que imaginava, as informantes têm vergonha do que fazem e se preocupam com o que as pessoas falam sobre elas, embora a prostituição seja algo rotineiro na comunidade.

A expressão “criar vergonha na cara”, citada por Shirley, significa sair da prostituição e conseguir um emprego decente. Se por um lado ela tenta esconder a verdade dos pais e dos conhecidos, por outro entende que lhe falta vergonha ao continuar em tal situação, o que leva a crer que há uma internalização da culpa ao se assumir como “sem-vergonha”.

A mentira, porém, é algo que incomoda as informantes, pois é muito difícil não poder revelar a verdadeira identidade e ter que inventar diversas histórias sobre a forma como conseguiu dinheiro.

O estigma atinge não somente o indivíduo portador, mas também as pessoas ao seu redor, fazendo com que estas também sintam vergonha; assim a família e os amigos também estão susceptíveis de carregar certos rótulos pejorativos .

“ Eu tenho vergonha da minha vida (...) a minha mãe sente vergonha de mim, aí ela me pede muito pra mim sair disso. Aí eu digo assim pra ela : - Não mãe , eu só vou sair dessa vida quando eu criar vergonha na cara e arrumar um trabalho decente, pra mim ter responsabilidade, pra mim poder lhe sustentar, que a senhora já tá ficando de idade, aí é você e a

minha avó. Também ela não fala nada não, só o que ela diz é que quando eu tiver assim, pra não deixar ela ver não, que ela sente uma vergonha muito grande, por causa das irmãs dela, do povo (...) aí eu saio escondido dela ” (Shirley, 14 anos).

“ Meus pais ficam muito tristes, quando eu chego em casa com dinheiro, aí eles perguntam e desconfiam, mas eu saio escondido. Aí eu digo que foi uma amiga minha que me deu. Uma amiga que teve pena de mim e me deu né?. Sempre eu invento uma mentira, porque contar essas coisas pros pais da gente é muito doloroso. No dia que os pais descobrirem a gente não sabe o que vai acontecer. Porque quando eles descobrem, a cabeça dos pais fica meio perturbada né? Sempre eu tenho que mentir, então eu acho que isso não é bom porque as pessoas ficam falando da gente (...)! ” (Mônica, 14 anos).

Neste sentido, Goffmann (1988) esclarece que, mesmo quando alguém pode manter em segredo um estigma, ele descobrirá que as relações íntimas com outras pessoas, ratificadas na sociedade pela confissão mútua de defeitos invisíveis, leva-lo-ão a admitir a sua situação perante a pessoa íntima ou a se sentir culpado por não fazê-lo.

Para o mesmo autor, os padrões que o indivíduo estigmatizado incorporou da sociedade o tornam intimamente suscetível ao que os outros vêem como seu “defeito”, levando-o, inevitavelmente, mesmo que em alguns poucos momentos, a concordar com a idéia de que, na verdade, ele ficou abaixo do que realmente deveria ser. A vergonha se torna uma possibilidade central que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um não-portador dele.

É provável que, em situações sociais em que há um indivíduo cujo estigma se conhece ou se percebe, as pessoas empreguem categorizações inadequadas e que tanto as pessoas como ele sintam-se pouco à vontade. E, como a pessoa estigmatizada tem mais probabilidades do que os outros de se defrontar com tais situações, é provável que ela tenha mais habilidade para lidar com elas. Portanto, a situação dos pais frente a essa realidade é muito complexa e difícil de enfrentar, o que muitas vezes faz com que o problema seja mascarado por mentiras ingênuas sobre a amiga que deu dinheiro.

SUPERFATURAR O VALOR DO SEXO

Quanto ao preço cobrado pelas meninas, encontrei disparidades e distorções de valores, havendo uma variação de vinte até oitenta reais. Entendo, porém, que oitenta reais é um valor muito alto para a realidade em que vivem, visto que a própria situação em que elas se encontravam denunciava o contrário. Esse valor idealizado pelas meninas foi uma maneira de praticarem autovalorização, uma forma de se sentirem iguais às mulheres adultas, compreendendo que o trabalho de ambas tem o mesmo valor. Para as adolescentes, dez reais é um preço muito baixo, e geralmente elas não aceitam. Quando estão com dificuldade de encontrar programas e estão precisando do dinheiro, porém, são obrigadas a se submeter.

Como Karen acentua, não é toda noite que elas conseguem fazer programas e ganhar dinheiro e podem passar até semanas sem ganhar nada, o que agrava ainda mais a situação financeira precária em que se encontram. Como fato que serve para ratificar esta informação, cito minha experiência em campo quando, em um de nossos encontros, a própria informante pediu-me dinheiro para comprar o leite de seu filho que estava faltando e em seguida foi para a Beira-Mar para tentar fazer programas e voltar com dinheiro para casa.

“ Comecei por 10, 15 reais, aí depois eu via as mulheres adultas fazendo por mais dinheiro, aí eu resolvi fazer por mais dinheiro também. Só que tem cliente que dá 50, 80, aí tem outros que só dá 30, tem uns que dá 20, isso os melhor, e os piores é fazer só por 10 ou 15 reais e ainda espanca a gente (...)” (Mônica, 14 anos).

“ Eu ganho (...) depende, às vezes eu faço 3, 4 programas numa noite. É mais ou menos 100 reais que eu ganho por noite, aí dá! Mas também não é toda noite que a gente ganha não. Depende, às vezes você passa a noite toda e não ganha nada.” (Karen, 16 anos).

A droga, especificamente a maconha, apareceu como outra forma de pagamento. Entendo que este tipo está mais ligado à realidade das informantes, sendo fácil adquiri-la, pois a expressão “*tá o shopping aí atrás*”, citada por Débora, revela um outro tipo de comércio que existe nos bastidores das favelas e da periferia. A droga está presente na vida das informantes desde muito cedo como uma estratégia para fugir dos problemas, pois, como Débora assinala:

“Eu fumo maconha, não vou mentir pra senhora não, também nessa vida que a gente leva, tem que fumar mesmo!”.

Existe entre as informantes um preço idealizado, sonhado e o preço real caracterizado por valores bem abaixo do que elas cobram e pela droga. Como em toda relação de comércio existe o princípio da concorrência, portanto em algumas ocasiões elas são obrigadas a cobrar ou aceitar valores baixos para não perder o programa para outras garotas.

“(...) que tem muitas (meninas) que fazem em troca de droga, aí faz com que o preço da gente caia. Tem meninas que querem só a droga mesmo, aí a gente tem que fazer mais barato mesmo pra não perder o programa!”
(Sayonara, 17 anos).

Outros estudos, como o de Howard, Fortenberry, Blythe, Zimet e Orr (1999), revelaram que entre as adolescentes pesquisadas nos Estados Unidos também havia história da venda de sexo em troca de drogas, o que facilitava o contato das meninas com a rede organizada da prostituição. Assim, percebe-se que essa realidade não é exclusiva apenas de países em desenvolvimento, mas atinge também as potências centrais.

5.8 AUTO-ESTIMA AGREDIDA E ABALADA

As adolescentes se consideram como “pessoa que não tem sorte na vida”. É assim que Karol, de 13 anos de idade, se percebe. É dela a seguinte frase: *“Eu me vejo como uma pessoa que não tem sorte não.”*

Ser pessoa que não tem sorte significa para as informantes não possuir irmãos, mãe ou um pai; ou, possuindo-os, não haver com eles relacionamento significativo do ponto de vista de suprir carências materiais e afetivas. É referido ainda como tal o fato de não ter estudo suficiente e emprego decente o que a leva a fazer sexo pelo dinheiro.

Significativo foi identificar como essas meninas passam a atribuir à mera “ausência de sorte” toda uma desestruturação pessoal e familiar. Ora, sabe-se o quanto o fracasso dos mecanismos que visam a suportar essa estrutura familiar responsabiliza-se pelo sério

desequilíbrio social contemporâneo. O sentimento de revolta surge como forma de desabafo e revela a não-aceitação da condição em que vivem.

“Às vezes eu me revolto e pergunto porque eu não tive sorte pra arranjar outra coisa melhor. Eu acho que eu não tenho sorte não, só tenho uma irmã como família – pelo menos isso ainda tenho, mas não tenho mãe, nem pai, nem emprego decente.” (Verônica, 14 anos).

“Mas eu não tive sorte na vida. (pausa) de ter uma família boa, um emprego decente, um estudo.”(Karen, 16 anos).

“Eu me vejo como uma pessoa que não tem sorte. Preciso fazer isso pelo dinheiro. Ter sorte pra mim é ter um emprego fixo, poder estudar em colégio bom, essas coisas”. (Mônica, 14 anos).

Segundo pressupostos da Psicologia, a maior necessidade de uma pessoa é ser aceita e amada, em especial pelas pessoas tidas como importantes (o pai, a mãe, um professor, um namorado etc). Como a aceitação nem sempre ocorre de forma incondicional, a pessoa vai buscar nessas referências modelos de como necessita ser, fazer ou dizer. Ela passa a introjetar crenças, atitudes e mesmo discursos que expressam valores de outrem. Isso faz sentido até porque parte do aprendizado humano reflete uma reprodução do meio. O discurso, pois, de “ter sorte” ou “não ter sorte”, adotado pelas informantes, bem como os respectivos significados culturais que comportam, têm assim origem determinada (SÁNCHEZ E ESCRIBANO, 2000).

Analisando essas histórias de vida, reconheço alguns episódios que funcionam para ratificar nas informantes o sentimento/percepção de “não ter sorte”.

Shirley, catorze anos de idade, foi levada para a prostituição aos doze, por uma prima de apenas dez anos de idade. Já teve um companheiro, mas depois de alguns meses morando juntos o abandonou porque ele a espancava. O irmão mais velho trabalha como flanelinha. A mãe lava roupas para fora, mas não tem clientela certa, é espancada e já sofreu uma tentativa de homicídio por parte do pai de Shirley, que trabalha no cais do porto de Mucuripe e é alcóolatra.

Karol, treze anos de idade. Mora com a mãe e cinco irmãos mais velhos, em uma casa cedida por um conhecido. Os pais se separaram quando ela ainda era pequena. Ele era, segundo a mãe lhe conta, muito ruim para a família. A mãe não tem emprego e também atua como

prostituta. Karol engravidou de um “rapaz” com quem estava ficando, mas abortou. Como é menor na idade, não consegue encontrar um emprego formal.

A estima que um indivíduo sente por sua própria pessoa é de suma importância para sua experiência e seu desenvolvimento vital, para sua saúde psíquica, sua atitude para consigo mesmo e para com os outros. O conceito de si mesmo tem uma influência decisiva em como percebe os acontecimentos, os objetos e as outras pessoas em seu meio ambiente. O autoconceito influi de forma considerável, portanto, no comportamento e nas vivências do indivíduo. Assim, a auto-estima é a atitude valorativa emocional que uma pessoa tem de si mesma, ou seja, a percepção do próprio valor pessoal, proveniente da experiência do meio ambiente e do contato com os outros. Considera-se necessário ter um autoconceito positivo para que o indivíduo consiga uma adaptação adequada, para a felicidade pessoal e para um desempenho eficaz (SÁNCHEZ E ESCRIBANO, 2000).

Os mesmos autores esclarecem a importância da auto-estima para um comportamento social, afetivo e intelectual adequado, pois, quando não possui um autoconceito adequado, uma pessoa não pode estar aberta a suas próprias experiências afetivas, principalmente aos aspectos desfavoráveis de seu caráter.

Assim, aspectos como a autodeterminação e a independência afetiva das informantes também foram afetados negativamente pela carência de um autoconceito bem desenvolvido. A falta de auto-estima influenciou de forma notável no bem-estar espiritual, no próprio nível da satisfação, saúde e capacidade psíquica das adolescentes.

Como para o caso que agora exploro (o de “não ter sorte”), outras informações vão sendo dadas às adolescentes, provenientes do “mundo de fora” (que não o seu, interior). Incorporadas, gradativamente ao longo de suas vidas, essas informações revelam uma racionalidade de auto-proteção contra os preconceitos da sociedade, permitindo assim viverem, ou melhor, sobreviverem no dia-a-dia.

O estigma criado em torno das adolescentes torna-se algo destruturador da personalidade e da auto-estima. Possuir “coração”, para elas significa ser uma pessoa bondosa, caridosa e acima de tudo um ser humano, e o fato de não possuí-lo está associado à condição de pessoa má. As informantes se percebem, no entanto, como pessoas bondosas e, apesar do estigma que carregam garantem sua condição de seres humanos, embora os fregueses não as vejam como tais.

“(...) só que eu faço programa né? Então, as pessoas acham que a gente não é ser humano, que não tem sentimento, que garota de programa não tem coração. Mas a gente tem sim! A diferença é só o programa mesmo!” (Karen, 16 anos).

“Eu sou uma pessoa boa, de bom coração, mas eu preciso fazer isso pra poder viver! É ruim porque as pessoas falam da gente. Tem homem que diz que a gente não tem sentimento!” (Verônica, 14 anos).

Ao falar sobre estigma, Goffmann (1988) explica que as atitudes que os indivíduos têm para com uma pessoa portadora de um estigma, e os atos que empreendidos em relação a ela são bem conhecidos na medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar. Por definição, é claro, acredita-se que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso fazem-se vários tipos de discriminações, mediante as quais, efetivamente, e muitas vezes suas chances de vida são reduzidas. Constrói-se uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social.

Ainda para o mesmo autor, o indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que as pessoas não rotuladas pejorativamente têm. Seus sentimentos mais profundos sobre o que ele é podem confundir a sua sensação de ser uma “pessoa normal”, um ser humano como qualquer outro, uma criatura, portanto, que merece um destino agradável e uma oportunidade legítima. E é assim que as adolescentes se percebem - como pessoas comuns mas que não tiveram sorte na vida, visto que precisam fazer sexo pelo dinheiro.

5.9 PRESA NA REDE GLOBAL DE EXPLORAÇÃO SEXUAL

Além da violência física e psicológica a que são submetidas diariamente, as informantes também sofrem a violência estrutural refletida na rede internacional de exploração sexual que utiliza mecanismos sofisticados para iludir e aliciar as adolescentes para fins de prostituição.

Entendo como necessário nesta discussão falar sobre a rede internacional de exploração sexual que envolve meninas adolescentes em Fortaleza-CE. Não pretendo esgotar o assunto, visto que já foi discutido na revisão de literatura, no entanto, a abordagem feita aqui é com o intuito de revelar de que modo essa rede se articula bem como sua influência sobre a percepção das informantes acerca do assunto.

No dia 15 de março de 2002, o relatório da CPI do turismo sexual foi aprovado na Câmara Municipal de Fortaleza. Nele, sete pessoas - quatro italianos e três brasileiros - foram apontados como integrantes das redes de agenciamento do turismo sexual. A confirmação da existência de uma grande rede de exploração sexual de adolescentes no Ceará veio no dia 1º de junho de 2004, com os depoimentos, à CPI do Congresso Nacional, de um ex-cabeleireiro e de um empresário alemão envolvidos no esquema que vendia pacotes para seus compatriotas por meio de um *site* na Internet (CPI, 2004).

Entre os acusados também estavam proprietários de agências de viagens que organizavam pacotes turísticos, anunciados em jornais europeus, trazendo italianos para a Capital cearense com o objetivo de manterem relações sexuais com prostitutas adultas e adolescentes.

Os pacotes eram vendidos ao custo de dois mil euros, cerca de 7,200 mil reais (por 10 dias de viagem com direito a passagens aéreas, hospedagem e traslado). Além disso, pagavam um adicional de 3,600 mil reais para ter direito a programas com mulheres, inclusive menores (CPI, 2004)

A Polícia Federal cearense está articulada com a Polícia italiana que também prendeu italianos acusados da prática de tal delito. Em Fortaleza, agências de turismo estão sendo investigadas e algumas já foram fechadas. Segundo a Polícia Federal, os pacotes turísticos que traziam cidadãos italianos até Fortaleza tinham uma peculiaridade: todos os passageiros eram homens e os grupos eram formados entre 12 e 18 pessoas que passavam cerca de dez dias em hotéis da orla marítima .

Portanto, tomando como pano de fundo a violência estrutural refletida na rede internacional de exploração sexual, analiso os dados a seguir, os quais emergiram de questionamentos acerca da percepção das informantes sobre a exploração sexual e a prostituição.

É importante compreender como, no imaginário das informantes, existe um modelo explicativo popular para a prostituição e outro para a exploração sexual. O significado atribuído a ambas as práticas de sexo são bem distintos, porém, quando se vivencia este discurso na prática,

entendo que há uma ambigüidade, chegando a uma situação em que não se distingue um do outro.

O grupo de adolescentes entrevistadas foi unânime quando afirmou que a exploração sexual é diferente da prostituição. A menina associa a exploração sexual com a obrigação de fazer o que não quer, com o fato de ser forçada a manter relação sexual ou fazer algum tipo de sexo de que ela não gosta, como sexo oral ou anal, sendo este o pensamento plural dos oito sujeitos.

A exploração sexual também foi relacionada ao não-recebimento do preço combinado ou recepção de valores abaixo da média, visto que os clientes sabem que elas se prostituem pelo dinheiro e se aproveitam disso para pagar um preço baixo.

É interessante observar como apenas Karen associou a condição de ser menor de idade à exploração sexual. As outras informantes não fizeram nenhuma alusão a essa condição. Daí resulta a inferência de que as outras informantes não se percebem na condição de exploradas como adolescentes, mas relacionam o estado a outras variáveis citadas anteriormente.

Outra questão importante está relacionada ao local onde ocorre “o programa”, bem como à clientela. Como as adolescentes não podem freqüentar motéis, por serem menores de idade, elas se submetem ao sexo em qualquer lugar, geralmente dentro do carro, e classificam isto como exploração, diferentemente da prostituição adulta que ocorre em bordéis e muitas vezes tem uma clientela definida com melhor poder aquisitivo, o que para elas não se caracteriza como exploração.

Portanto, um homem que concorda com os termos do programa e respeita o que foi combinado durante a negociação (preço e serviço sem violência) é percebido como um freguês, caso contrário, é considerado um explorador.

Por outro lado, a prostituição é percebida como um comércio, em cuja relação deve haver um preço pago por serviços prestados. Assim, quando uma garota sai com um freguês, mas ele só faz o combinado e paga o preço correto, não se configura exploração e sim prostituição, já que houve um acordo entre ambas as partes. A questão da “liberdade” também foi associada à prostituição, pois os depoimentos revelaram que quando uma garota vai de livre e espontânea vontade, quando ela decide fazer programas, isso caracteriza a prostituição.

A expressão “ir de livre e espontânea vontade”, referida por Verônica, é utilizada pela informante no sentido de praticar o sexo sem coerção . Entendo, porém, que por trás dessa

“liberdade”, existe uma tecnologia de poder favorecida pela exclusão social das classes pobres que empurra essas adolescentes para a prostituição, embora elas não tenham, necessariamente, percepção disto.

“ Às vezes, tem uns muito agressivos, que querem que a gente faça tudo o que eles querem, e até ameaça de não dá nada pra gente. Eu acho que isso é exploração (pausa) quando eles obrigam a gente. A prostituição, a mulher vai porque ela quer e não é obrigada a fazer tudo né? A prostituição, ela tem assim um lugar definido né? E as pessoas que tem mais condição de pagar a mulher. E a exploração é que você fica em qualquer canto, em qualquer esquina, e você tá arriscada a qualquer coisa, e às vezes você faz tudo, até o que não quer e não recebe um tostão.” (Mônica, 14 anos).

“ Exploram muito, porque pagam o preço micharia e ainda querem fazer tudo com a gente. Tudo assim, transar, chupar, e outras coisas (...) tudo isso, entendeu? Tem uns que querem até obrigar. Aí eu acho que isso é exploração. A prostituição é quando já é uma pessoa de maior, ela faz o programa sem nenhum problema. E a exploração é quando a garota é de menor e faz o programa porque precisa, ele sabe que a garota precisa, tá pagando e ainda quer explorar.”(Karen, 16 anos).

“ Eu acho que a prostituição é quando você tá indo de livre e espontânea vontade, é quando você quer. E a exploração já é você fazer obrigada (...). Na minha opinião ser explorada é quando eles querem que a gente faça tudo sem ter vontade, coisas que a gente não quer fazer e eles obrigam. Na exploração sexual você faz coisa que você não quer e a prostituição você faz porque você quer, você sai de casa com aquilo na cabeça, que é pra fazer.”(Verônica, 14 anos).

Também foi evidenciado outro tipo de exploração sexual, aquela exercida pelos donos de boates e casas noturnas, embora com outra roupagem e outros métodos. Portanto, a exploração não acontece somente por parte dos fregueses, mas também pelos chamados “cafetões”, que se utilizam do poder que detêm sobre as garotas para intimidá-las e obrigá-las a trabalhar em proveito deles e de terceiros.

É fácil perceber, então que há um cerceamento da liberdade das garotas, pois, mesmo cansadas e com sono, elas são obrigadas a permanecer ativas enquanto houver freguês na casa, sendo percebidas pelo “cafetão” como fonte de lucro para o estabelecimento.

Existe uma simbologia de troca que se caracteriza pela “comida e pela dormida” da garota na casa, ou seja, o explorador, na pessoa do “cafetão”, lança mão desses artifícios para intimidá-las e coagi-las. Embora tenham uma participação no lucro do programa, o dinheiro que elas ganham nas casas é muito pouco e isso é um fator para preferir a prostituição na rua, visto que, nesta modalidade, não precisam dividir o dinheiro.

O depoimento de Sayonara revela bem essa situação, pois ela começou numa casa de prostituição e conhece todos os mecanismos que engendram tais lugares.

“ (...) mas tem os donos das casas que exploram as meninas. Às vezes aparece um programa, você quer fazer mas a casa já tá encerrando, aí eles não deixam. Aí quer dizer, você passou a noite dando lucro pra casa, bebendo, consumindo, aí na hora de você ter o seu ela não dá. Às vezes, como nessa casa que eu trabalhei, a dona dizia : - Ah, você tá comendo , tá dormindo aqui, você tem que tá no salão! A gente ganha uma parte do dinheiro do programa, mas é muito pouco, então às vezes por causa disso é melhor ir pra rua, mesmo com todos os perigos que a gente corre. Porque muitas vezes eu passava o dia acordada, como é que eu ia agüentar passar a noite toda também?! Na primeira casa que eu trabalhei, eu saí de lá porque apareceu um programa pra mim fazer numa residência e era na praia num lugar esquisito, e eu não fui. Aí porque ele (cafetão) ia perder a parte dele do dinheiro, ele disse: - Pode pegar tuas coisas e ir embora, era uma e meia da manhã e tava chovendo, aí eu fui embora!”(Sayonara 17 anos).

Embora as informantes assinalem que em certas ocasiões são exploradas, o discurso revela que elas não se percebem como integrantes da rede de exploração sexual, pois, segundo as próprias, quando os termos do “contrato” são respeitados pelos fregueses, não há exploração e sim prostituição, visto que elas estão trabalhando.

Diante disso, compreendo que a maneira como a rede delituosa se articula para aliciar as garotas não permite que elas tenham uma visão crítica da realidade, pois os fregueses, na maioria das vezes, são “gringos”, pagam relativamente melhor do que os brasileiros e os encontros acontecem em *flats* e hotéis luxuosos, ou seja, é apresentado para as garotas outro mundo, uma realidade bem diferente do meio social onde elas vivem.

Assim, é que os homens de outros países, sabendo da facilidade encontrada aqui para sair com as adolescentes, saem de seus países e vêm explorar crianças. Além de conspurcar a imagem da Capital cearense, entendo que o maior mal causado por essa prática delituosa se

configura na aniquilação da dignidade das crianças e perda precoce de uma infância que lhes é roubada, pois, no momento em que deveriam estar brincando de boneca ou na escola, elas estão servindo aos desejos e lascívia de homens inescrupulosos.

Esse problema, porém, não acontece apenas no Brasil, pois, em países como a Alemanha, existem cerca de 200 a 400 mil prostitutas, e sessenta por cento dessas mulheres, inclusive menores, são estrangeiras que saem principalmente de países pobres e vão trabalhar ilegalmente na Europa nas zonas de prostituição, dando lucros aos donos dos prostíbulos (OPPERMANN, 1999)

Estudos como os Ryan e Kinder (1996) comprovaram que a indústria do sexo não faz distinção entre a prostituição livre ou forçada, ao contrário, essa indústria encoraja e estimula a entrada de homens e mulheres num negócio ligado financeira e politicamente ao crime organizado utilizando o dinheiro dessas organizações para promover a prostituição.

Diante dessa realidade, torna-se difícil para as informantes se perceberem como uma peça de um grande e complexo jogo que envolve dinheiro e poder. Portanto, há uma perversidade da sociedade que explora crianças e adolescentes, vendendo-as internacionalmente para o mercado do sexo que também envolve uma série de outros crimes geradores de lucro ilícito, como lavagem de dinheiro e tráfico de drogas, além da corrupção de menores.

É de suma importância essa discussão acerca da percepção das informantes sobre ambos os conceitos, visto que, a partir daí, será possível implementar e operacionalizar políticas públicas de prevenção à prostituição juvenil. Como Paulo Freire (2002) destaca, é fundamental partir do princípio de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. O homem não deve ser um simples espectador, a quem não é lícito interferir sobre a realidade para modificá-la. Ele deve utilizar a experiência adquirida para criar, recriar e integrar-se às condições de seu contexto, respondendo aos seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo e transcendendo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das informantes desta pesquisa revelou vidas marcadas por sofrimentos, perdas, violência e dor, em que os sonhos de criança deram lugar à realidade da prostituição como meio de sobrevivência, e, ao contrário do que a sociedade imagina, na prostituição não existe “vida fácil” e sim uma “vida dura” permeada por humilhações, ameaças e perigo de morte.

Não há uma causa definida ou única, mas uma multiplicidade de fatores que levaram as adolescentes a “cair na vida”, conforme elas próprias denominaram. Além disso, essa expressão significa que não foi algo premeditado ou intencional, mas um tropeço, um acidente.

As adolescentes, desde muito, cedo convivem com a violência doméstica manifestada pelo alcoolismo dos pais, irmãos marginalizados e drogados, além da prostituição da própria mãe que precisa sustentar os filhos e para isso vende o corpo. Dessa forma, as histórias de vida vão se repetindo e produzindo um círculo, onde se torna difícil sair e procurar novos horizontes.

A família deve ser um lugar de amor e carinho, proporcionar segurança e tranquilidade para seus membros, no entanto, as minhas informantes não encontraram na família o apoio de que precisavam e foram “empurradas” para a vida na rua. Fortalecer a instituição familiar é um desafio que deve ser enfrentado por estudiosos do assunto, visto que a estrutura a suportar tais problemas se encontra desgastada e mutilada por mecanismos sociais.

Além dos fatores relacionados à família, a “necessidade de se virar” se revelou como um fator indutor da entrada das informantes na prostituição. O próprio local onde foi realizado o estudo denunciava a necessidade financeira das meninas, visto que era uma zona pobre da periferia onde as desigualdades sociais eram gritantes. Assim, as adolescentes eram obrigadas a trazer dinheiro para casa, já que a renda familiar era muito baixa e, na maioria das vezes, os membros da família não trabalhavam. Além disso, algumas entrevistadas eram mães e as responsáveis sozinhas pelo sustento e criação dos filhos.

Trabalhar na rua fazendo bicos como “pastorar” carros, é a opção real que as adolescentes encontram para prover seu sustento e do grupo familiar, já que são levadas a abandonar a escola precocemente. Essa é uma realidade chocante, pois, na idade em que deveriam estar na escola – nove anos de idade – essas crianças estão no território da rua expondo-se aos perigos que esta oferece. E, assim, vão sobrevivendo num espaço demarcado

pelas drogas, violência e prostituição. Sem melhores opções, elas são obrigadas a aceitar e conviver com a vida que a rua lhes oferece.

Essas crianças e adolescentes não deveriam estar na rua na busca de trazer dinheiro para casa, pois essa é uma tarefa para os adultos, os pais. Estes sim deveriam ter um trabalho digno que lhes proporcionasse uma renda satisfatória para prover o sustento da família. Infelizmente, a estrutura do sistema capitalista em que se vive torna essas pessoas cada vez mais excluídas do convívio social e lhes nega direitos básicos como saúde, educação, emprego e moradia. Assim, o rico fica cada vez mais rico e o pobre cada vez mais pobre, existindo uma barreira intransponível entre esses dois mundos, a qual é removida apenas quando os homens ricos exploram sexualmente as crianças e adolescentes pobres.

Portanto as adolescentes não “caíram na vida” instantaneamente, mas houve uma sucessão de fatos e acontecimentos que marcaram a vida das meninas e as direcionou pouco a pouco para a prostituição. Assim, elas saem ou são expulsas de casa por mecanismos alheios à sua vontade; vão para a rua; encontram motivos para permanecer lá, como por exemplo “pastorar” carros; depois praticam furtos e usam drogas, até que enfim chegam a se prostituir.

Deve-se atentar também para os componentes biológicos e psicossociais que fazem parte da realidade das informantes, visto que elas revelaram baixa auto-estima e estratégias de autoproteção e autovalorização como mecanismos de defesa. Frente à vida que levam, elas manifestaram um valor pessoal abalado e diminuído, o que dificulta um resgate da cidadania e uma ressocialização. Além dos fregueses, elas próprias se percebem como mercadorias, objetos que podem ser comprados e depois descartados. Portanto, o freguês é quem deve sair satisfeito, ao contrário das informantes, que estão ali para “ganhar o pão de cada dia” e não sentem prazer nem gostam do que fazem.

Existe uma relação de poder e dominação de gênero do freguês sobre a garota, o que impede uma negociação do uso do preservativo, pois, na maioria das vezes, a garota pede mas acaba mantendo relação sexual desprotegida porque o freguês não quer usar e ela precisa do dinheiro. Embora as meninas tenham conhecimento dos problemas que podem surgir sem o uso do preservativo, esse fato não faz com que elas usem. Portanto, as adolescentes estão desprovidas de *empowerment*, não só para negociar o uso do preservativo, mas, principalmente, por viverem em situação de prostituição e estarem expostas a todos os tipos de perigos, desde a contaminação

por uma DST até a morte pelos próprios fregueses, visto que as estratégias de proteção usadas são mínimas e não sistematizadas.

Nessa perspectiva, a negociação sexual está ligada ao conceito de *empowerment* feminino como atributo individual. Por conseguinte, considero a melhoria da capacidade de comunicação feminina e do acesso à informação sobre o corpo e formas de proteção – por meio de programas de intervenção culturalmente apropriados – central para o fortalecimento da capacidade de negociação sexual das adolescentes.

Ao falar sobre sexo seguro, neste contexto, refiro-me não só ao uso do preservativo, mas também à própria vida das informantes. É necessário ampliar a noção do significado da expressão “sexo seguro” dentro da realidade da prostituição, visto que o sexo representa o ganha pão e o meio pelo qual essas meninas são espancadas, violentadas e podem até morrer. Assim, torna-se imprescindível a criação de estratégias que proporcionem uma “vida segura” no âmbito da prostituição, fortalecendo ações de combate à violência contra a mulher. Entendo a estratégia de uma “vida segura” não como um incentivo à prática da venda do sexo mas como proteção à vida dessas meninas.

Além de todos esses fatores que induzem as adolescentes à prostituição, ainda existe a violência estrutural, manifestada por meio da rede internacional de exploração sexual, que está cada vez mais sofisticada e utiliza mecanismos diversos para aliciar as garotas, apresentando-lhes um mundo de fantasias e facilidades bem diferente do meio social onde foram criadas, fazendo com que elas não se percebam como peças de um jogo de poder e dinheiro.

Portanto, ser explorada, para as informantes, reside no fato de não receber o dinheiro combinado, fazer serviços extras e ser espancada; no entanto, essa é uma visão micro dentro do universo da exploração sexual, visto que muitas vezes elas são exploradas e não se dão conta disso pelo fato de estarem com “gringos”, receberem o preço combinado e freqüentarem hotéis de luxo, coisas que a vida na favela não lhes proporciona. A exploração que existe na prostituição vai além de fatores como dinheiro e violência, pois ela rouba a dignidade das crianças e as transforma em mercadoria, ceifando os sonhos das meninas, obrigadas a se tornarem mulheres tão precocemente.

É de suma importância que as adolescentes se percebam como sujeitos e não objetos, ou seja, elas devem tomar consciência de si mesmas mediante uma compreensão do mundo em que vivem. É preciso que elas consigam fazer uma leitura crítica da realidade, entender que são

pequenas peças de um jogo de poder que as utiliza como instrumento de aquisição de dinheiro. Devem reaver a dignidade e a cidadania dessas meninas que ainda não conhecem o significado dessas palavras, por meio de ações que lhes proporcionem o direito de ser “gente” com direitos e oportunidades reais para uma melhoria da qualidade de vida, eximindo-as de uma culpa que é da sociedade.

A sensibilização do indivíduo ou comunidade é uma tarefa complexa e exige muito por parte do educador. Assim, deve-se revestir de certos cuidados para que os atores sociais não se sintam invadidos e coagidos pelo discurso advindo da *práxis* dos profissionais. Ao se trabalhar com populações, deve-se levar em consideração a historicidade dos comportamentos individuais e coletivos adquiridos bem como da cultura local em que estão inseridos, com a finalidade de compreender como se sucedem as relações sociais no meio em que vivem.

É preciso que as estratégias utilizadas para resgatar as adolescentes das ruas sejam pautadas na humanização, mantendo uma visão holística do ser humano e proporcionando condições reais para o exercício de sua cidadania. Esclareço, ainda, que as ações voltadas para as adolescentes devem ser pautadas em pressupostos educativos e não coercitivos ou punitivos, o que faz com elas se distanciem cada vez mais dos programas assistenciais.

Aliada a essa tomada de consciência das adolescentes, também deve haver a ação do governo no sentido de punir aqueles que exploram sexualmente crianças e adolescentes. Fortalecer as campanhas educativas de combate ao problema, criar uma legislação com penas mais severas para quem pratica esse crime, fiscalizar intensamente lugares tidos como pontos de prostituição infanto-juvenil, proibir os anúncios de jornais que facilitam a prostituição e ação concreta do Juizado de Menores, entre outras, podem ajudar a minimizar o problema.

Entendo como utopia, neste momento, falar em acabar com a prostituição infanto-juvenil, visto que o problema envolve uma série de fatores complexos e interligados que vão engendrando uma estrutura social perversa que transforma as adolescentes em vítimas. Deve haver, porém, a ação de uma equipe multidisciplinar que possa atender as necessidades das adolescentes em situação de risco, visto que a identificação desses fatores é muito importante, pois, conhecendo-os, saberemos como agir para impedir que as adolescentes caiam na prostituição. Devem ser tomadas providências no sentido de combater o problema e promover um resgate da cidadania, auto-estima e dignidade das adolescentes. Para isso, é necessária uma

parceria entre governo e sociedade civil, cada um com sua parcela de responsabilidade e interesse real pelo problema.

A Enfermagem também pode contribuir para a minimização do problema mediante ações educativas de Promoção da Saúde e da qualidade de vida entre as adolescentes nas comunidades. Penso que a tarefa do enfermeiro não é a de pensar pelas meninas ou discursar mecanicamente palestras sobre temas já conhecidos, como métodos contraceptivos ou uso do preservativo, visto que a teoria não leva à prática, como este estudo revelou. Claro é que informações e conhecimentos são importantes, no entanto, considero que as ações educativas não devem ter somente o caráter informativo, mas reflexivo e crítico. Portanto, o grande desafio é ajudá-las a ver o mundo com outros olhos, desenvolvendo a criticidade, cidadania, autonomia, e, acima de tudo, a esperança, percebendo-se como sujeitos ativos e não passivos e tornando-se responsáveis pelas mudanças no meio em que vivem.

Enfim, este estudo possibilitou-me um grande crescimento profissional e pessoal. Mergulhar na realidade da prostituição infanto-juvenil foi um desafio que a vida me ofereceu, visto que eu só conhecia esse mundo pela televisão e pelos jornais. Foi uma experiência gratificante, pois pude constatar e ver de perto como é a vida das pessoas que moram nas favelas, convivendo com a pobreza, a marginalidade e a prostituição. Tive a oportunidade de notar a perversidade social que salta aos olhos de quem observa os detalhes da vida na prostituição. Houve momentos em que pensei em desistir, em decorrência das dificuldades que começaram a surgir, como, por exemplo o perigo de frequentar os pontos de prostituição. Outro sentimento me veio à tona porém, pois, quando comecei a escutar as histórias das meninas, vi que naquele momento, além de pesquisadora, eu, como cidadã, deveria concluir com esmero meu estudo a fim de dar subsídios e possibilitar a implementação de políticas públicas que atendam as necessidades das meninas e suas famílias.

REFERÊNCIAS

ADAM, P; HERZLICH, C. **Sociologie de la maladie et de médecine**. Paris: Nathan Université, 1994.

AIDS : mar de ignorância. **Jornal O Povo**. Fortaleza. P.06. 19 de novembro de 2003.

ALVES-MAZZOTTI, A . J; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**. 2ª Edição. São Paulo: Pioneira, 1999.

ÁVILA, M. B. Direitos reprodutivos, exclusão social e AIDS. *In*: PARKER, R; BARBOSA, R. M. (Org). **Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999, p. 40-48.

AYRES, J. R de C. M; FRANÇA JÚNIOR, I; CALAZANS, G. J; SALETTI FILHO, H.C. Vulnerabilidade e prevenção em tempos de Aids . *In*: PARKER, R; BARBOSA, R. M. (Org). **Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999, p. 49-72..

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOLETIM [da] Rede de educação popular em saúde (*S.l.*) Ano 3, nº 5, 2003.

BOMTEMPO, D; BOSETTI, E; CÉSAR, M. A ; LEAL, M.P (Org). **Exploração sexual de meninas e adolescentes no Brasil**. Brasília/DF: UNESCO/CECRIA, 1995.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Promoção da Saúde. Declaração de Alma-Ata - Carta de Otatwa – Declaração de Adelaide – Declaração de Sundsvall – Declaração de Santafé de Bogotá – Declaração de Jacarta – Rede de Megapaíses – Declaração do México**. Brasília/DF, 2001.

BRASIL. **Mais de meio milhão de meninas são prostituídas no Brasil**. 22/05/2002. Disponível em: <www.adital.gov.br>. Acesso em: 10/11/2004.

BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, 5 (1) : 163-167, 2000.

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Prostituição Infantil: uma CPI para enfrentá-la**. Fortaleza, 1993.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1997.

CARVALHO, M. A . P; ACIOLI, S; STOTZ, E. N. O processo de construção compartilhada do conhecimento: uma experiência de investigação científica do ponto de vista popular. *In* :

VASCONCELOS, E. M. (Org) **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da rede educação popular e saúde. São Paulo: HUCITEC, 2001b. p. 101-114.

CARVALHO, M.A .P. **Análise de um ambiente construtivista de aprendizagem à distância**: estudo da interatividade, da cooperação e da autonomia no curso de gestão descentralizada de recursos humanos em saúde. (Dissertação) Mestrado em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde. Rio de Janeiro: UFRJ/Nutes, 2000.

CEARÁ: radiografia da prostituição em Fortaleza. **O Povo**. Fortaleza, 16 jun. 2003. Disponível em:<www.senado.gov.br>. Acesso em: 10/11/2004.

CEARÁ é a maior porta de saída do tráfico e exploração infantil. **Jornal O Povo**. p. 02. Fortaleza, 29 de julho de 2003.

CORPO à venda. **Correio Brasiliense**. Brasília, 04 jul. 2003. Disponível em: <www.senado.gov.br>. Acesso em : 10 nov. 2004.

CPI faz longa reunião em Fortaleza. **Diário do nordeste**, Fortaleza, 03 jun. 2004. Disponível em:<www.senado.gov.br>. Acesso em: 10/11/2004.

DIMENSTEIN, G. **Meninas da noite**: a prostituição de meninas escravas no Brasil. São Paulo: Ática, 1992.

DIÓGENES, G. **Exploração sexual comercial de adolescentes de ambos os sexos em Fortaleza**. Relatório de pesquisa. Fortaleza, 1998 (mimeo).

DUMONT, L. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

FAÇANHA, M.C. Pesquisa Qualitativa em saúde: diferenças, potencialidades e possibilidades de integração com a pesquisa quantitativa. **Revista Médica da UFC**; 41 (1-2):77-82, 2001.

FARMER, P. **Infections and inequalities**. Berkeley:University of California Press, 2001.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 26ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989.

GIDDENS, A . **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GOFFMANN, E. **Estigma** : notas sobre a manipulação identidade deteriorada. 4ª Ed. Tradução de Márcia Bandeira de Melo Leite Nunes. Rio de Janeiro : Guanabara-Koogan, 1988.

HEILBORN, M. L; BRANDÃO, E. R. Ciências Sociais e sexualidade. *In*: HEILBORN, M.L. (Org). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 1999, p.31-48

HOMEM D'EL REY, D.C. Paradigmas de Educação em Saúde. **Ágere. Revista de Educação e Cultura**. Salvador, v.2, p.53-60,2000.

HOWARD, M. M; FORTENBERRY, D; BLYTE, M. J; ZIMET, G.D; ORR, D. P. Patterns of sexual partnerships among adolescent females. **Journal of Adolescent Health**. Vol.24, pp.300-303, 1999.

INTERPOL. Conferência sobre crimes contra a criança . **Situação das meninas na América Latina**. Relatório do Workshop: Sexo-Turismo. Buenos Aires, 1997 (mimeo).

KALOUSTIAN, S.M (Org). **Família brasileira**: a base de tudo. 3ª Ed. São Paulo : Cortez, 1998.

KLEINMAN, A . **The illness narratives** : suffering, healing and the human condition. United States of America : Basic Books, 1988.

KLINE, A . Minority women and sexual choice in the age of AIDS. **Social Science and Medicine**, vol.34, nº 04, pp.447-457, 1992.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LOYOLA, M. A . A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. *In*: LOYOLA, M. A (Org). **Aids e sexualidade**: o ponto de vista das ciências humanas. Rio de Janeiro : Relumê-Dumará/UERJ, 1994, p.62-75.

MANDÚ, E. N. T. Adolescência : saúde, sexualidade e reprodução. *In*: ABEN/MINISTERIO DA SAÚDE. **Adolescer: compreender, atuar e acolher**: Projeto Acolher. Brasília/DF, 2001, p.61-73.

MARCONI, M. de A ; PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia**: uma introdução. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2001.

MESCHKE, L. L; BARTHOLOMAE, S; ZENTALL, S. R. Adolescent sexuality and parent-adolescent processes: promoting healthy teen choices. **Journal of adolescent health**. Vol.31, pp.264-279, 2002.

MINAYO, M.C. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde: 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MINAYO, M. C ; SOUZA, E. R de S. (Org). **Violência sobre o olhar da saúde**: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar e reformar, reformar e pensamento. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bettrand Brasil, 1999.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. De Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 6ª Ed. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 2002.

- MOSER, A . **O enigma da esfinge: a sexualidade**. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- NAIDOO, J; WILLS, J. **Health Promotion: foundations for practice**. 2ª Ed. London: Balllière Tindall/Royal College of Nursing, 2000.
- OPPERMANN, M; Sex tourism. **Annals of Tourism Research**. Vol.26, nº 02, pp.251-266, 1999.
- PARKER, R. G. Diversidade sexual , análise sexual e educação sobre Aids no Brasil. *In*: LOYOLA, M. A . (Org). **Aids e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas**. Rio de Janeiro : Relumé-Dumará/UERJ, 1994.p.20-29.
- PEDERSEN, W; HEGNA, K. Children and adolescents who sell sex: a community study. **Social Science and Medicine**. Vol. 56, pp.135-147, 2003.
- POLIT, D. F; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em Enfermagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- RAMOS, F. R. S. Bases para uma re-significação do trabalho de enfermagem junto ao adolescente. *In* ABEN/MINISTERIO DA SAÚDE. **Adolescer: compreender, atuar e acolher: Projeto Acolher**. Brasília/DF, 2001, p.11-18.
- RAYMOND, J. G. Prostitution as violence against women: NGO Stonewalling in Beijing and elsewhere. **Women's Studies International Forum**. Vol.21, nº 01, pp.01-09, 1998.
- RELATÓRIO da CPI da Exploração Sexual é aprovado. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 09 jul. 2004. Disponível em: <www.senado.gov.br>. Acesso em : 10/11/2004.
- RIZZINI, I. Infância, adolescência e pobreza na década de 80: a situação da menina no Brasil. *In* : **Violência, poder, escravidão sexual: mulheres e crianças são as principais vítimas**. Conferência Latino-Americana e Caribenha. FAI-SMM-BICE.São Paulo, 1993 (mimeo).
- ROCHA, C. R. M. da; TASSITANO, C. M. L. M; SANTANA, J. S. da S. Acompanhamento do adolescente nas família . *In* ABEN/MINISTERIO DA SAÚDE. **Adolescer: compreender, atuar e acolher: Projeto Acolher**. Brasília/DF, 2001, p.38-44.
- ROCHA, C. R. M. da; FERRIANI, M. das G. C; SOUZA, M. do S. Acompanhamento do adolescente na escola . *In*: ABEN/MINISTERIO DA SAÚDE. **Adolescer: compreender, atuar e acolher: Projeto Acolher**. Brasília/DF, 2001, p.45-51.
- ROCHA, F. H. **Subjetividade e prostituição infanto-juvenil**. (Dissertação) Mestrado em Educação em Saúde. Fundação Edson Queiroz Universidade de Fortaleza, 1999.
- ROSEN, G. **Da polícia médica à medicina social**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

RYAN, C; KINDER, R. Sex, tourism and sex tourism: fulfilling similar needs? **Tourism Management**. Vol.17, nº 07, pp. 507-518, 1996.

SAFFIOTI, H. Exploração sexual de crianças. *In* : AZEVEDO, M. A . (Org). **Crianças vitimizadas**: a síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglu, 1989.

SÁNCHEZ, A . V; ESCRIBANO, E. A . **Medição do autoconceito**. São Paulo : EDUSC, 2000.

SANTANA, J. S. da S. O adolescente no espaço público da rua. *In*: ABEN/MINISTERIO DA SAÚDE. **Adolescer: compreender, atuar e acolher**: Projeto Acolher. Brasília/DF, 2001, p.53-58.

SANTANA, L. O . P. L . **O entardecer no farol**: um estudo etnográfico sobre a percepção da saúde entre pessoas idosas. Dissertação Mestrado em Saúde Pública - Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2004.

SCHRAIBER, L. B. & D'OLIVEIRA, A . F. P. L. Violência contra mulheres: interfaces com a saúde. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. (s.l) 3 (5):11-26, 1999.

SOUSA, F. I. **O Cliente**: o outro lado da prostituição. 2ª Ed. São Paulo:Annablume, 2000.

TONES, K. Health education as empowerment. *In* : SIDELL, M; JONES, L; KATZ, J; PEBERDY, A . **Debates and dilemmas in promoting health**. New York: Palgrave/The Open University, 1997, p.33-42

TRIVIÑOS, A . N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação.1ª Ed. São Paulo: ATLAS, 1987.

UCHÔA, E . Antropologia médica: elementos conceituais e metodológicos para uma abordagem da saúde e da doença. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 10(4): 497-504, out/dez, 1994.

VARELA, Z. M. de V. **Dimensões do cotidiano**: violência doméstica, saúde da mulher e desempenho no trabalho. SILVA, R. M; BARROSO, M. G. T. (Col). Fortaleza:UFC, 1992.

VASCONCELOS, E. M. Participação popular e educação nos primórdios da saúde pública brasileira.. *In* :VASCONCELOS, E. M. (org) **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da rede educação popular e saúde. São Paulo: HUCITEC, 2001b. p.73/100

_____. **Educação popular e a atenção à saúde da família**. 2ª Ed. São Paulo/Sobral: HUCITEC/UVA, 2001 a .

_____. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**. São Paulo: Vozes, 2002.

VICTORA, C.G; KNAUTH, D.R; HASSEN, M.N.A. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VÍDEO-CONFERÊNCIA trata de exploração sexual. **Diário do Nordeste**. Fortaleza , 5 nov. 2003, p. 12.

VIEIRA, L.J.E. de S; BARROSO, M.G.T. A interdisciplinaridade no ensino da educação em saúde . *In* : BARROSO, M.G.T; VIEIRA, N.F.C; VARELA, Z.M. de V. (Org). **Educação em Saúde no contexto da promoção humana**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2003, p.49-54

VOGEL, M. A .**S.O trabalho e a rua –crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80**. São Paulo: Cortez, 1991.

WALDOW, V. R. **Cuidado humano: o resgate necessário**. 2ª Ed. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 1999.

WEARE, K. The contribution of education to health promotion. *In* : BUNTON, R; MACDONALD, G. (Ed). **Health Promotion: disciplines and diversity**. 2ª Ed. London/New York: Routledge, 2000 , p.71-83.

WOOD, K; MAFORAH, F; JEWKES, R. He forced me to love him: putting violence on adolescent sexual health agendas. **Social Science and Medicine**. Vol.47, nº 02, pp.233-242, 1998.

APÊNDICE - A

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1. Fale-me um pouco sobre você.**
- 2. Me conte como é a sua vida.**
- 3. Quando e como iniciou sua vida sexual?**
- 4. Você acha que a prostituição oferece perigos? Se sim, quais?**
- 5. O que você faz para se proteger?**
- 6. Como acontece a “negociação sexual” sobre o uso do preservativo?**
- 7. Na sua opinião, o que significa exploração sexual? E prostituição?**
- 8. Como você se percebe frente a essa realidade?**

APÊNDICE – B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos desenvolvendo uma pesquisa no Bairro Vicente Pizon-Serviluz que tem como título: **“O LADO DURO DA VIDA FÁCIL”**: a exploração sexual de meninas adolescentes da periferia de Fortaleza-CE e o resgate da cidadania, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação em Saúde pela Universidade de Fortaleza –UNIFOR.

Os objetivos deste estudo são os seguintes:

- 1) Compreender os significados de ser menina adolescente e viver em situação de prostituição ;
- 2) Revelar os problemas percebidos, sentidos e vividos pelas adolescentes, os quais influenciam sua vida , no contexto local em que estão inseridas;
- 3) Identificar entre as adolescentes, as competências para a promoção de uma vida sexual saudável, bem como para a sua proteção contra os perigos da prostituição;
- 4) Subsidiar estratégias educativas que empoderem as adolescentes para a promoção da saúde, através da educação e prevenção.

Gostaríamos de lhe convidar a participar desta pesquisa na qual você participará de uma entrevista ,realizada pela própria pesquisadora abaixo assinada, com perguntas referentes aos objetivos do estudo.

Informamos que caso aceite participar será garantido sigilo do dados obtidos, não haverá nenhum gasto financeiro de sua parte, não trará riscos à sua saúde e você pode desistir em qualquer etapa desta pesquisa . Você não será identificada em nenhum momento e terá acesso aos resultados deste estudo bem como o direito à todas as informações sempre que desejar antes, durante e no final desta pesquisa.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que após convenientemente esclarecida pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar da pesquisa.

Fortaleza, _____ de _____ de 2004.

Participante da pesquisa

Nhandejara de Carvalho Costa
Pesquisadora

